



Raymundo Netto

CRÔNICAS *ABSURDAS* de SE GUNDA



Raymundo Netto

**CRÔ
NICAS
ABSURDAS
de SE
GUN
DA**

Fortaleza
2015



Copyright © 2015 by Raymundo Netto

Grafia atualizada segundo o **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990**.

FUNDAÇÃO DEMÓCRITO ROCHA (FDR)

Presidente **João Dummar Neto**

Diretor geral **Marcos Tardin**

EDIÇÕES DEMÓCRITO ROCHA (EDR)

marca registrada da Fundação Demócrito Rocha

Editora executiva **Regina Ribeiro**

Editor adjunto **Raymundo Netto**

Gerente de produção **Sérgio Falcão**

Editor de design **Amaurício Cortez**

Projeto gráfico **Dhara Sena e Raymundo Netto**

Diagramação **Dhara Sena**

Preparação e estabelecimento de texto **Natercia Rocha**

Revisor **Miguel Leocádio Araújo Neto**

Ilustrações (caricaturas capa e miolo) **Valber Benevides**

Ilustrações originais dos jornais **Carlus Campos e Guabiras**

Catálogo na fonte **Kelly Pereira**

Impressão **Expressão Gráfica**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Raymundo Netto

R218c Crônicas absurdas de segunda / Raymundo Netto; ilustrações
Valber Benevides. - Fortaleza:

Edições Demócrito Rocha, 2015.

232p.: il. Color

ISBN 978-85-7529-681-3

1. Literatura. 2. Crônica. 3. Benevides, Valber. I. Título

CDU 82-94(813.1)



Todos os direitos desta edição reservados às

EDIÇÕES DEMÓCRITO ROCHA

Av. Aguanambi, 282/A, Joaquim Távora, Fortaleza – Ceará - CEP: 60055 – 402

Tel: (85) 3255.6037 – 3255.6256 – Fax: (85) 3255.6271

edicoesdemocritorocha.com.br | edr@fdr.com.br | livraria@fdr.com.br

Ao leitor
desconhecido.

“O seu narrador me faz lembrar um senhor de chapéu coco e fraque, muito elegante, cortês. Entusiasmado e fervoroso, vaga pelas ruas a olhar tudo e conversar com quem aparece ali. Gosta de conversa. Um narrador carregado de sentimentos, uma afetividade à flor da pele, e um pouquinho de malícia. Fala num tom de certo gracejo inocente, aproveitando todos os momentos para chistes e improvisos.”

Crônicas Absurdas de Segunda

Raymundo Netto me lembra Alencar. Gosta da linguagem adornada, aqui e ali usa uma palavra surpreendente, aprecia o belo, as entrelinhas. De seu texto emana aquele mesmo aroma derramado pela brisa que perpassou não apenas “os espatos da carnaúba e a ramagem das aroeiras em flor”, mas as ruas, histórias e segredos de uma metrópole toda feita de sertões interiores.

Como o de Alencar, seu texto é cearense, inspirado na limpidez de nosso céu. Tem uma pureza de berço. Deve ser lido na varanda de casa, ao embalo de uma rede, aos “murmúrios do vento que crepita na areia, ou farfalha nas palmas dos coqueiros”, como recomendou Alencar aos leitores de *Iracema*. O texto de Netto é descansado, sonhador, ambulante e dialogado, nunca em silêncio. Nunca solitário. Não se importa com o realismo e mesmo quando é realista carrega a fantasia da memória. Mas, se Alencar estendeu a sua literatura ao imenso Brasil, Raymundo Netto elegeu apenas o Ceará, principalmente a “rapariga civilizada” que é Fortaleza, mas dando umas escapadas pelas cidades que ficam à beira de praias, rios, nas serras, ou caatingas.

O seu narrador me faz lembrar um senhor de chapéu coco e fraque, muito elegante, cortês. Entusiasmado e fervoroso, vaga pelas ruas a olhar tudo e conversar com quem aparece ali. Gosta de conversa. Um narrador carregado de sentimentos, uma afetividade à flor da pele, e um pouquinho de malícia. Fala num tom de certo gracejo inocente, aproveitando todos os momentos para chistes e improvisos. É quase o mesmo narrador do primeiro livro de Netto, *Um conto do passado: cadeiras na calçada*,

romance preciso e admirável, com jeito de crônica, no qual, enquanto se passa uma história de amor, a cidade vai se mostrando e se transformando.

A série de crônicas que Netto aqui apresenta tem uma linha mestra: é uma agenda de encontros com fantasmas. De repente o cronista se depara com algum autor de livros que ele mesmo leu, e não esqueceu. Os seus fantasmas literários tomam corpo e vida, conversam, zombam, tresvariam, surpreendem e nos fazem rir, mas às vezes de olhos marejados.

São escritores antigos ou atuais, uns célebres e outros desconhecidos do leitor, mas todos, gente da terra cearense. Essas visagens não aparecem para discutir literatura nem falar de livros, mas para olhar a cidade e seus costumes, seus personagens pitorescos, suas comidas, músicas, seus maracatus, becos, bares, bibliotecas, as casas demolidas, as preservadas, e mais detalhes. Para se lembrar de lugares e de gente. Travam conversas arrastadas dentro de um ônibus, debaixo de uma castanholeira, num banco de praça, em locais inesperados, sempre cheias de “saudades enlutaradas”.

Conversas que vão montando um novo conto de amor: pela literatura, pelo lugar onde vivemos, pelos escribas e seus livros, pela lembrança, e acima de tudo, amor pela liberdade do devaneio. Como ele mesmo diz, “a linguagem está além da razão humana”. Nestas *Crônicas Absurdas de Segunda* a imaginação nos diz mais do que a própria história.

Ana Miranda

Crônicas de Raymundo Netto

Confesso (e não é força de expressão) que perdi a conta dos prefácios e introduções que escrevi para livros de escritores de nossa terra, mortos e vivos.

Mas revelo que é sempre com prazer que recebo o convite de um escritor para apadrinhar um novo livro seu. Raymundo Netto, que conheci em 2005 numa viagem a Aracati, é autor de dois ou mais livros de ficção e cronista d’**O POVO**, o “mais tradicional e antigo (em exercício) jornal do estado do Ceará”, como ele orgulhosamente lembra. E é justamente uma seleção das crônicas desse periódico o livro que se vai ler.

Estive quase para dizer ao meu amigo que *Crônicas Absurdas de Segunda* dispensam qualquer apresentação, principalmente minha, mas, para ser sincero, aqui se juntaram a honra do convite e o fato, nada despidendo (que passe a palavra), de se tratar de textos que falam do Ceará e, bem ou mal, meu nome estar ligado à literatura cearense.

É interessante a maneira como o escritor trabalha com autores vivos e com autores mortos, indistintamente.

Claro que não falarei aqui de todos os autores que são personagens deste livro, mas Rachel de Queiroz, com quem tive o prazer de estar diversas vezes, hoje habita, em bronze (será bronze?), um banco na praça General Tibúrcio, ou praça dos Leões, pertinho da Academia Cearense de Letras.

Lembro Quintino Cunha, que não alcancei (ele se foi quando eu tinha cinco anos de idade) e que Raymundo homenageia com rara felicidade, aproveitando trechos das famosas *Anedotas do Quintino*, nem todas

referendadas pela Lourdite Cunha, filha mais velha do poeta, orador e boêmio.

Meu saudoso amigo e mestre Moreira Campos não poderia ficar de fora, e o cronista o ressuscita literariamente, dando-lhe o destaque que ele merece como grande contista, o maior da nossa terra, a meu ver.

Milton Dias, nosso cronista maior (pelo menos na minha opinião), escritor que por mais de vinte anos iluminou com sua verve as páginas do mesmo citado jornal, é lembrado *comme il faut*. É louvável a lembrança de Netto pelo fato de Milton não ter sido em nossos dias, a meu ver, homenageado como merece por sua personalidade e por sua obra.

Sou obrigado a confessar que me comoveu profundamente o texto focalizando José Alcides Pinto, esse um amigo querido, poeta e ficcionista, com quem eu tinha um pacto do qual não me envergonho: se alguém falasse mal de mim em sua presença, ele me contava, fazendo eu o mesmo se eu ouvisse alguém falando mal dele...

E Demócrito Rocha, e Eduardo Campos, e Francisco Carvalho! Quanta gente que se foi e que entretanto palpita cheia de vida nas crônicas de Netto!

Minha comoção maior ocorre por conta da crônica falando do livro *Dolentes*, de Lívio Barreto, cuja terceira edição, preparada por Raymundo Netto para a Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, teve uma segunda tiragem para corrigir erros de digitação. O cronista tratou essa edição com todo o carinho e foi, ele mesmo, fazer o lançamento do livro em Granja, terra do poeta. No livro está reproduzida a introdução que escrevi em 1970 para a edição do Centenário do autor, a pedido de Raimundo Girão e de Braga Montenegro. E Raymundo reproduz, na abertura do livro, um fac-símile da folha de rosto da edição príncipe, de 1897, que guardo com carinho, presente que foi da professora Maria da Conceição Souza, minha amiga.

Lívio Barreto foi tema do primeiro artigo que escrevi sobre escritor cearense, e ocupa cerca de 15 páginas de Poesia de todo o tempo, na secção “O Livro de Clã”, estampado no nº 24, de revista, em 1968, quando eu tinha 30 anos de idade. Em 1970, sairia como livro autônomo.

Nos anos 60 do século passado, como revisor d’ *O Estado de S. Paulo*, convivi com Lívio Xavier, sobrinho do poeta, e aqui vim a conhecer mais dois outros sobrinhos, dona Líbia Xavier e Emanuel Xavier.

Para encerrar, direi que meu único filho chama-se Lívio, claro que em homenagem ao poeta cujo livro já afirmei ser “o livro máximo do Simbolismo no Ceará...”

Disse que Raymundo contempla mortos e vivos, e aqui desfilam escritores atuais e atuantes, como Angela Gutiérrez, Horácio Dídimo, Pedro Salgueiro, Ana Miranda, Socorro Acioli, Jorge Pieiro e outros mais.

Há até uma crônica na qual Netto reinventa “a verdadeira história da Padaria Espiritual”, com a participação de vários escritores atuais, inclusive eu, e... Antônio Sales! Quando essa crônica foi estampada no jornal, Noemi Elisa Aderaldo, presidente da Comissão de Redação da *Revista da Academia Cearense de Letras*, sugeriu sua inclusão num dos números desse periódico, o que foi feito...

A presença do meu nome, mais de uma vez, neste livro, é apenas mais uma prova da amizade que me liga a Raymundo Netto, o que muito me honra.

Sânzio de Azevedo

Duas Palavras

Meus amigos,

Crônicas Absurdas de Segunda é uma seleção de textos publicados no caderno “Vida & Arte” do jornal **O POVO**, entre 2007 e 2010, ou seja, os três primeiros dos oito anos que ora completo na peterpânica infância em 2015.

A maior parte dessas crônicas se desenvolvem a partir de “encontros” com escritores e personalidades cearenses vivos ou mortos – em literatura isso não faz muita diferença –, em um exercício intertextual, contextualizados com acontecimentos na cidade de Fortaleza, palco que serve de frigideira para a maioria dessa omelete.

A princípio, numa percepção meramente editorial, optei por diversificar a distribuição dos textos, alternando os longos com os curtos, os humorados com os melancólicos, enfatizando personagens mais conhecidos ao lado daqueles menos badalados – não necessariamente menos importantes –, entre outros critérios ridículos, assim como os são as cartas de Pessoa. Entretanto, por uma comichão de historiador mal resolvido e da qual não consigo me livrar, decidi publicá-las em ordem cronológica, de forma que será possível ao leitor crítico e enxerido acompanhar mais de perto o desenvolvimento e o momento da produção deste escritor que se apresenta, da mesma forma como o fez, despretensiosamente, em suas cadeiras na calçada ou num torrão acangapeba.

Hoje, ao tatear essas breves linhas, me dei conta de que nunca havia escrito uma crônica sequer antes de ser convidado a fazê-lo para o “Vida & Arte”. Posso dizer, então, que tive a ventura de estreiar diretamente na

soleira de **O POVO**, título bravo e retumbante do mais tradicional e antigo jornal em circulação no estado do Ceará.

Numa conversa com a escritora Ana Miranda, uns dois anos antes, ela me falava sobre a importância do escritor delinear o seu projeto literário. Quando convidado, lembrei-me disso, e pensei qual seria o projeto literário para essas crônicas. A única exigência da editora: “Ter como tema a cidade de Fortaleza”. Foi quando, em conversa silenciosa com Rachel de Queiroz, aquela que reside na praça dos Leões, alumiu-se um relampo de ideia e acordamos em escrever sobre a cidade a partir da voz de seus escritores, em especial a dos seus cronistas. Assim, em 5 de março de 2007, lancei-me com “A moça do zepelim prateado”, estrelado por aquela que me deu o “toque”.

Na época, éramos quatro – eu, Pedro Salgueiro, Jorge Pieiro e Fabiano dos Santos. As nossas colaborações seriam mensais, e às segundas-feiras (daí o título), depois passamos às sextas, mais tarde às quartas-feiras e, atualmente, aos sábados, quando pulo carniça com o Pedro Salgueiro – Fabiano dos Santos inaugurou o espaço, mas devido a atividades outras publicou apenas uma crônica. O Jorge, após alguns anos, também optou em deixar a coluna.

Confesso que não foi fácil escrever essas crônicas – que cheguei a denominar de *crônicas-ensaio* –, ficando até aliviado quando, em 2011, reduziram o espaço destinado a elas – antes, chegavam a tomar uma página inteira do caderno. Pois bem, às vezes elegia os *autores-personagens* – principalmente os falecidos – devido às efemérides de costume, como datas de nascimento ou de falecimento, pela simples homenagem de leitor ou devido ao momento histórico, enfim. Entretanto, naqueles dias e com esse propósito, exigia-me a leitura, a máxima possível, sobre o autor e a sua obra, apropriando-me de sua voz, de seu jeito, quase caricatural, preenchendo o texto com entrelinhas de valor simbólico – que embora nunca tivesse a certeza da sua plena captação pelo leitor, por outro lado, cria

que, por uma ação quase onírica e inconsciente, coloria o texto e conferia verossimilhança à história “absurda” –, além de retratar o ambiente espacial que correspondesse à sua, por vezes, imediata identificação.

Algumas crônicas, como a que se remete ao Milton Dias, por exemplo, tive que desbastar umas dez páginas para publicar, aprendendo que cortar é uma arte tão exigente quanto a de escrever. Mas não quero me deter a falar sobre isso. Em “Cortina de memórias: à madrinha Rachel”, que o leitor encontrará neste volume, conhecerá um pouco dessa história e do processo de sua produção.

A obra traz três crônicas inéditas, textos elaborados ou iniciados naquele período e que têm relação com a proposta inicial, e, por isso, as publico agora. Outras, entretanto, publicadas, mas em contexto e temática distintos, publicarei posteriormente, se me for possível pensar em futuro.

Não posso me furtar de compartilhar da minha surpresa e alegria pelos encontros proporcionados após esses outros encontros invencionados nas folhas tão queridas de jornal, veículo e berço sempre de aconchego da história das crônicas brasileiras. Por intermédio da escrita, da literatura, minha vida mudou de curso, quase que completamente, e me apresentou a diversas pessoas, geralmente familiares, amigos, colegas e até pesquisadores dos autores-personagens citados. Chegavam-me, como presentes, material inédito dos autores, livros, e-mails, ligações inesperadas, revelações empoeiradas dos baús do esquecimento, tudo com emoção de guardar em retratos de parede. Eram pessoas que nunca vira antes, mas que decerto não me eram – nem poderiam ser – estranhas, aparentemente unidos pela mesma dor, respeito e alegria. Parecia que pela cor da saudade nos entendíamos. A linguagem está além da razão humana e é toda ela, assim como a irreprimível água que corre no silêncio subterrâneo, mas que um dia estoura e jorra em algum lugar, bastando-lhe encontrar o canal certo.

Daí eu posso afirmar a você, leitor, em confidência quase que incontida: essa obra, mais do que qualquer outra que publiquei até hoje, tem uma

importância afetiva que chega a assustar, a apertar o coração de tanta ternura e gratidão, a completar os poros de significados.

Espero que gostem do resultado. Ele diz muito mais do que eu poderia fazê-lo nas prometidas *duas palavras*.

E, para finalizar, ofereço esse livro a todos aqueles que nunca me abandonaram e que se deixaram levar, pelo menos, em um texto sequer. Àqueles que, após a leitura de uma crônica absurda de segunda, conseguiram com o sorriso iluminar de vida a sua primeira hora da manhã.

Por esse sorriso, a minha vida.

Raymundo Netto

Abril de 2015

sumário

Crônicas absurdas de segunda

Ana Miranda

Crônicas de Raymundo Netto

Sânzio de Azevedo

Duas palavras

Raymundo Netto

A moça

do Zepelim Prateado

A Dança

das Cadeiras

Ao Corredor

da Pena

A Rebelião

dos Museus

Molequentino

A Fofocaria

Um Monte

de Barata

A Casa

Vazia

“Até um Dia”

a Eduardo Campos

O Teatro

Transcendental Cearense

Ramos

ao Passeio Público!

Do Dia em que

Choveu Poesia

Uma Crônica

de Natal

A Leitura

de um Apagão

O Cordel em

Saudade Enluarada

O Habitante do Panaplo

e blá-blá-blá

Crônicas

Sem Respostas

Fortaleza

de Balões

A Peleja de Dom Zé Alcides

e o Dragão de Sobral

Memórias de Nós,
Pobres Espantalhos!

Ana Crônica

A Academia
do Beco

Comendo Lagartas
e Defecendo Borboletas

Vida, Vento, Vela,
Leva-me (logo) Daqui

A Justiça se Faz de Cega,
mas Expia

O Cortejo
“Confederados!”

Viçosalianas
crônica-lamento

Granja Do(L)ente

Maracajá... JÁ!

Presciência Crônica
uma Odisseia sem Homero

“O Pão” Nosso! a verdadeira
história da Padaria Espiritual

O Livro e a Leitura
dos Sentimentos do Mundo

Cortina de Memórias
— à madrinha Rachel —

O Escritor de Aluguel
crônica-reportagem

Majornada Cearense

SopÓpera
crônica poemarcelo bittencourt

Velho Ano Novo

Fortalezantiga

Niltoctopus

Um Dândi
Pós-Moderno

Biografia

Referências
Bibliográficas



A moça do Zepelim Prateado

5 de março de 2007

Numa dessas manhãs chuvosas em que dá uma vontade doida de sair para o centro da cidade a fotografar prédios antigos, estava eu num dos locais mais queridos para mim: a praça dos Leões. Digo praça do Leões, por se tratar do nome afetivo, autêntico, o batismo do povo, ao contrário da denominação oficial de praça General Tibúrcio.

Sentei num dos seus bancos de madeira, sob as árvores enegrecidas, e me pus a pensar no tema para a minha primeira crônica do jornal. Afinal, o que escreveria para você?

Ao meu lado, a dona Rachel de Queiroz, que por ali também curtia a fresca na praça, ria-se da minha preocupação que já não lhe era estranha. Ao pescoço, desenhava-lhe apenas um discreto colar de contas. Tinha as pernas cruzadas, os braços de Clotilde¹ levemente pousados sob curtas mangas, as mãos sobrepostas e, com vagar, discorria:

– Divertir um pouco o tédio alheio é tão gratificante. Ah, mas não pense em escrever sobre política. Não fale em política, por favor... azeda tudo! – sorrindo, bateu as pontas dos dedos nos lábios – Cala-te boca, Rachel...

Há pouco, dizia estar contrariada. Seus óculos haviam se quebrado e, por fim, desapareceram. Agora não, com óculos novos, já enxergava melhor. A pele bronzeada, sentia, lhe conferia jovialidade, certo ar de eternidade. Ah, adorava aquela praça quando estava apinhada de gente. Dali, ela chegava a sugerir livros na habitual feira do troca-troca; observava, de longe, os devotos que se chegavam à igreja do Rosário a pedir favores, a buscarem uma pazinha qualquer; admirava o róseo Palacete Brasil, de *quinze*, e assistia ao entra e sai dos alheios colegas na Academia.

Aos domingos, entretanto, quando o movimento da praça diminuía, se enfadava, tentava trocar algumas ideias com o velho general², que andava

sempre muito distante, austero, contando histórias de guerra, recusando a todo esforço abandonar o seu posto militar. Que jeito...

– É, Raymundo, tem dia em que eu daria dez anos de vida por um pedacinho bem árido de caatinga, um riacho seco, um marmeleiral ralo, uma vereda pedregosa, sem nada de arvoredos luxuriantes, nem lindos recantos de mar, nem casinhas pitorescas, sem nada deste insolente e barato cenário tropical. Vivo aqui abafada, enjoada de esplendor, gemendo sob a eterna, a humilhante sensação de que estou servindo, sem querer, como figurante de um filme colorido.

Contou-me que, vaidosa, preocupava-se com sua estampa, e, felizmente, em seus cabelos não havia um fio sequer fora do lugar.

– Você sabe, ando que não escrevo mais. As juntas estão um pouco duras... Mas, para meu consolo, recebo tantas visitas, menino! Algumas pessoas vêm tirar fotos comigo; outras, em dias de calor, vêm repousar a cabeça em meu colo. Dizem que é geladinho – sorrindo, corou a pele firme. Outros, embora nem me conheçam, se apresentam, me chamam por “minha tia”, sentam em meu banco. Repare, além de uma cadeira, agora ocupo um banco... – graceja – e olhe que pouco sei falar em coisas delicadas, em coisas amáveis. Sou uma mulher rústica, muito pegada à terra, muito perto dos bichos, dos negros, dos caboclos, das coisas elementares do chão e do céu.

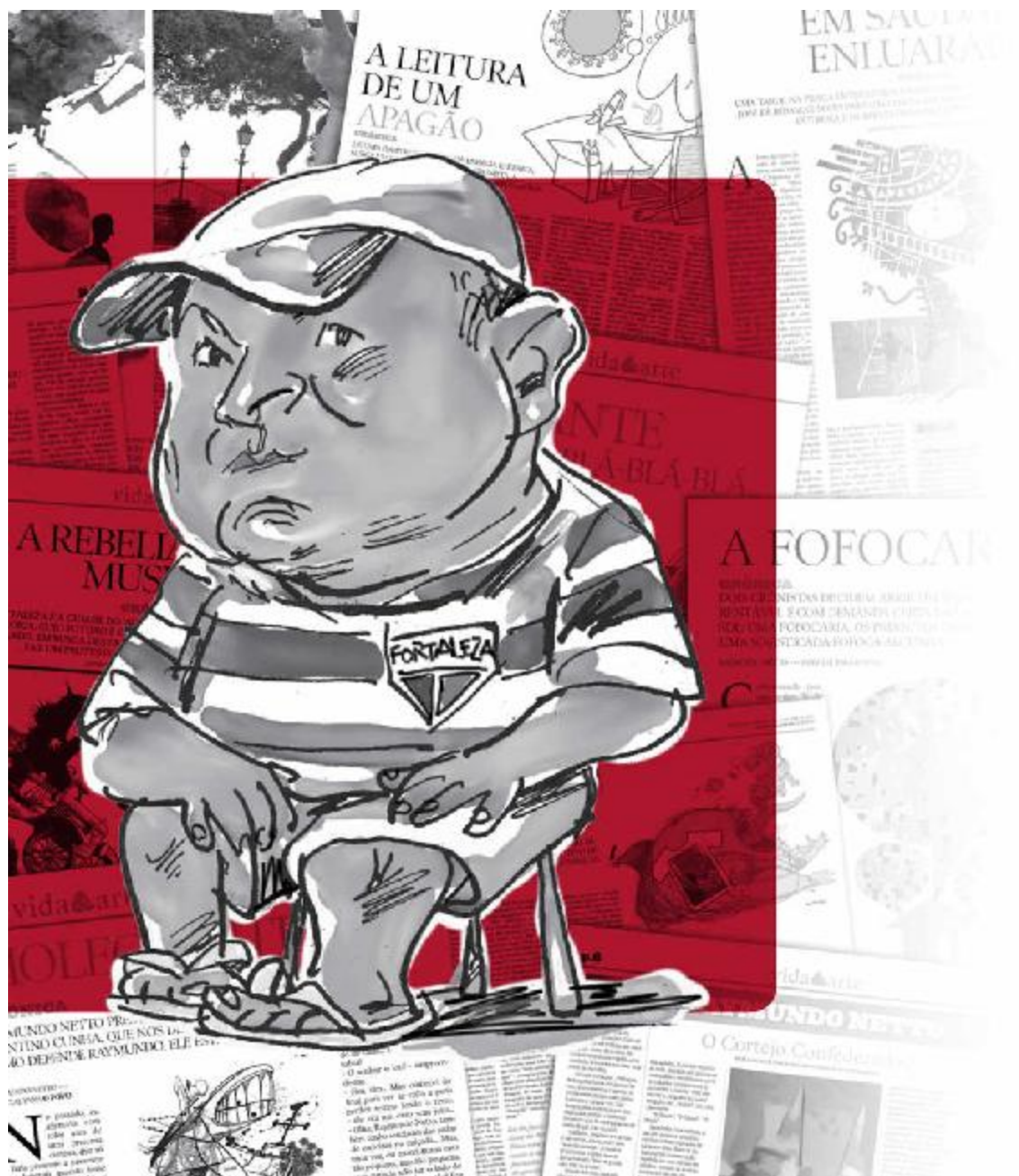
Voltou a falar da crônica. Perguntou sobre a derradeira. Avivava os olhos com interesse e disse, me segurando pelas mãos, que vez ou outra haveria de não agradar, que ninguém neste mundo era perfeito, que todos tínhamos as nossas opiniões obstinadas e que havia, naturalmente, muito pé para discordância. Contudo, se isso acontecesse, nem seria preciso fazer as pazes com você, jornaleiro, pois, em seu coração, assim como no meu, só haveria espaço para amizade e silêncio.

Fazia-se tarde, despedi-me, ela franziu a testa:

– Ah, *não me deixes*, querido.

- Ora, dona Rachel, a senhora não sabe que sempre volto?
- Sim, é verdade, você sempre volta... mas é que eu tenho saudade de poder chorar “as lágrimas mais amargas e mais quentes que tinha nos olhos” como uma *Tangerine girl*.

Rachel de Queiroz (1910 - 2003) é cearense de Quixadá, onde se localiza a fazenda *Não me Deixes*. Jornalista, tradutora, romancista, contista e cronista, autora de *O quinze*, *As três Marias*, *Caminho de pedras*, *A donzela e a Moura Torta*, *A beata Maria do Egito* e *Memorial de Maria Moura*, entre outros, além de contos como “Tangerine Girl”. Em 1977, foi eleita para a Academia Brasileira de Letras, sendo a primeira mulher a tomar assento na entidade. Foi colaboradora e cronista do jornal **O POVO** desde a sua fundação, a convite do amigo e incentivador Demócrito Rocha. Alguns dos trechos de sua fala foram extraídos e adaptados de sua primeira crônica, a “Crônica nº 1”, escrita para a coluna “Última página”, na revista *O Cruzeiro*, em dezembro de 1945.



A Dança das Cadeiras

2 de abril de 2007

Quase todos os dias, o amigo Pedro Salgueiro costuma sentar-se num barzinho de pé de calçada³ por detrás da pracinha da Gentilândia. Os amigos sempre o convidam para ir a outros locais, outros bares, restaurantes, cafés, mas nada: se quiserem realmente encontrá-lo, tem de ser ali!

Posta-se ao lado do meio-fio, quase embaixo de uma castanholeira. Encolhe o tronco, entrelaça os dedos por sobre a barriga, cruza as chinelas chocalhando os joelhos nus e põe-se a uma conversa arrastada, quase sem fim. Interrompe apenas para erguer o braço a empunhar um copo de cerveja gelada ou para dentear o espeto de tripa assada na brasa.

Entre as suas manias, há uma bem estranha: numa roda de amigos, é sempre o último a se levantar para ir embora. Sabe ele, e disso tem convicção, que aqueles que levantam e se vão, viram logo candidatos à falação, à fofoca e à célebre outorga de apelidos pelos demais. Assim, pode raiar o dia, mas ele não sai dali, nem a pau, antes que o último dos amigos levante e se vá.

Um dia, no auge de sua obsessão, cismou que ser o último a sair da mesa não era o suficiente. Poderia haver conhecidos em outras mesas, na esquina, no balcão. Quem sabe se Antônio, o garçom que o atendia, se aproveitaria então para falar dele às costas? Teimou: ele não sairia dali enquanto todos não fossem embora e se certificasse de que o dono do bar colocara os cadeados e os ferrolhos. Mas, e se voltassem? E se estivessem esperando por detrás dos muros, nas esquinas, a se rirem dele? Não, ele não se levantaria dali. Não mesmo.

Assim, se passaram os dias. Ele, veja só, por tanto tempo ali, começou a ser tratado como um móvel do bar: uma cadeira, uma prateleira, uma pia,

um cinzeiro, um poste...

Vez ou outra, os solitários do mundo pediam licença para sentar-se em sua companhia. Ele, naturalmente, desfiava conversa, contava histórias de sua Tamboril e, mais raramente, arriscava piadas sem gargalhadeados. Entretanto, ao ser questionado sobre quando se iria, respondia taxativo: “Só depois de você...”

Com o tempo, mudaram as caras; outras chegavam; aquelas outras partiam para nunca mais, e ele não diminuía a guarda, sempre com a nítida impressão de que estavam a espreitá-lo, a esperar a sua lograda partida. Ria-se só!

Imagine, criativo leitor, que passaram 50, 100, 200 anos e, naquela mesinha de plástico próxima à calçada, Pedro Salgueiro ainda se mantém alerta.

Ele está mais magro, mais careca – ou a cabeça maior, não se sabe. Não há mais tripas nem paneladas. O garçom se foi e o dono do bar também. O copo cheio de cinzas e areias. As chinelas cruzadas debaixo da mesa. Os dedos sobrepostos sobre as costelas magras. A camisa do time favorito descolorida pela chuva-sol, e Pedro não sai dali, nem a pau!

Daí, em meio à cortina de fumaça e poeira ferruginosa, um estranho aparece. Pedro pensa: “Fazia tempo que ninguém me ocupava o assento à mesa...”

Observa, então, aquele indivíduo comprido, esverdeado, de longos pares de antenas acima dos olhos negros. A boca mais parecida com um umbigo. Com seus poucos dedos, o sujeito fez gestos leves, amistosos. Pedro Salgueiro olhou para ele e, com a cabeça, deu-lhe assentimento: “Pode sentar, seu cabra.”

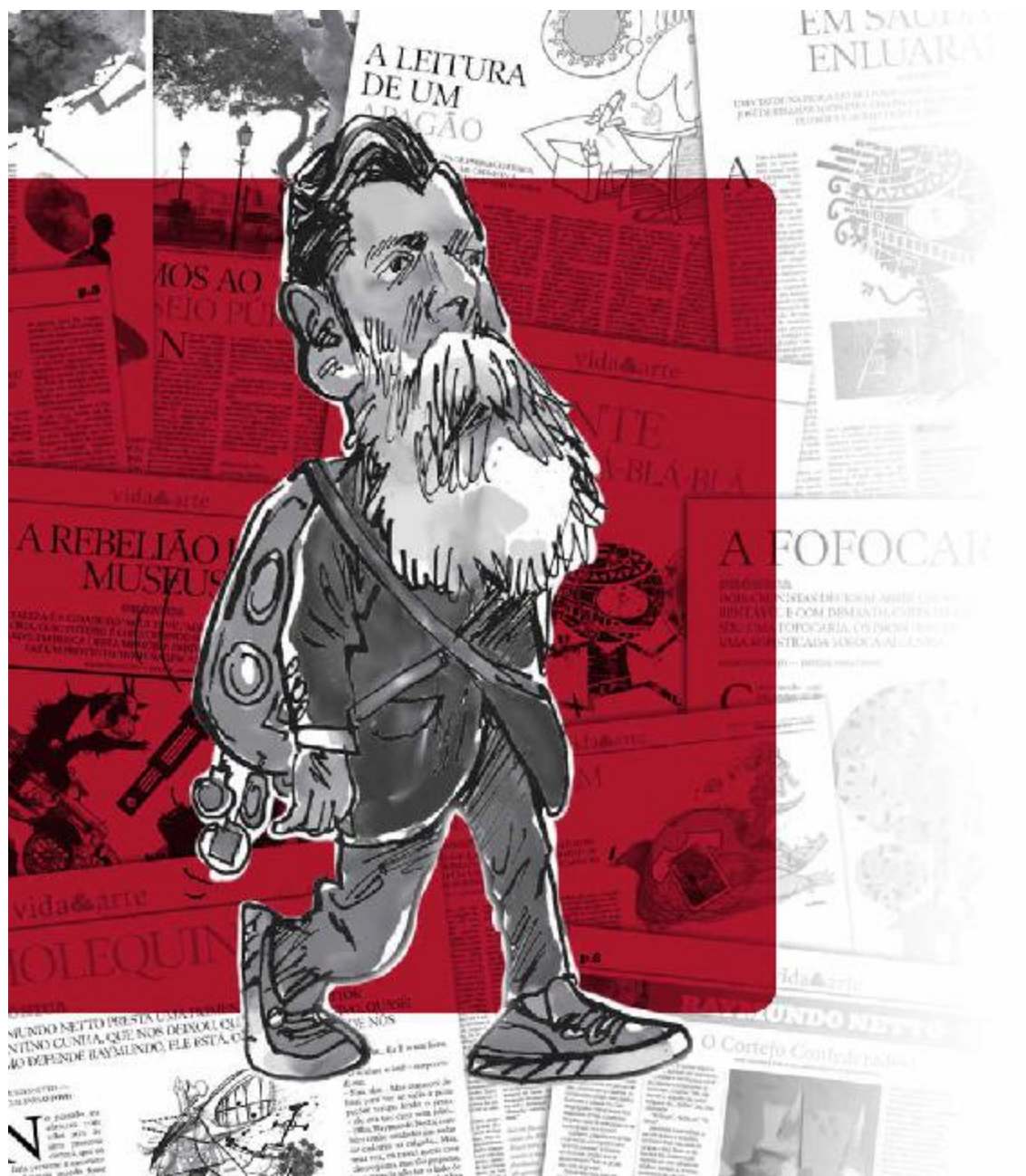
Verboso, o visitante se pôs a falar sobre o universo, o céu, as estrelas, a viagem cansativa. Disse que lamentava a Terra ter sido destruída pelas guerras, pela violência, pela ambição, pela falta de coisa melhor para fazer e

confessa: estranhou ainda encontrar um único exemplar vivo dessa espécie por ali, já que a humanidade inteira sucumbira havia tempos.

Sereno, rodando com os dedos o copo na mesa, Pedro discorreu sobre a sua pequena cidade de origem que, pelo relato, parecia ao estrangeiro tratar-se da capital mundial da Terra. Falou das pessoas, de causos, do açude Carão, da reconhecida coragem do general Sampaio e das boas partidas de futebol, de longe a arte maior criada pelo homem!

Pedro Salgueiro (1964) nasceu em Tamboril, Ceará. Contista e cronista, autor de *O peso do morto*, *O espantalho*, *Brincar com armas*, *Dos valores do inimigo* (obra indicada para o vestibular da Universidade Federal do Ceará), *Inimigos* (indicado para o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, em 2008) e *Fortaleza voadora*. É coeditor da *CAOS portátil: um almanaque de contos* e da *Para mamíferos*, ambas revistas literárias. Desde 2007 escreve crônicas para o caderno “Vida & Arte” do jornal **O POVO**.

O estrangeiro, ávido, a tudo ouvia e registrava. Entusiasmado, percebera estar diante de um grande achado científico e antropológico. Convidou o Pedro para partir com ele, explorar outras galáxias, narrar as experiências daquele mundinho atrasado a outros povos. Pedro olhou para o fundo árido do copo e, molhando o lábio seco com a língua, concordou. Antes, porém, soltou um meio-sorriso maledicente, sacudiu a cabeça mergulhada entre os ombros, e disse, apontando à frente: “Vai tu primeiro, gafanhoto!”



Ao Corredor da Pena

30 de abril de 2007

Como é difícil andar de ônibus, nas horas de pico, em Fortaleza.

Vocês, leitores, que durante a semana já cumprem rigorosamente esse martírio, fiquem à vontade para não embarcar nessa crônica ambulante. Caso contrário, audazes e teimosos, sejam bem-vindos e se abanquem, se conseguirem assentos vagos, é claro.

Hoje precisei tomar uma condução da linha *Antônio Bezerra/Messejana* que, para variar, estava com passageiros a sair pelas janelas. Era um empurra-empurra danado, além do calor, da criancinha passando mal no colo magro da mãe, do sofrimento dos velhinhos para entrar pela frente e da sucessão de sacolejados, que há quem jure por tudo no mundo: esse “troço” vai virar...

Não vão acreditar, pois, até eu que não sou de me impressionar com essas coisas, estranhei: em meio a toda aquela confusão, reconheci, logo ali, em pé, de mochila nas costas por sobre a casaca, o José de Alencar. Com o colarinho branco empapado pelo suor que escorria em bicas, se equilibrava, segurando no apoio de um assento, enquanto que, com outra mão, empunhava um livro do Hoffman. Que louco poderia imaginar encontrá-lo naquele ônibus e, justamente, na véspera de seu aniversário? Ao me reconhecer, comedido, cumprimentou:

– Salve, salve, prezado folhetinista!

– Folhetinista, eu? – respondi, ainda surpreso.

Mencionou, então, que vinha de sua casa, o sítio do Alagadiço Novo, em *Mecejana* (gosta mais assim, com “c” ao invés do “ss”), pois não tinha pisado lá ainda desde a sua última reforma. Vaidoso, se encantou, e disse que havia passado uma tarde muito agradável, flanando pelo terreno, em

companhia da professora Angela Gutiérrez⁴, a desfiar da memória as recordações da cazuza infância.

Dirigia-se agora ao centro da cidade. Não escondia, porém, a tristeza com o estado em que ele se encontrava:

– Como o povo cearense pode permitir tamanho descaso e desperdício? Diga-me, Raymundo, como se pode falar em qualificar e aformosear o centro histórico da cidade se o poder público é o primeiro a abandoná-lo? Veja bem: a sede do governo estadual, para começar, deixou o Palácio da Luz; depois, o governo municipal abandonou o Paço para nunca mais⁵; os vereadores também debandaram para bem distante e, não bastasse isso, o Judiciário conseguiu fazer por desaparecer o prédio INTEIRO do Fórum Clóvis Beviláqua⁶... Apesar de que – ironizou –, nesse caso, até me causa admiração o fórum ter resistido durante tanto tempo, estando à vizinhança do velho imperador⁷. Ora, se tendo a antiga Sé às suas barbas ele não evitou que a demolissem! Realmente, o homem é um pé-frio. Que *pena*, que *pena*! Bem, mas vale tarde do que nunca. Esperemos o dia em que poderemos lançar os olhos em nossa cidade e contemplar a paz e a prosperidade.

A conversa foi interrompida quando Alencar viu, com assombro, emergir, em meio às águas da lagoa de Messejana, a verde estátua de Iracema. Sacudiu a cabeça, censuroso, ao observar-lhe as feições:

– Com santo respeito, mas não tem parecença alguma com a minha Iracema! Assemelha-se mais às obras dos senhores Magalhães⁸!

De repente, tirou do rosto os óculos em aros dourados e os substituiu por um grosseiro par de armações tartaruga, sacado de um estojo de marroquim roxo⁹, fitando-me:

– Esta é a luneta mágica. Com ela, misteriosamente, posso ler em sua boca os seus mais sinceros e secretos pensamentos – sorriu. – Ah, então é assim? Que coisa! – trocou os óculos novamente, mudando de assunto e discorrendo sobre a crônica:

– É uma felicidade que não me tenha dado ainda ao trabalho de saber quem foi o inventor deste monstro de Horácio chamado crônica, senão aproveitaria algum momento em que estivesse de candeias às avessas e lhe escreveria uma biografia que havia de fazer esse sujeito, inventor de tão desastrada ideia, ter um inferno no purgatório onde ele, necessariamente, deve estar, concorda? Afinal, como se pode hoje brincar sobre um assunto, escrever uma página em estilo mimoso, falar de flores e música, se o eco da cidade nos responde de longe: pão, epidemia, socorros públicos e enfermarias?

O ônibus solavancou, quase arrancando o Alencar junto. Protestou em alta voz:

– Mais devagar, boleiro, que aqui vai gente! Para que tanta pressa, rapaz?

Após o protesto, e as vaias dos passageiros da “geral”, parou para pigarrear e engolir a incômoda tosse tratada há algum tempo com homeopatia, enquanto conferia ligeiras palmadas em algumas mãos que desciam descuidadas nos bolsos de sua casaca em risca de giz.

– Ora, e mais essa... – voltou-se, desolado, e continuou:

– Invejo você, Raymundo. Eu, por diversos motivos, alguns fatais, tive de deixar a minha boa pena de folhetinista, minha amiga de tantos dias e confidente de minhas mágoas. Tenho saudades daqueles tempos em que ela brincava comigo, sorrindo, coqueteando, desfolhando as flores da imaginação, e levando-me pelos espaços infintos da fantasia. Os outros a esquecerão, mas eu me lembrarei dela sempre e basta isso para consolá-la!

José de Alencar (1829 - 1877) nasceu em Messejana, Ceará. Em 1854, começou a publicar, aos domingos, no rodapé da primeira página (folhetim/crônica) do *Correio mercantil*, a coluna “Ao correr da pena”. Após a sua saída do *Correio*, trabalhou, a partir de 1855, no *Diário do Rio de Janeiro*, folha na qual protagonizou a célebre polêmica com o poeta Gonçalves de Magalhães. Escreveu *Como e porque sou romancista* (autobiográfico), publicado postumamente em 1893, além de *Iracema*, *O guarani*, e tantas outras obras. No texto, algumas falas de Alencar foram extraídas e adaptadas a partir das crônicas de *Ao correr da pena*.

Nisso, uma adolescente morena cor de jambo, de cabelos à rabo de cavalo negrejante, lábios grossos feitos para sorrir e olhos amendoados de graça radiante, pediu-lhe passagem. Vestia farda de escola pública, meio surrada e suja, e trazia bem junto ao peito um conjunto de cadernos e estojo corde-rosa da *Hello Kitty*. Olhou para o escritor e pôs-se a disfarçar o sorriso perolado, coberto a mão de pequenos dedos com unhas devoradas, deixando escapar a gargalhada gostosa, de pura mangação, logo compartilhada pela coleguinha, também risonha, a mascar chicletes. Alencar brilhou os olhos, a cumprimentou com duas cortesias do estilo, revelou um sorriso simpático em meio à barba estrelada de suor, temperou a garganta e, com os olhos por cima dos óculos, dirigiu-lhe a palavra:

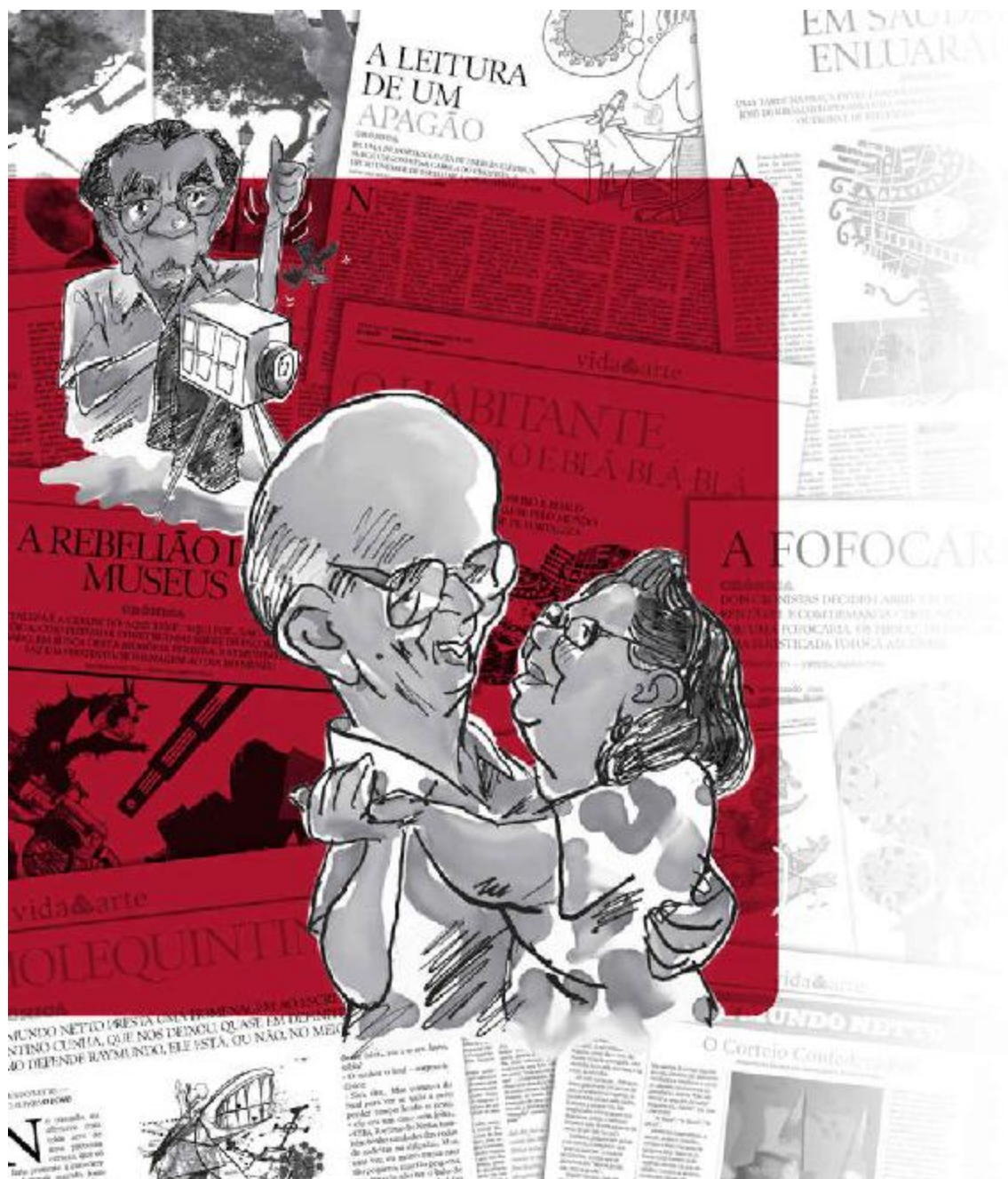
– Qual a sua graça, mocinha, posso saber?

– Iracema, *seu* Zé... Iracema da Silva!

Voltando-se para mim, interrogou:

– E então, meu caro, você já percebeu como e por que sou cronista?

“Olhou para o escritor e pôs-se a disfarçar o sorriso perolado, coberto a mão de pequenos dedos com unhas devoradas, deixando escapar a gargalhada gostosa, de pura mangação, logo compartilhada pela coleguinha, também risonha, a mascar chicletes.”



A Rebelião DOS MUSEUS

28 de maio de 2007

Prezado leitor, você conhece alguém que goste de juntar no canto do quarto, em cima do guarda-roupa ou naquele puxadinho do quintal um monte de cacarecos, caixas de sapatos, ferro-velho ou antigalhas que não servem para nada, a não ser juntar pó e teia de aranha? Então, meu amigo, olha o respeito: você pode estar diante de um museófilo! Pois sim, no Dia do Museu, 18 de maio, a praça do Ferreira, o *coração da cidade*, quase enfartou! Soube não?

Nesse dia, quando cheguei à praça, notei um grupo de índios pitaguarys, tremembés e tapebas que dançavam o *torém* em círculos, dirigidos por um gordo pajé a balançar suas maracas, mantendo, aos berros, amarrado feito prisioneiro à Coluna da Hora, o Oswald Barroso, que clamava: “A memória é universal! A memória é universal!”.

Ao lado do *Excelsior Hotel*, o memorialista Marciano Lopes assistia à cena, tranquilo, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça, agudando a vista com caretas, enquanto os poucos fios de cabelo esvoaçavam ao famoso vento encanado. Perguntei ao Marciano se ele não achava que deveríamos tentar libertar o Oswald:

– Eu, ir acolá? Está louco? Vão acabar me prendendo também! Prefiro ficar por aqui mesmo, tentando relembrar a saudade das *scenas d’antanho*. Acabou-se tudo, Raymundo! Na cidade, acabou-se tudo... – falou-me, com tristeza.

Sem poder discordar, deixei-o para cumprimentar o Nirez, que avistei, de longe, a enfiar-se por debaixo de um pano preto de um velho lambe - lambe a fotografar:

– Olá, Nirez, o que está fazendo por aqui?

Mascando alguma coisa que nem sei o quê, disse estar tirando novas fotos antigas da cidade. “Novas fotos antigas? Não entendi.” E assim, revelou, em sigilo, o ex-segreto de seu grande acervo iconográfico: aquele lambe-lambe era, na verdade, uma caixa mágica! Ele batia as fotos no presente, mas ela as revelava como no passado! O retrato já saía até amarelado, e, de quando em vez, com furinhos de traças. “Que maravilha, Nirez!” Encantado com a descoberta, ofereci, em troca de sua máquina, a minha coleção de garrafinhas de Coca-Cola, um álbum de figurinhas completo do *Fantasma*, um isqueiro a gás de algibeira e um ferro de passar a carvão, o que de nada adiantou:

– Troco nada, homem... – sorriu e assobiou uma canção antiga, como a mangar da minha “inocência”.

Frustrado, deixei-o trabalhar.

Em frente ao *Palacete Ceará*, outro ajuntamento, alegre, aplaudia. Aproximei-me. Ora, se não era o Christiano Câmara e a sua tão querida Douvina a dançarinar ao som de “Neusa”. Quando me viram, pausaram e vieram ter comigo. O Christiano, a reclamar:

– É impressionante, Raymundo, o Ceará briga para trazer o rio São Francisco para cá, mas não briga para salvar o rio Pajeú. É muita ingratidão, rapaz. Logo o Pajeú, o berço da nossa cidade? Querem trazer o Velho Chico para matá-lo também? O povo não tem memória. É impressionante!

Enquanto falava, vi pousar, no meio da praça, uma enorme borboleta de asas bordadas de gotejantes aquarelas coloridas. De seu dorso, desceram o Estrigas e a Nice Firmeza, que vinham do sítio do Mondubim para assistir à festa e fazer um piquenique – que saudade dos doces de dona Nice – junto aos amigos. Acenavam, com a simpatia acolhedora de sempre.

Também estava por lá, a protestar, o prof. Liberal de Castro:

– Vocês são muito românticos! Para que isso? Para quê? Se for para criar uma cidade cenográfica *só para turista ver*, é melhor derrubar tudo de uma vez! O cearense não conserva nada! Vai ver lá no cemitério São João

Batista. Pelo cemitério se tira o nosso cearense. Faz tudo do jeito que quer! Constrói onde e como lhe convém. Já prestou atenção nas calçadas? É uma diferente da outra: alta, baixa, de cimento, com cerâmica... Duvidando, se constrói até no meio da rua! Mas a culpa também é sua, Raymundo! Por que não escreve logo para eles e diz que a nossa cidade está se acabando? Fortaleza, hoje, é a cidade do *aqui teve* e *aqui foi* e pronto! Não sei se você está me entendendo.

– Sim, professor, claro que entendo. Não vou longe, não. Basta ver o rio Cocó. Se deixarmos, cobrem-no com terra só para construir um poleiro de executivos em cima!¹⁰

Qual surpresa: uma grande passeata despontava. À frente, representando o *Museu do Ceará*, o Bode Yoyô, de óculos escuros e barbicha feita, agitava as patinhas e o estandarte do Caldeirão dos Jesuítas, enquanto cantava: *We are the world, we are the children...*

Logo atrás, a batina do padre Cícero, *primeiro santo não canonizado do Brasil*, abençoava o movimento, seguido pela tropa de punhais de Lampião e pela escrivanhinha de Rodolfo Teófilo, que galopava ligeira, fazendo tremular a bandeira da Padaria Espiritual. As balas de canhão e as garrafas do futuro *Museu da Indústria*, lampeiras, comemoravam a liberdade! A marcha se dava ao som animado da banda de eletrolas, vitrolas e rádios do *Museu da Imagem e do Som*. Os demais participantes saíam do grupo para fixar nas paredes, portas e janelas, os quadros do Aldemir Martins, Raimundo Cela, Barrica, Mário Barata e Antônio Bandeira que vinham dos museus de arte. Pela Major Facundo, a fanfarra era ainda maior: uma carreata do *Museu do Automóvel* vinha a toda manivela, sob a liderança de um *Ford* 1917.

Daí, as edificações das lojas do Centro começaram a se revoltar contra os tapumes de lata e os imensos letreiros e, franzindo os telhados e platibandas, começaram a se desprender deles, jogando-os ao chão, revelando, então, uma riqueza de fachadas *art nouveau* e *déco* ocultas, que

nem sabíamos ainda existir. Os sobrados e as outras casas clamavam pela prefeitura: que ela se pronunciasse e criasse leis de incentivo à conservação! A catedral neogótica, apontando com os dois indicadores aos céus, gritava em voz gutural: “Ele está vendo, hein? Ele está vendo!!!”

Do meio da agitação, um bonde esverdeado com tabuleta de madeira, tendo escrito em letras vermelhas *PerCursos Urbanos*, dobrou, rangente, a esquina. Como motorneiro, de quepe, manuseando a manivela e puxando a campainha, estava o Zenilo Almada. Parou diante dos meus amigos, convidando-os para dar uma volta até o fim da linha do Outeiro. Ia já tomando meu assento, quando o Júlio Lira, que estava no bonde, alertou:

– Raymundo, você já pegou o bonde andando, por isso, o seu lugar é no banco de trás!

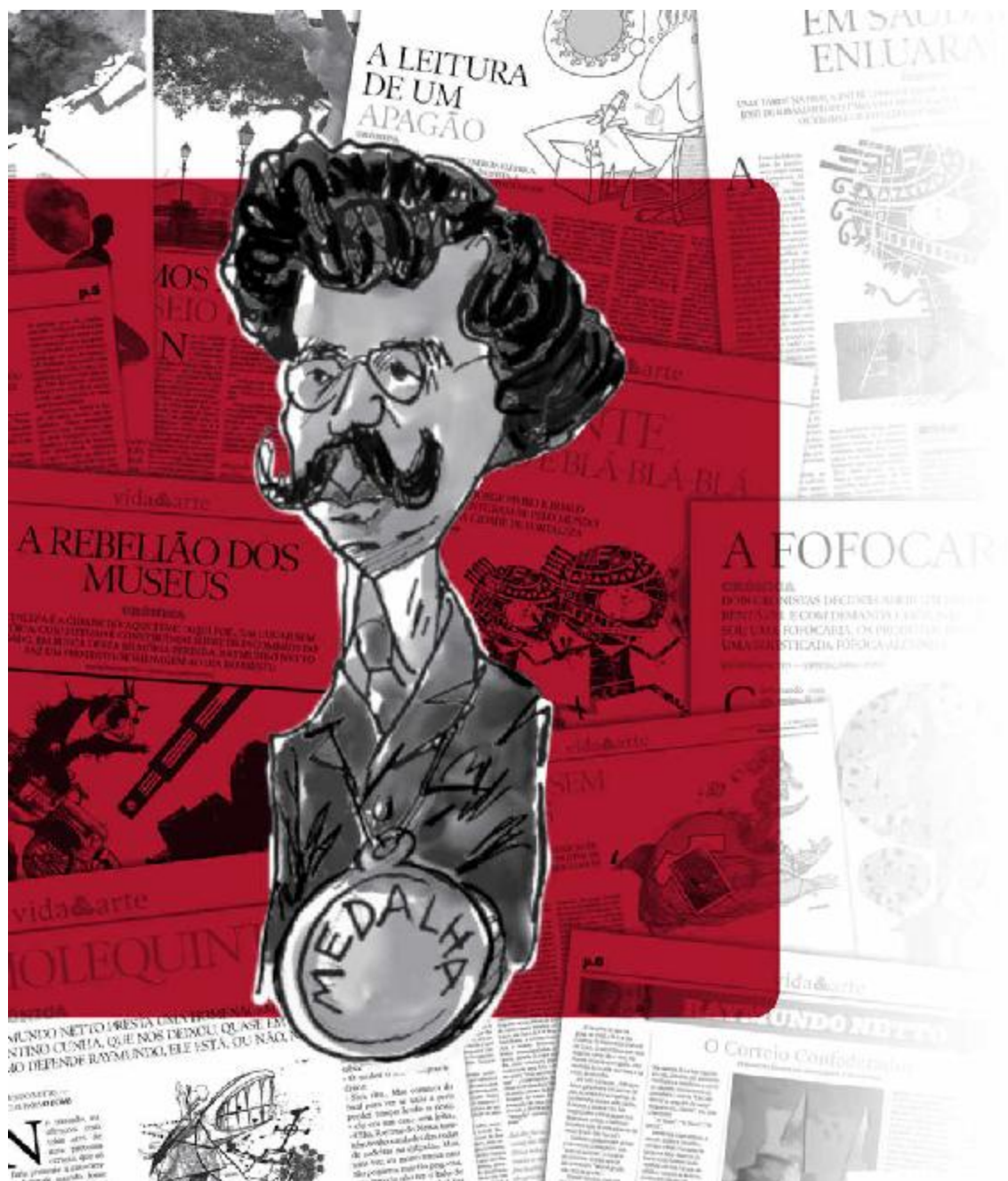
Chateado, cedi lugar aos mestres e sentei-me no quinto banco, enquanto a viagem prosseguia. “E que fim levará o Oswald?”, pensei.

Ali, os passageiros firmaram umas falas adoráveis e curiosas com gosto de quem revive e revigora a nossa história às futuras gerações. Porém, não sabiam eles: logo atrás de nosso bonde vinham os vagões do *Metrofor*¹¹, guiados por engenheiros que, por não gostarem de traçar curvas, passam por cima de tudo que encontram pela frente, inclusive, da nossa memória¹².

Que Deus nos proteja, Amém!

Marciano Lopes: nasceu em Beberibe, Ceará. Jornalista e pesquisador, escreveu em diversos jornais da cidade. Autor de obras memorialísticas, entre elas, *Royal briar* e *A Era do Rádio*; **Zenilo Almada** (1935-2014): advogado, autor de *O bonde e outras recordações*, nasceu em Fortaleza, Ceará; **Estrigas** (1919-2014) e **Nice Firmeza** (1921-2013): ele, nascido em Fortaleza, e ela, em Aracati, no Ceará. Artistas plásticos criadores do Minimuseu Firmeza); **Christiano** (1935) e **Douvina Câmara:** o casal não apenas criou um museu de música e cinema, como também mora dentro dele! A casa onde residem pertenceu ao jornalista Gilberto Câmara, pai de Christiano, local que abrigou o poeta Guilherme de Almeida, quando veio a Fortaleza para divulgar a corrente modernista); **Miguel Ângelo de Azevedo “Nirez”** (1934): nascido em Fortaleza, Ceará, é jornalista e historiador, criador do Museu-Arquivo Nirez e autor de *Fortaleza, ontem e hoje*, entre outros; **Liberal de Castro** (1926): nasceu em Fortaleza, Ceará. Arquiteto, pioneiro no processo de documentação da arquitetura e do urbanismo cearenses, profundo

conhecedor do Patrimônio Histórico do Ceará; **Oswald Barroso** (1947): nasceu em Fortaleza, Ceará. Jornalista, poeta, pesquisador e teatrólogo, publicou diversos livros, entre ensaios, cordéis, biografias, peças e estudos sobre cultura popular; ***Per-Cursos Urbanos***: projeto de resgate da memória cearense criado pela ONG Mediação de Saberes; **Bode Yoyô**: animal “boêmio” pertencente a uma antiga firma inglesa que, após seu falecimento, em 1931, foi empalhado e doado ao Museu do Ceará, compondo o seu acervo, sendo a única peça nunca retirada de exposição.



Molequintino

25 de junho de 2007

No passado, afirmava com tolos ares de uma pretensa certeza que só me faria presente a casamentos e funerais quando fosse o convidado principal. Meus amigos, a vida ensina: nem sempre cumprimos o que dizemos; nem temos obrigação de fazê-lo. Porém, devemos, sim, falar menos!

Estava no cemitério São João Batista, a seguir com a família ao derradeiro cortejo de um amigo, quando perto da *Alameda da Saudade* percebi que alguém, por trás de mim, olhava curioso por sobre os meus ombros. Era um senhor magro e moreno. Tinha cabeleira e farto bigode prateados, e, sobre o narigão, trazia um par de óculos redondos que não disfarçava os olhos míopes piscantes. Ao pescoço, pendia a medalha de ouro recebida do rei d. Manuel II¹³ – mistérios d’além túmulo. Estava com os polegares enterrados no bolso do colete e, descalço, brincava com os artelhos dos pés:

– “O Padre Eterno, segundo refere a história sagrada, tirou o mundo do nada, e eu nada tirei do mundo!”

Sem perder tempo com cerimônias e apresentações – não que fossem necessárias – pôs-se a matraquear:

– Sabe, quando eu era menino, lá em Baturité, o padre Dantas, novo na cidade, precisava colocar umas cartas no correio, só que não sabia onde ele se localizava. Encontrou-me brincando na rua e perguntou como fazia para chegar lá, e eu lhe ensinei. Satisfeito, o coitado logo me convidou para fazer o catecismo na sua paróquia. “Mas para que, seu padre?”, perguntei. “Para lhe ensinar o caminho do Céu, meu filho!” Aí eu falei para ele: “Ora, ora, mas como se o senhor não sabe nem como chegar aos Correios?”

Indevidamente, rimos. Os familiares do falecido passaram a nos reprimir com os indicadores cerrando os lábios, e, mesmo assim, ele continuou:

– Você é daqui, mesmo? Nasceu onde?

– No Ceará, felizmente! – orgulhei.

– Mas felizmente para quem? Para você ou para o Ceará? Porque você sabe que para ser feliz no Ceará é preciso nascer burro, viver ignorante e morrer de repente!

Embaraçado pelo tom da conversa, adiantei o passo, distanciandome. Percebendo a estratégia, perguntou se estava me aborrecendo, ao que respondi, para minha infelicidade:

– Ah, claro que não... Que é isso, doutor? Pode dizer aí mais umas quatro besteiras...

– Ah, posso? Então lá vai: *Raymundo, Alves, Ferreira e Netto*. Quatro besteiras das grandes, ouviu?

Prevendo uma resposta à altura da grosseria, rápido, tentou emendar:

– Ah, sim, e eu não ia até me esquecendo de lhe falar: eu li seu livro, sabia?

– Sério? O senhor o leu?

– Sim, sim... Mas comecei do final para ver se valia a pena perder tempo lendo o resto – era realmente um caso sem jeito. – Olha, Raymundo Netto, também tenho saudades das rodas de cadeiras na calçada. Uma vez, eu morei em uma casa tão pequena, mas tão pequena, que parecia não ter o lado de dentro. E a cidade, então? Era tão miserável que nas ruas a gente não encontrava o lado da sombra!

– E por falar em casa, ouvi dizer que após a morte de sua esposa o senhor se casou com a sua cunhada, é verdade?

– Mas é claro, meu filho, temos que fazer economia de sogra!

O caixão estava baixando à sepultura, quando o padre, irritado com o nosso aparente desrespeito à família do falecido, pediu, uma última vez, para que falássemos mais baixo, ao que Quintino rebateu, agitando os braços nervosos:

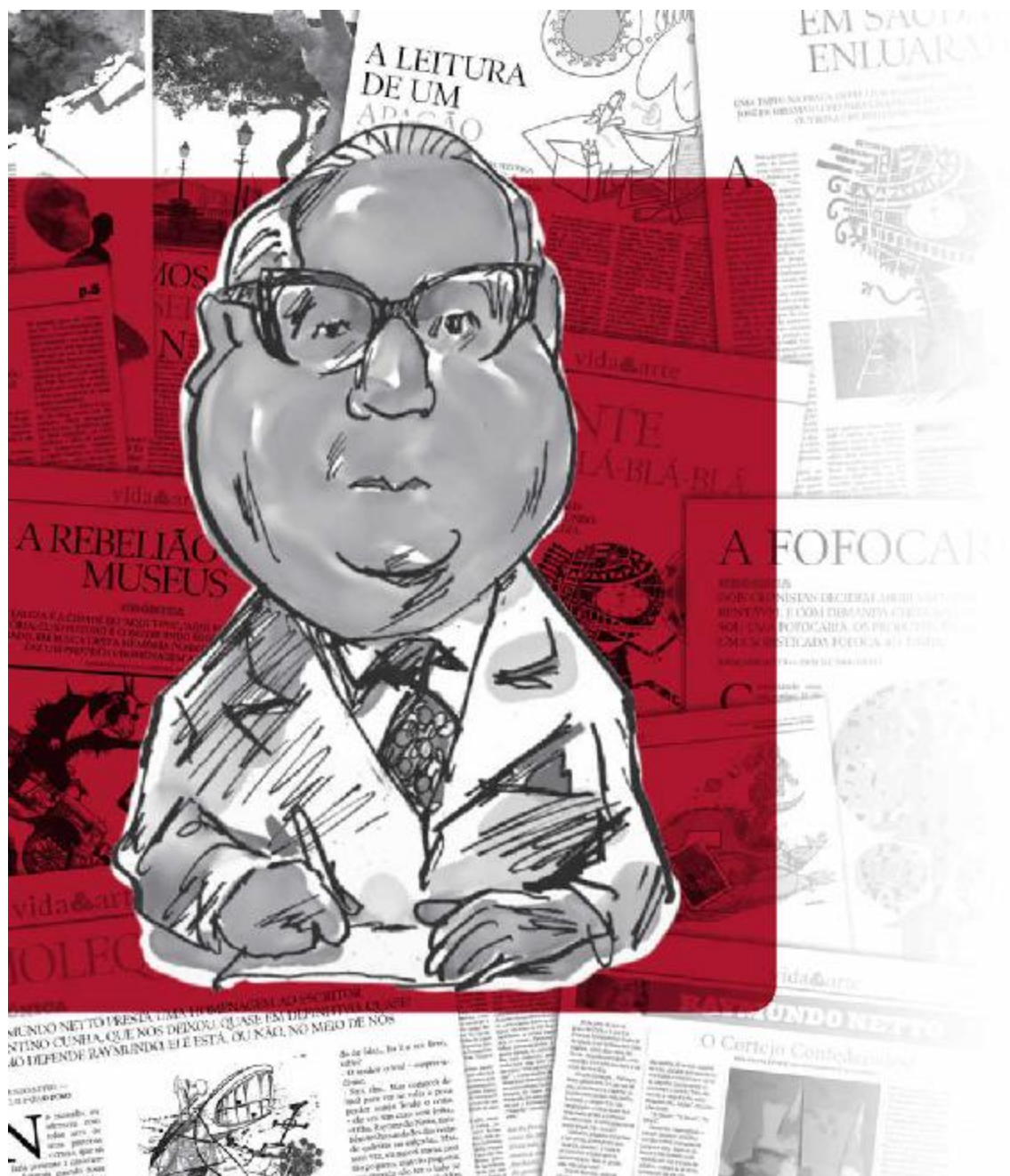
– E o senhor, seu padre, por favor, fale mais alto! – demonstrando indignação, voltou-se, mudando logo de assunto – Mas, afinal, Nettinho,

quem é o morto, mesmo?

– Bem, doutor Quintino, eu acho que o morto é aquele que vai lá dentro do caixão.

Vinguei-me!

Quintino Cunha (1875-1943) nasceu em São Francisco de Uruburetama – atual Itapajé –, Ceará. Advogado, poeta e escritor, ficou mais conhecido pelo seu gênio para chistes e improvisos. Autor de *Pelo Solimões* – de poesia, publicado em Paris – e *Diferentes* – de contos. No texto, os diálogos são costurados por adaptações de algumas piadas de *Anedotas de Quintino*, editadas e divulgadas pelo filho Plautus Cunha.



A Fofocaria

23 de julho de 2007

Conversando com um amigo, lá de Limoeiro do Norte, sobre o interesse na abertura de um novo segmento de negócios na cidade, me sugeriu um que acreditava ser bastante promissor e original: *uma fofocaria!*

Nunca havia pensado nisso. Abrir uma fofocaria no centro de Fortaleza, talvez fosse mesmo um bom investimento. Digo no Centro, mas bem sei que há espaço para rápida expansão de franquias em *shoppings*, igrejas, clubes, *lans* e nas academias... de ginástica, obviamente.

Receoso, decidi consultar o Raimundo de Menezes, também cronista, profundo conhecedor da gente e dos costumes da cidade, para saber o que ele achava do empreendimento. Arranhando o rosto redondo com certa ansiedade, disse-me que a fofoca era uma das *coisas que o tempo não levou*, e que se eu quisesse consultar um profissional gabaritado a respeito, me indicaria o João da Silva Tavares, segundo ele, o primeiro mexeriqueiro de Fortaleza! Fiquei impressionado: este senhor, de tão longo, deveria ser um *hors-concours* da fofoca.

Até então, sabia que o primeiro fofoqueiro do mundo havia sido o Adão, que, aliás, era cearense, e que tinha se arribado para as bandas do Paraíso em busca de fazer dinheiro, porque todos sabem que aqui no Ceará não tem disso não, não tem disso não.

Tavares era mestre em gramática latina (um letrado, felizmente) e era temido por quem tivesse rabo de palha. Conforme o Raimundo contou, se a pessoa lhe caísse em desagrado, mesmo que esta não tivesse defeitos, ele os inventava, e o fazia com tal excelência que, rapidamente, a intriga era distribuída em forma de picuinhas e difamações. O seu exercício inventivo e belicoso de “mexeriqueiro, enredador e perturbador público” era até reconhecido oficialmente pela Câmara de Vereadores, vítima-mor da língua espinhenta, embora, por vezes, é claro, com muita justiça.

O mexeriqueiro nos recebeu todo orgulhoso. Veio logo distribuindo algumas crias novas e, interessado no negócio, passou-me algumas dicas que eu tratei de tomar nota com atenção:

– *Óquei, óquei*, Raymundo, você está certo, existe mesmo uma grande oferta e procura de nosso produto. A fofoca, nesse mundo globalizado, tem uma velocidade de propagação imensa e, para se potencializar esse efeito, é fácil, basta apenas anunciar ao intrigante: “Só falei porque é para você, mas é segredo”. É batata! Pode contar que logo, logo, a sua fofoca volta até você.

Disse mais: o verdadeiro artesão da fofoca era tão desprendido que, além de não assinar a obra, não confessava sua autoria nem sob tortura! Era sempre assim: me disseram, me falaram, alguém contou... Estava até chateado com o injusto estigma que sua profissão lhe conferia. Acreditava ser mais apropriado, ao invés de *fofoca*, falar-se em *comunicação social*.

A respeito da sede da fofocaria, insistia que as suas paredes tinham que – para facilitar o *insight* visual – ser de vidro; por outro lado, o telhado nunca!

Aconselhou-me montar o negócio diante de uma praça, para facilitar o fluxo de profissionais, e que poderíamos, inclusive, vender uns cafezinhos, pãezinhos, doces, coisas leves como numa casa de merenda, pois o bom *ficcionista* (assim ele se denominava) não pode perder muito tempo mastigando, bem sabido que seu instrumento de trabalho é a boca.

– Mas não podemos querer que todos venham à fofocaria. Pelo menos, não ao mesmo tempo, pois, se todos estiverem lá, não teremos de quem falar, não é verdade? O ausente é também um grande colaborador em nosso negócio!

Sugeri a criação de um *menu* de fofocas onde as pessoas escolheriam e encomendariam a produção. Entre os tipos de fofoca, teríamos a fofoca-alcunha, um produto mais caro, pois além da fofoca em si, a vítima também ganharia um apelido que o perseguiria pelo resto da vida.

Eu já estava entusiasmado com tantas ideias quando, de repente, percebi sua face transformar-se: acima do olhar meio de banda, a testa franzida e um sorriso enviesado, enquanto cofiava a barba malfeita. Passou a perguntar o que eu fazia, onde morava, do que gostava, meu estado civil... Nem sei por que, mas senti me correr um frio na espinha e a orelha esquentar. Olhei para o Raimundo que, com os ombros encolhidos e os cabelos em pé por sobre o rosto corado, pôs-se a assobiar. Daí, imediatamente, anunciei ao curioso:

– Sinto muito, seu Tavares, mas a editora do jornal¹⁴ me alertou que a crônica não poderia passar de cinquenta linhas. Infelizmente, lamento, mas acabou... Uuuufa!

Raimundo de Menezes (1903-1984) nasceu em Fortaleza, Ceará. Biógrafo, dicionarista (*Dicionário literário brasileiro*) e cronista histórico, é autor de *Coisas que o tempo levou*, do qual algumas crônicas e curiosidades serviram de base para a escrita dessas *Crônicas absurdas de segunda*. Atuou, durante sete gestões, como presidente da União Brasileira de Escritores/UBE.



Um Monte de Barata

27 de agosto de 2007

Ao lado da minha cama, me acostumei a guardar alguns livros, pois não consigo dormir sem ler pelo menos um parágrafo de qualquer coisa. Mas não me detenho apenas num único livro, não. Sou indisciplinado. Leio o que primeiro vier. Entretanto, meus sonolentos leitores, aconselho, não leiam antes de dormir, coisas estranhas acontecem! E mais: não misturem livros, autores ou gêneros diferentes, pode ser indigesto. Eu, devido ao mau hábito, passei por uma... Durante uma tal leitura, em noite alta, senti a vista me faltar lentamente. Com pouco, comecei a ouvir uma voz arranhada a gritar por mim num canto perto da cômoda. Era uma barata. Uma barata falante, ou gritante. Dirigi-me a ela com estranha intimidade:

– Gregor Samsa¹⁵?

– Que Gregor porrrrcaria nenhuma! –, respondeu. – Está me estranhando, bicho? Sou eu, o Airton Monte!

E não é que era mesmo o Airton, gente! Olhando mais próximo e com natural receio reconheci, entre as seis patinhas trêmulas enleadas por fitinhas coloridas, uma cabeçorra encimada por uma boininha donde saíam antenas. No rosto, os grandes óculos, a ausência de lábios e um escapulário de São Francisco no... pescoço!? Perguntei:

– Mas como isso foi acontecer com você, Airton?

– Eu sei lá, cara! A viagem é sua e você quer que eu lhe desenhe um mapa? – disse, soprando anéis de fumaça de um lasca-peito qualquer. – Logo eu, que elevei a crônica cearense ao patamar da literatura, estou aqui me sentindo como um inseto! Ah, o que o tesão da minha infância diria se me visse assim?

– Caramba, deve ser um tanto solitária a vida de barata, não?

– Solidão, para mim, nunca foi um grande problema. Antes uma unção, uma bênção, uma maneira especial de estar no mundo sozinho com meus fantasmas prediletos, tirando férias do resto da humanidade.

– Que é isso, Airton, esse papo está ficando cascudo.

Já estava me perguntando o porquê de, com tanta barata legal no mundo, foi-me aparecer por ali logo o Airton Monte. Ele continuou:

– Há dias assim, tão terrivelmente medíocres, que nem sequer inspiram a mais reles crônica! Que saudades de minhas voltinhas na Gentilândia, Benfica e no Jardim América.

– Mas você está se sentindo bem?

– Claro! Depois de 25 anos de tira-gosto de botequim a gente fica imunizado contra qualquer vírus. Isso, claro, sem deixar faltar, aos domingos, a macarronadinha com uma galinha à cabidela e um joguinho de futebol.

Pôs-se, então, a se rastejar nas paredes. Estava achando um barato esse negócio de ver o mundo de cabeça para baixo, suspenso no teto e coisa e tal:

– Raymundo, sabia que as baratas passam 75 % do dia dormindo e que elas têm uma atração por bebida alcoólica, principalmente por cerveja? Sabia não? Boa esta vida de barata, meu irmão! He, he, he... Agora, veja só: eu, um cronista suburbano com ares de anarquista e com esse meu corpinho de bailarino espanhol, condenado a protagonizar o desvario de um *cronista de segunda*! – retraindo o abdome magro, encolheu as asas, tirou do dorso a caneta e um bloquinho, cruzou as patinhas a pendular uma botinha preta e se pôs a rabiscar:

– Para não perder meu tempo: como foi que tudo começou, Raymundo?

– Começou o quê?

– Essa sua vida beeesta... Fala sério, meu amigo, sua rotina é escatológica. Nem sei como você se aguenta! Além de, me perdoe, ser feio pacas! Você tem uma feiura enciclopédica!

– Hã? – (à parte) – Meus amigos, só mesmo tendo sangue de barata!

– Liga não, Raymundão, a vida acaba com qualquer um. Afinal, ao nascermos não assinamos contrato obrigatório com a felicidade. Não é só você, não, bicho. Essa coisa de ser camelô de si mesmo também me irrita. ‘Cê não sabe fazer outra coisa não, Raymundo? Pô, você é brabo, hein?

– Meu Deus, que filosofia barata, Airton!

– Engraçado, né? Por aqui, temos escritores que falam como se estivessem num palanque do Olimpo. Que besteira! Escrever é apenas um ato consumado: ou se escreve bem ou ruim. O povo não entende que escrever é como desenhar, é só correr o risco e o bem-vindo alívio do ponto final.

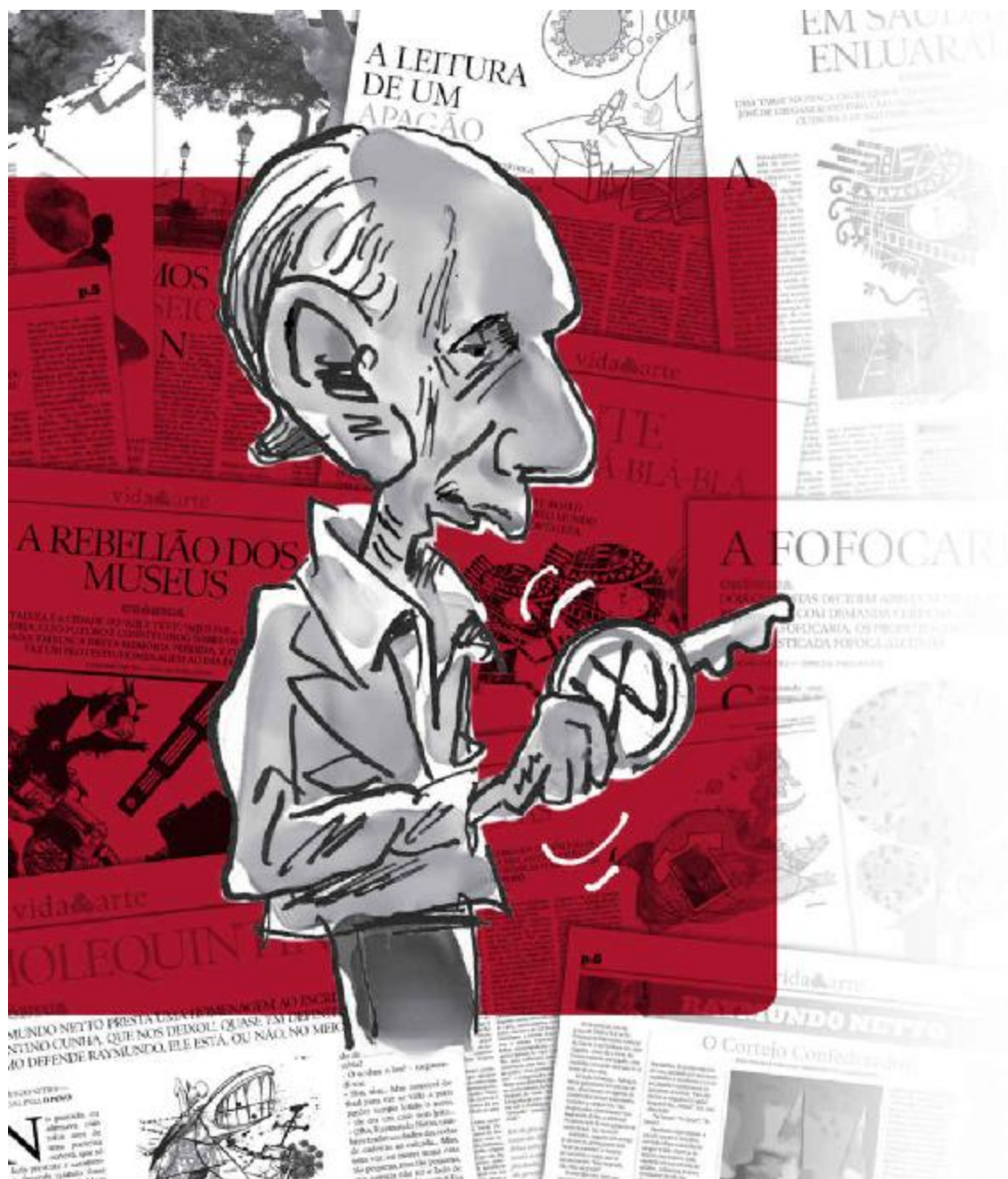
Airton Monte (1949-2012) nasceu em Fortaleza, Ceará. Psiquiatra, poeta, contista, cronista do jornal **O POVO**, torcedor do Botafogo, marido da dona Sônia e pai de Bárbara e Pablo. Iniciou-se na revista *O saco* e foi um dos fundadores do grupo *Siriará* de Literatura. Lançou *Moça com flor na boca* – de crônicas, indicado para o vestibular da Universidade Federal do Ceará. As Edições Demócrito Rocha lançaram, em 2015, *A primeira esquina*, coletânea de crônicas publicadas em **O POVO**. Alguns dos textos da fala do Airton Monte são adaptações de textos de suas crônicas e/ou entrevistas.

Pois estava eu ali, entregue à barata, quando, súbito, a empregada, estranhando a conversaria noturna, entrou no quarto. Horrorizada com aquela visão fabulosa e botafóguica, pôs-se a gritar atrás do pobre invertebrado sapecando-lhe a vassoura. Tentei adverti-la que o deixasse em paz, que era um amigo, mas a mulher estava louca, completamente perturbada, com o cão nos couros. O pobre do Airton, trêmulo e com uma *fácies anêmicas laskeime*, eriçou uns pelinhos às costas e passou a gritar por sua amada guardiã:

– Sônia! Sônia! SÔNIA! SONHAAAAAAAAAAAAA!

Sônia, sonha, sonhar... Acordei!

Não, por favor, não leiam antes de dormir. Nunca mais!



A Casa Vazia

24 de setembro de 2007

*Era uma casa muito engraçada:
não tinha teto nem tinha mais nada!*

(adaptação de “A Casa” de Vinicius de Moraes)

Pois bem, estava cruzando o Benfica, bairro intelectual e boêmio de nossa Fortaleza, indo visitar um amigo que mora próximo à Universidade, quando vi chegar um fusquinha verde no estacionamento aberto de um *shopping*. Como se fossem fogos, despertando a dormência daquela tarde, explodiu o escapamento, traçando no chão uma trilha de *doze parafusos*. Os taxistas e pedestres riam daquela arrumação.

Desceu do carro um senhor magro, com cerca de oitenta anos, rosto marcado e pálido, testa larga e os fios de cabelos brancos puxados para trás das orelhas. Com as mãos na cintura, olhava surpreso para os lados.

Leon, um funcionário que trabalha ali há tempos, gentilmente tentava explicar alguma coisa. Aproximei-me e ouvi quando aquele senhor insistiu, impaciente:

– Mas, meu filho, você é quem não está entendendo. Eu moro aqui!

Não tinha mais dúvida: aquele homem era mesmo o professor Moreira Campos!

Leon não sabia o que fazer. Decerto, deveria ser um engano. Fazia já algum tempo que ali funcionava o estacionamento, e antes, ouviu dizer, havia apenas uma casa antiga onde moravam dois velhos, mas que o *shopping* a havia comprado e demolido.

Percebi que o Moreira, então boquiaberto, deixara cair uma rosa que vermelhejava o viço, como se a dizer “para tão longo amor, tão curta a vida” ¹⁶. Ficou assim, estático, dirigindo um olhar atento e desesperançado para o pequeno rapaz que falava, falava e falava.

– Vamos tentar resumir essa história, faz-se longa demais! –, concluiu, deixando o moço a falar com as moscas sem copo de leite.

Fly, um cachorro magro que farejava latas de lixo, parou e pôs-se a latir, arranhando a porta do carro com a patinha: *dizem que os cães veem coisas...*

Contrariado e perdido, o professor sentou-se no meio-fio do passeio, ensombrado por um benjamim, apoiou o queixo pessimista no dorso de uma das mãos, mergulhando em si mesmo e encolhido de tristeza. “As moscas insistentes provavam-lhe os cantos dos olhos” e ele refletia: “A vida endurece”!

Não via mais a sua casa, mas, por dentro, chorava-a. Ouvia as mesmas vozes, o ranger do armador, o tilintar dos talheres na cozinha, a zoadas das crianças no corredor e o piano da companheira amada: a Zezé. Passaram pela sua cabeça, penso, as alegres reuniões e o papo literário, o café, o convívio com amigos no pequeno jardim de sua casa, a delícia da beira da rede na varanda, o desgasto do piso comido por tantos passos, o gemer de ferros do relógio na parede, o cheiro da terra molhada pela chuva colorida em *iluminuras* pelas histórias da Natércia, o cheiro do inhame quente, do piqui, da manteiga da terra, os passeios na calçada depois do jantar, e daí sentiu saudades da penumbra da noite, quando queimava o lume de um cigarro... Desabafou:

– Não tem coisa pior do que voltar para casa e encontrar as *portas fechadas*. O mestre Tchecov já dizia: “se você vai derrubar a casa, apodreça de logo a cumeeira”.

As pálpebras franjavam o olhar plangente. Ele resistia, mas não estava sendo fácil:

– Não podia ficar para semente, ora! – deixou-se cair em silêncio melancólico, numa sensação perturbadora de não reconhecimento. Sim, aquela casa o abrigara e o acolhera por tantos anos. De lá, do *buraco da gia*, gabinete construído nos fundos da casa, é que vaporaram muitos de seus

fantasmas! Agora, eram apenas lembranças que se perderam no pó das paredes que ruíram.

– E os meus amigos, o Manuelito, Artur Eduardo, Aderaldo, Colares, Caetano, Sânzio, Pedro, Angela¹⁷, se quiserem me ver? A casa era tão minha que já falava por minha voz. Poderia ouvi-la pelas colunas, paredes, telhados, janelas. E agora, quando quiserem me encontrar, ouvir-me, como farão?

Abeirei-me do contista, mostrei-lhe um livro de sua autoria que, coincidentemente, trazia. Pedi uma dedicatória. Moreira sorriu, compreendeu meu recado, e tomou-lhe às mãos.

A handwritten signature in black ink, appearing to read 'Moreira' followed by a stylized flourish or second name.

Leu um trecho de “As três irmãs”:

“(...) tinham mandado demolir o casarão: queriam espaço para o estacionamento de automóveis, mais lucrativo (...) O senhor de cabelos brancos comentava:

- Uma pena!
- Isto era casa para ser tombada. Um patrimônio.
- Não temos tradição.
- Pura verdade.”

Fez-se novo silêncio. Recordou a vinda para a cidade amada, pigarreando um pouco para depois declamar: “Fortaleza era então provinciana, era menina. Cadeiras nas calçadas e a tristeza dos lampiões a gás em cada esquina”.

– Pois é, professor Zé Maria, essas coisas não acontecem só no Ceará, não, viu? No Rio de Janeiro também deixaram demolir a casa do Machado de Assis.

– Sim, eu sei, estive com o Machado. Estava casmurro por conta disso! A casa foi-se indefesa. Nem os lidos... Contudo, sempre acreditei que “o destino é o mais fértil dos ficcionistas, aquele capaz de todas as tramas e enredos”. Quis o destino que a casa não sobrevivesse. O consolo é que “valem todos os momentos que deixamos impregnados naquele chão de mosaicos tão antigo.”

Puxando o cadarço do mocassim e espantando uma mosca que lhe mordiscava o lábio, Moreira olhou a rua, e me apontava as pessoas que passavam: uma mulher que, arrastando cinco crianças descalças e alegres, trazia um prato enrolado em uma toalha; o senhor de olhos grandes e brancos, por cujos dedos corriam as contas de um terço; duas velhas moucas; uma moça de blusa de mangas compridas de bolinhas com o esmalte das unhas roído, e outra mulher que passava agitada com o dedo em riste, bradando: “Meu irmão foi um mártir!”

– Está dando uma de doida, criatura? – perguntou a ela, com sorriso.

Confessou-me:

Moreira Campos (1914-1994) nasceu em Senador Pompeu, Ceará. Contista, fez parte do grupo Clã e é autor de *Portas fechadas*, *O puxador de terço*, *Os doze parafusos*, *Dizem que os cães veem coisas*, entre outros. Foi autor da coluna semanal *Porta de Academia* (1987 a 1994) no jornal **O POVO**. Casado com Maria José Alcides Campos (a dona Zezé), é pai de Natércia, Marisa (Badida) e Cid. Avô, entre outros netos, de Carolina Campos, esposa do artista plástico Pablo Manyé. Algumas das falas e trechos do texto são adaptações e transcrições da produção de Moreira Campos.

– Toda a literatura que escrevi se inspirou neste território cearense e em sua gente. Sou seduzido pelo ser humano e pelo que ele tem de vulnerável! Aprenda, Raymundo, sem experiência vivida, é raro conseguir-se grande coisa em ficção. Falo da verdade artística. Para ser arte, tem de se recriar o real, caso contrário se torna matéria jornalística!

Levantou-se, tossiu um bocadinho, olhou novamente para o vazio. Dirigiu-se, agora mais tranquilo, ao Leon. Lembrou e falou de Leonete, sua

prima-irmã, enquanto o rapaz recebia as chaves e registrava a placa de seu fusca: *XQ - 2992*. Moreira deu uma tapinha no capô duro e recomendou que “tivesse pena do bichinho...” Depois, colocando o braço sobre meu ombro, perguntou se *naquele negócio* (referia-se ao *shopping*) tinha, pelo menos, um cinema. Adorava cinema! No outro dia, disse, iria ao Bosque das Letras, tinha tantas saudades das árvores de lá:

– As árvores continuam por lá, não? Olha, olha...

Chegara a noite, as corujas apareceram rasgando mortalha “num cair de asas leves, impresentidas, como num sopro de morte” no alto do vazio que restou.



“Até um Dia”

a Eduardo Campos¹⁸

23 de setembro de 2007

Ontem à noite, estava trabalhando em um texto difícil, quando comecei a receber a ligação de amigos, e-mails, recados na página do *Orkut*: “Você já está sabendo? O Eduardo Campos faleceu!”

Eu tinha conhecimento de que estava se restabelecendo de um acidente vascular cerebral recente, mas não, não sabia que havia falecido.

Voltei imediatamente ao computador, tinha que terminar meu texto, o trabalho em primeiro lugar, depois... depois... depois sei lá o que faria! Tentaria não pensar, talvez.

Sempre me foi complicado encarar a morte. Refiro-me à morte total, plena. A morte fisiológica não é um problema, mas a morte essencial, essa é cruel e insuportável. Talvez por isso essa mania de criar, produzir e publicar na esperança de superar a morte visceral, transpor a barreira da existência finita e, de alguma forma, superar o esquecimento, como se diz na máxima: *as palavras voam, mas não as escritas!*

Pensando dessa forma, não tenho dúvidas de que Eduardo Campos, de fato, não morreu!

Havia conhecido o Manuelito Eduardo há dois anos, quando fui ao Instituto do Ceará, do qual era presidente, oferecer um exemplar de *Um conto no passado: cadeiras na calçada* e convidá-lo para o lançamento. Tremia-me todo. Ele era uma lenda. Disse ao recepcionista que queria falar-lhe, mas que não havia marcado hora. O rapaz, por trás de uma grade de madeira, perguntou meu nome. Respondi que eu *era apenas um escritor!*

Foi quando ouvi uma voz grave soar lá de dentro, de outra sala: “Se é escritor, é colega. Manda entrar para tomar um café com a gente!”

Dei a volta para entrar no prédio, encontrando numa saleta a mesa de café cercada de pessoas. Ele, o Eduardo Campos, veio, elegante e

sorridente, estender-me a mão: “Fique à vontade, a casa é nossa!”

Diante de tanta simpatia, sentei-me encabulado à cabeceira de uma mesa escura sob os olhares de todos. Entreguei-lhe o livro. Apontei um trecho de “Louvação com muito amor”, de sua autoria, transcrito nas primeiras páginas do *Cadeiras...*, enquanto o folheava. Quando o convidei para o lançamento, foi logo dizendo que seria uma grande satisfação, mas que a dona Heldine, sua senhora, não estava bem ultimamente, e que tinha que lhe dar atenção, “afinal na nossa idade”... Falou-me que faltara, inclusive, ao lançamento do livro de um grande amigo, o Blanchard Girão, devido a um mal-estar súbito na hora da saída. Conversa vai, conversa vem, nos despedimos.

Um mês depois, voltei ao Instituto. Ele, que estava chegando, acenou-me e anunciou: “Quando gosto muito de um livro, mando encadernar. O seu já foi encadernado!” E sorriu um sorriso alegre, amplo, brilhoso, amigo. Convidou-me para entrar, conversar um pouco sobre a última reforma do prédio e sobre seus planos: “Tudo agora vai estar na internet. Tudo!”

Sentado com as pernas cruzadas, roçava os polegares e enclavinava os dedos enquanto a testa contraída elevava o olhar, a recitar o passado. Alertou: “No mínimo, seremos amigos, pois eu escrevo sobre o meu tempo, e você escreve sobre o meu tempo também!”

Confirmou-me as crônicas longevas, as memórias encanecidas e saborosas da irreverente Rachel, empregada de sua casa quando menino, e as discussões filosóficas com Izabelzinha, sua mãe de criação; os prazeres da cidade, as festas, as conversas em rodas de calçadas, o gosto pelas pessoas, a luta hercúlea pelas letras, as histórias dos bastidores de quem ainda acreditava que o que se fazia tinha alguma importância: “A grosso modo, como se diz, éramos matutos!”

Depois daquele dia, senti-me tão próximo, que não vi mais necessidade de procurá-lo. Li, com grande admiração, seu trabalho de prosador em *O pranto insólito*, *O abutre e outras estórias* e *As danações*, além de conhecer

algumas de suas obras de pesquisa, como *Capítulos de história da Fortaleza do século XIX* e assistir à merecida indicação de sua obra dramaturgica para a lista do vestibular.

Assim, me recuso a dar adeus a Eduardo Campos. No máximo, até um dia.

Agora, parece que ele sai de cena, mas temporariamente, pois, enquanto isso, muitos jovens passam a ler a sua obra, a lhe descobrir as palavras, a voz que não morre nunca e ressoa através dos tempos futuros, os influenciando e, por vezes, até lhes decidindo o destino.

Que viva para sempre, Eduardo Campos!

Eduardo Campos (1923 - 2007) nasceu em Pacatuba, Ceará. Jornalista, radialista, escritor, teatrólogo e memorialista, teve mais de 70 títulos publicados, entre romances, contos, peças de teatro e ensaios. Integrou o Clã e a Academia Cearense de Letras, além de participar de outras academias e entidades como a Comissão Cearense de Folclore e o Conselho Estadual de Cultura. Foi secretário estadual da Cultura, fundador da Associação Cearense de Emissoras de Rádio e Televisão e diretor de jornais, como *Correio do Ceará* e *Unitário*, além de atuar na direção da TV Ceará canal 2, da Ceará Rádio Clube e na presidência do Instituto do Ceará.



O Teatro

Transcendental Cearense¹⁹

homenagem ao grupo Comédia Cearense e ao teatro

14 de outubro de 2007

O melhor lugar para se nascer cearense, sem dúvida nenhuma, é no Ceará! Eu quero é cegar do olho se existir melhor! Para morrer, no entanto, só Deus sabe e não divulga, sabe lá Ele por quê!

E assim, foi no Ceará que decidiram, num feérico dia, iniciar uma grande mostra de Teatro Transcendental. As regras eram claras: para participar da mostra, os integrantes das peças deveriam estar mortos, completamente mortos! Digo “completamente”, pois alguns atores e diretores por se acharem esquecidos e malogrados em suas tentativas de continuar a luta pelo teatro por aqui, já se consideravam mortos o suficiente, não imaginando que, durante a inscrição, de acordo com a burocracia espiritual, era exigida a comprovação de seu estado de morte morrida, inclusive o atestado de óbito e comprovante de residência em terreno santo. Não adiantava o candidato simplesmente aparecer com os cambitos envolvidos por correntes adquiridas no *mercado Central*. O recepcionista alentava: “Tenha paciência, irmão, mais cedo ou mais tarde você chega lá. Por enquanto, *merda* pra você!”

A notícia rapidamente se espalhou pelo corredor – no caso de Fortaleza, quase que literalmente – artístico da cidade. A mostra, como não poderia deixar de ser, aconteceria no *Theatro Taliense*, situado na rua Formosa, atual Barão do Rio Branco, sede do habitual baile de máscaras junino.

Curioso, fui adquirir um ingresso. No sereno do teatro, entre as portas da entrada, vi passar o José de Alencar, também um dos maiores dramaturgos brasileiros, que havia inscrito na mostra *O demônio familiar* e *As asas de um anjo*. Abanando a cabeça e olhando ressentido para o ator

João Caetano, que acabava de chegar, berrava: “Muita casa, muita gente, muita lama!”²⁰

No salão vi, num canto, *mademoiselle* Adelina Baptista, ao piano, e no violino, o maestro Henrique Jorge. Na correria, podíamos ver por frestas de tapumes, atrizes apertadas em espartilhos, envolvendo-se em lenços de seda de cor e em belíssimas *toilettes*.

Os artistas da mostra saíam dos camarins para se encontrar com os colegas e filodramáticos que por aqui ficaram, além do público que ainda se apertava na bilheteria.

Uma trupe ectoplásmica, que ensaiava uma comédia de costumes, pôs-se a representar no palco emoldurado por um arco azul-celeste:

– Ora, ora, se quem avisto não é o Raymundo Netto, o moço que escreve no jornal! –, disse um mais gordanchudo, colocando a mão em palmarisonha sobre os olhos.

– Mas ele não é aquele que só escreve em mesas brancas? –, zombou outro, fazendo uns mungangos.

– Ah, meu filho, mas quem disse que ele escreve? Psicografa! –, observou uma mulher verbosa e sem pernas colocando as mãos nos quartos.

– É verdade que já estão pensando em exorcismar você, seu menino?

– Vivas ao grande teatro amador!!! – desfecharam, afinal.

Em meio aos aplausos, apupos e assobios estridentes, os atores se curvavam e desfilavam trejeitos por sobre o proscênio, envaidecidos e vivos... se isso fosse possível, é claro.

Após uma *pausa dramática*, concluí, com poucas conversas, que fazer teatro no Ceará é mesmo muito difícil. Muita complicação para tão pouco ou mesmo nenhum reconhecimento. E olhe que aqui temos muitos bons artistas. Sim, o artista é acima de tudo um conspirador! Falando sério: o povo só acredita que é ator de verdade quem aparece na televisão! E isso, mesmo após as grandes emissoras terem conseguido provar que não precisa ser ator para fazer novela, não precisa ser cantor para cantar, nem precisa

ser bonito para ganhar dinheiro enfeitando tela de *Photoshop*. Mas nós sabemos que, para fazer a diferença, gerar emoção, sensibilizar, para se eternizar, aí sim, precisa ser artista... e muito!

Nisso, um senhor muito sério surgiu por trás das cortinas e, com seu bastão, bateu três vezes no piso de tábuas, anunciando que o espetáculo iria começar. E iria mesmo, não fosse por um rapaz que entrou esbaforido a gritar:

A **Comédia Cearense** é um dos mais antigos grupos teatrais do Brasil. Criado em 1957, o grupo é coordenado pelo radialista, ator, diretor e cenógrafo tamborilense **Haroldo Serra** (1934) – também criador do Teatro Experimental de Arte, ao lado de B. de Paiva, Marcus Miranda e Hugo Bianchi – e por sua esposa, a atriz e figurinista, natural de Itapipoca, **Hiramisa Serra**.

– Acode, minha gente, que o Carlos Câmara²¹ foi preso na praça do Ferreira porque estava tomando banho pelado no cacimbão!

Pois é, amigos, e viva a comédia cearense!



Ramos

ao Passeio Público!

22 de outubro de 2007

Nem acreditei quando recebi o convite para a reinauguração da praça dos Mártires, o Passeio Público de Fortaleza – que Deus me perdoe –, o mais bonito do Brasil! Precisei ver para crer e para poder contar depois para aqueles que por lá não estiveram.

Entendo que muitos de vocês, leitores, nunca foram ao Passeio por conta da propalada insegurança ou pelo receio de deparar-se em meio a uma zona de prostituição. Aliás, me pareciam apreensivas muitas das criaturas *shoppingueiras* que circulavam inconciliáveis por entre as potentes luzes, temporariamente, perfiladas no chão, durante aquela estranha reinauguração. Ao contrário, é a situação do amigo Vilemar Costa, que encontrei sentado, tranquilo e sozinho num banco a lembrar os tempos de menino quando trabalhava ao lado do pai no centro da cidade.

O Passeio brilhava, é verdade, mas seu entorno estava escuro e triste, o mar a soluçar, mesmo com o agitado forrobodó que grassava num boteco de clientela engalfinhada na esquina.

Naquele dia, porém, todos acreditavam que estariam seguros, pois algumas ditas autoridades apareceriam por lá. E apareceram mesmo!

A primeira delas que encontrei foi o pintor Raimundo Ramos, o Ramos Cotoco – como é conhecido popularmente. Com um chapéu de palhinha e a fatiota de estopa enfeitada por escandaloso girassol na lapela, trazia sua paleta mágica de exímio paisagista presa à axila – ele não tem o antebraço direito – e, com o pincel, alvejava as estátuas europeias, matizava o verde das folhas das árvores, constelava o céu de anil e traçava delicados fios cristalinos d'água no chafariz. Piparoteando como um narigudo fauno de bigodes, gargalhava ao ver o enigmático duelo entre as esfinges gêmeas (na

entrada bloqueada do antigo segundo plano do Passeio. Hoje, área do quartel):

– Eu perguntei primeiro. Responda!

– Não, fui eu. Responda você!

– Não foi!

– Foi, sim!

– Responda. Olha que eu a devoro...

– Eu devoro você também!

E por aí vai...

Ramos nunca perdera nenhuma das inaugurações do Passeio, desde a primeira. Aliás, ele não perdia nem os bailes das *areias*, as burletas, as retretas, os passeios de bondes, as serenatas dos beletistas apaixonados que declamavam nos arrabaldes frios e enluarados seus mais doridos ais... Ali, parou diante de uma das portas do quiosque restaurado e indagou:

– Será que não sai nenhum *peruzinho sem osso* – aluá com cachaça – para a gente, não?

Nisso, a prefeita chegou com sua comitiva. Algumas pessoas a cumprimentavam e saíam furtivamente pelo portão, enquanto ela subia no coreto para iniciar a solenidade. Uníamo-nos a um público minguido, quando Ramos cochichou ao meu ouvido:

– Mulher bonita é um perigo; mulher feia, um castigo! Eu, pelo menos, acho bonito é o diabo da feia, e não mudo nem sob chicote chiando na peia!

Davi, Lucas, Ramona e Caio, alunos do Colégio Militar – onde estudei por seis anos –, subiram para cumprimentar a prefeita. Todos sorrisos, encimados por tapiocas vermelhas.

Diante de uma comentada tentativa de afastar as prostitutas do local, a presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras do Sexo tomou o microfone e pôs-se a bradar:

— Estão pensando o quê? Prostituta não é vagabunda, não! Vagabundo é o marginal!

As sisudas autoridades, a se acotovelarem no coreto, aplaudiram. Cotoco assentiu:

– Expulsar as pobres mocinhas daqui? Ora, se somente elas não traíram o Passeio! Ao contrário, a burguesia pançuda o abandonou e vem aqui, só hoje, dia de festa, e não mais. Só não digo para atirarem a primeira pedra, por puro medo de quebrarem novamente os lampiões!

O secretário de Cultura, de posse da *altiva* palavra, sentenciou numa exaltação solene:

– A degradação do Centro foi fruto da conspiração da elite burguesa para valorizar os terrenos da Aldeota. É preciso anotar isso!

– O secretário mora no Centro? –, perguntou-me. Respondi que não. – Então, é preciso anotar isso também! –, ironizou, fingindo rabiscar algo na manga do paletó.

– Olha, Raminhos, sejamos justos: reformaram o Sobrado do Dr. José Lourenço, um dos poucos sobrados de três andares em Fortaleza; a Secretaria de Cultura do Estado pretende ocupar os andares do edifício do cine São Luiz na praça do Ferreira; o Metrofor não vai mais derrubar nem mexer com a Estação Ferroviária da Parangaba; estão reformando e restaurando o antigo Hotel do Norte, aqui ao lado; a prefeita pretende reformar e voltar ao Palácio do Bispo (Paço Municipal), e tem ainda a promessa do projeto de requalificação urbana da Praia de Iracema...

– Ah, ela prometeu, foi? Meu caro, as mulheres são boas, belas e mimosas, ninguém pode negar. Até mulher de soldado, não esqueço de saudar, mas se é mulher... é bom não confiar!

– Ah, você é do tipo machão, é? – estranhei.

– Sou, sim. E como sou! Aqui mesmo eu já briguei com dez soldados ao mesmo tempo. Botei todos para correr... atrás de mim! –, riu. – São bobagens, d’ estar! Não s’ importe, não – começou a cantarolar:

“Quando é noite de Passeio, vão todos ninguém vai só. Eles vão à Caio Prado e nós vamos à Mororó²². Vão eles tomando conhaque, sorvetes, e

nós, nos tabuleiros, compramos roletes. Estou satisfeito com tais namoradas, que procurem as patroas, pois eu prefiro as criadas!”

– Não se engane, menino, não importa o que digam, este mundo é mesmo uma grande paçoca!

Raimundo Ramos (1871-1916) nasceu em Fortaleza, Ceará. Pintor, poeta e músico publicou, em 1906, *Cantares bohêmios*. Foi, por meio de sua arte, um irreverente cronista de seu tempo. Teve algumas de suas músicas gravadas pela Casa Edson do Rio de Janeiro. É possível ainda encontrar pinturas suas no Theatro José de Alencar, no altar-mor da igreja de Nossa Senhora do Carmo e no prédio da Sociedade São Vicente de Paulo. Algumas das falas do Cotoco no texto são adaptações e transcrições de sua obra.

**“Com um chapéu de palhinha e a fatiota de estopa
enfeitada por escandaloso girassol na lapela,
trazia sua paleta mágica de exímio paisagista
presa à axila – ele não tem o antebraço direito – e,
com o pincel, alvejava as estátuas europeias,
matizava o verde das folhas das árvores,
constelava o céu de anil e traçava delicados fios
cristalinos d’água no chafariz.”**



Do Dia em que Choveu Poesia

19 de novembro de 2007

Que os leitores não estranhem, mas teve um dia em que choveu mesmo poesia por aqui. Não, talvez também nem desse crédito a tal absurdo, se não tivesse visto com meus próprios olhos.

Foi assim: Túlio Monteiro, prosador e boa gente, me ligou dizendo estar precisando de 100 poesias para fazer “chovê-las” no centro da cidade. Calei ao telefone e pensei: escrever pode não fazer bem à saúde mental... Eu estava enganado! Explicou-me que, em 1982, o poeta Adriano Espínola²³ lançou, literalmente, do alto de um edifício de vinte andares do entorno da praça do Ferreira, o seu livro *O lote clandestino*. Foi a primeira *Chuva de Poesia* no Ceará.

No ano seguinte, outros autores, em meio ao processo de anistia e redemocratização do país, fizeram chover, dos altos dos prédios da mesma praça, 80 mil panfletos – em todos se lia a divisa: *Poetas pelas DIRETAS* – com poesias de diversos autores da época. Daí, passados vinte e cinco anos, como parte da *Feira do Sebo*²⁴, tiveram a bela ideia de resgatar a história dessas *chuvas* ainda pouco conhecidas pela cidade que cresce (incha) fria e desmemoriada.

Entusiasmado com a ideia, pedi versos aos amigos. Destes, poetas já conhecidos ou nunca antes publicados.

No dia do evento, para variar, cheguei atrasado. Vinha pela sombra do corredor ventaneado da Barão do Rio Branco, quando ouvi um barulho. Levantei a vista e assisti, deslumbrado, à *Chuva de Poesia*. Os 100 mil panfletos, dispersos aleatoriamente no ar, bruxuleavam como papel laminado. Os pequenos quadrinhos envermelhecidos pela pátina de Sol que começara a se pôr gritavam num rompante poético e passamos a ouvir todas aquelas vozes rasgando o silêncio da tarde, a lavrar o afresco do céu como

pássaros libertos e brilhantes. Alguns, mesmo antes de descer ao solo, transformavam-se em borboletas ou emprestavam as asas dos pombos que marchetam a fachada do cine São Luiz. Enquanto uns floresciam pendurados às janelas, de outros brotavam nuvens, estrelas ou prantos revelados numa chuva poeirenta.

As pessoas paravam na rua, juntavam-se, aproximavam-se às portas das lojas, sorriam umas para as outras, trocavam impressões. Entre elas, eu que chovia as imaginava ali, naquela papelança, um pouco de mim e de alguns amigos. Via-lhes o rosto; sentia-lhes a alma a invadir o terreno monótono da incredulidade.

Um dos panfletos deslizou ligeiro em uma sapataria. Entrei e peguei-o: “Martinho Rodrigues?” Esse não conheço! Li, depois entreguei a um curioso vendedor. Pus-me a catar poesias esparramadas pelas calçadas. Mas não era apenas eu quem as colhia. Vi jovens, taxistas, camelôs, senhoras, engraxates e lojistas as devorando ainda vivas.

Chegando à feira da praça, minha alegria foi ainda maior, pois encontrei muitos dos meus amigos que *choviam*. Estavam felizes, mostravam seus poemas, guardavam e/ou trocavam outros. Era como se a árida incompreensão das coisas da vida, onde a poesia e a beleza cada vez têm menos espaço, estivesse sendo lavada por dentro em seus corações.

Fragmentos de amores, alegrias, tristezas, dúvidas, decepções e esperanças: sentimentos – humanos! – ainda transbordavam. Porém, até então, não vira nenhum panfleto com meu poema. Foi quando, depois de procurar entre pilhas e pilhas de papel, vi um rapaz colocar alguns numa lixeira. Disse-lhe: “Olhe, se eu estiver aí dentro vou ficar chateado com você”. Eu estava entre eles, sim, mas, ao contrário, fiquei feliz em me encontrar, mesmo que naquele papelete meio amassado e sujo. Ali, antes de guardar na memória, o fiz na velha mochila de lona.

A noite chegou coroada à lua cheia. Quase não se viam mais poesias a pratear as calçadas, os toldos ou marquises. Encantaram-se!

No caminho, decidi escrever esse registro, cronicamente correto, para que daqui a alguns anos – uns cem talvez – alguém possa degustar as saudades desse tempo e lembrar. Afinal, acredito: quem consegue lembrar, guarda o mundo dentro de si!

Os 100 autores/poesias que choveram na praça do Ferreira em 26 de outubro de 2007 **Túlio Monteiro** (Dos silêncios e respostas que não convencem), **Raymundo Netto** (Fortaleza?), **Lira Neto** (Semente de tamarindo), **Pedro Salgueiro** (Peso do morto), **Carlos Nóbrega** (Três fortalezas), **Henrique Beltrão** (Vermelho), **Amanda Orson** (As crias da noite), **Rejane Costa Barros** (Cantiga de uma saudade), **Carlos Gildemar Pontes** (Cavalos-marinhos), **Ítalo Rovere** (D...), **Ana Cristina Souto** (Domador de dores), **Carmen Córdoba** (Poema de uma falsa poetisa), **Aíla Sampaio** (A cidade), **Pablo Robles** (Era uma vez a natureza), **Aline Carlos** (Laços de lembranças), **Urik Paiva** (Instante-quase), **Solange Benevides** (Nas contas dos mistérios), **Malena Monteiro** (Vocábulos), **Calé Alencar** (Ventre), **Georgia Cruz** (Universo sensitivo ou órbitas ornadas tuas), **Lucineide Souto** (Uma outra vida), **Ricardo Kelmer** (Sonhos urbanos), **Jorge Maia** (Por aquela porta), **Sonha Malaquias** (Vida e poesia), **Edilmo Bezerra** (Corpos ardentes: por si só soa e ecoa), **Gisneide Ervedosa** (Amor de poesia), **Ivaldo Ribeiro Filho** (Ao acaso), **Sérgio Severo** (Canto de amor à Fortaleza), **Zinah Alexandrino** (Catarse), **Magali Oliveira** (Chuva de prata), **Rebeca Sales Viana** (Delicadeza), **Nelson Rocha** (Filho da Pátria), **Paola Benevides** (Mônada), **Zenaide Marçal** (Pensa em mim), **Chico Miranda** (Pelo amor de Deus), **Fernanda Benevides** (País das maravilhas), **José Netto** (O livro da chuva), **Meire Viana** (Menina-loba), **Ayla Andrade** (Canção de ninar), **Rafael Martins** (Sobressalto), **Nílto Maciel** (Lâmpadas de azeite), **Roberto Pontes** (Poema para foto antiga), **Batista de Lima** (O pregador de botões), **Martinho Rodrigues** (Uma sonata), **Mirella Adriano** (sem título), **Veridenia D. Passos** (Canção do exílio), **Olganira Mota** (A insônia que você me causa), **Sabina Colares** (Luminância do amor), **Fládia Carcos** (Quando minha viola quebrar), **E.B. Sotero** (Não tem sumiço), **Tátio Bezerra** (Venha, pois te espero), **Gervana Gurgel** (Criação), **Alan Mendonça** (As penas), **Cláudio Feitosa Dantas** (D. Quixote), **Chico Vieira** (Para el bojador caminante), **Lya Carvalho Jardim** (O homem que calculava), **Araceli Sobreira Benevides** (Paisagens de meus sonhos), **Djaila Cordeiro** (Ao acaso), **Marcos Abreu** (Eterno amor), **Dimas Macedo** (Poema), **Barros Pinho** (Alguma herança), **Carlos Augusto Viana** (O percurso das cinzas), **Clauder Arcanjo** (Sombras de mim), **Diogo Fontenele** (Madrigal de revisitação à Fortaleza de Nossa Senhora d' Assunção), **Francisco Carvalho** (Circe), **Cláudio Portella** (Poème), **Hamilton Monteiro** (Imortalidade), **Jorge Tufic** (Manuel de Barros), **Linhares Filho** (Momento), **Leontino Filho** (Silêncio breve), **Micinete Mulher** (Chão da fumaça; chão do mundo), **Demétrios Galvão** (sem título), **Eduardo Cardoso** (Desaguar), **Eli Castro** (Na serra), **Fabiana Guimarães Rocha** (Fluídas águas), **Fernanda Meireles** (Boá), **Frederico Régis** (A nua sauna), **Nilze Costa e Silva** (Frida Kahlo), **Manoel César** (RQ), **Bento Filho** (Histórias salinizadas), **Expedito Maurício** (As noites de Iracema), **Vírgilio Maia** (Desde uma marinha de Socorro

Torquato), **Pedro Henrique Saraiva Leão** (sem título), **Fernando Néri** (Êxtase), **Marina Fernandes** (Sem título), **Adriano Espínola** (N[ave] cidade), **Henrique Araújo** (Dois menos um), **Henrique Dídimo** (Atalaia), **Marina Araújo** (Despejodesejodespejopelejadespejo), **Mirella Adriano** (Luna azul), **Reinaldo Pimenta** (Olhos de fanal), **Manoel Carlos de Alencar** (Sol sobre a neblina), **Mardônio França** (Poema da maldade da saudade), **Roberto Barros** (Sonho blue), **Sara Leôncio** (Carrossel), **Ylo Barroso** (Canção de encontro), **Soares Feitosa** (Adolecíamos), **Luciano Maia** (Perfil de Mariana), **Suely Andrade** (Cotidiano), **Sânzio de Azevedo** (haikais: Nordeste e Nordeste 2) e **Mário Gomes** (Gritos do espírito)

**“Os pequenos quadrinhos envermelhecidos pela
pátina de Sol que começara a se pôr gritavam
num rompante poético e passamos a ouvir todas
aquelas vozes rasgando o silêncio da tarde, a
lavar o afresco do céu como pássaros libertos e
brilhantes. Alguns, mesmo antes de descer ao solo,
transformavam-se em borboletas ou emprestavam
as asas dos pombos que marchetam a fachada do
cine São Luiz. Enquanto uns floresciaam
dependurados às janelas, de outros brotavam
nuvens, estrelas ou prantos revelados numa chuva
poetorrencial.”**



Uma Crônica de Natal²⁵

17 de dezembro de 2007

Não sei você, mas eu nunca gostei do Natal. Acho uma data muito triste, deprimente, talvez por isso, no passado, decidi que só me casaria se fosse num dia de Natal. E assim o fiz!

Nunca escondi de ninguém esse desânimo natalino, a vontade de fugir de festinhas de confraternização, amigos secretos, *jingle bells* e coisas do tipo. Penso que justamente por isso é que me acontecem coisas como a que revelarei agora para você.

Uma tia, semana passada, trouxe à minha casa, emprestado, um relógio de parede – com gabinete de carvalho escurecido, pêndulo dourado e umas raladurazinhas no mostrador de algarismos romanos – que pertenceu aos meus avós. Desde menino, era louco por aquele relógio. Pois bem, na madrugadinha, acordei com seu sonoro gemer de horas. Na casa pequena o som reverberava. Como parecesse não parar nunca, pensei: “Será que travou?”

Chegando ao corredor, o susto: uma figura esfumaçada, de olheiras sulcadas e cavanhaque revoltoso saía da portinhola de vidro do relógio e argentava, num clarão, a sala:

– Ebenezer! Ebenezer! – berrava em tom gutural.

– Ebenezer? Está falando comigo?

– Sim, seu tolo insensível! Não se lembra mais de mim? Marley. Boz Marley!

– Não, seu Boz, pode voltar para o relógio. Ligação errada!

Ele não dava ouvidos, ou não os tinha, e continuava como cantiga de grilo:

— Ebenezer, eu sou o espírito natalino e o levarei para conhecer o Natal do passado, do presente e do futuro. Você precisa se arrepender já, enquanto

ainda há tempo, senão...

Arrependimento? Nem precisava, coleciono tantos, tantos... Mas ele não me compreendia. Enlaçou meu pescoço com as pesadas correntes que arrastava e, como por encanto, tudo em minha sala pôs-se a desaparecer: o sofá velho – este, eu nem liguei –, a tevê, a minha amada cadeira de balanço e até a empoeirada árvore de Natal, na qual, desde o ano passado, o pisca-pisca deixara de funcionar. Tudo desapareceu, dando lugar a calçadas, prédios e um renque de postes: estávamos na rua!

O Natal do passado

Reconheci o Palacete de Carvalho Mota, antigo prédio da Inspetoria das Secas: era a rua General Sampaio, no centro da cidade.

Percebi que, na esquina, um pequeno terreno amurado atraía várias crianças. “O que está acontecendo ali?”, perguntei ao Boz. “Você quer saber? Vamos lá, então” — arrastou-me.

Dali de cima, podíamos ver um senhor moreno – “Antônio de Paula Barros”, disse-me o Boz – suando às bicas por detrás de uma lapinha. Era uma espécie de cidade em miniatura, toda mecanizada, onde podíamos ver um trem com rostinhos de passageiros que saíam e se escondiam rapidamente, automóveis, lavadeiras, soldados marchando, a procissão, operários em uma fábrica, serenatistas ao pé de um sobrado, um cata-vento rangedor, o engenho, o carrossel e sinos de igreja a badalar numa ilusão diorâmica sustentada a fios movidos por um velho motor, enquanto um gramofone, roucamente, tocava uma antiga melodia natalina.

Dois cisnes cruzavam o espelho margeado pela areia dando a impressão de uma lagoa. Próxima, e no centro da pequena cidade feita de papelão e latas amassadas, a manjedoura do menino Jesus era alteada por uma estrela de papel. As crianças, e mesmo os curiosos pais, riam admirados até quando acontecia algum “acidente” e o pobre Barros tinha que desmanchar aquilo tudo, puxando fios, ajeitando os bonequinhos, desentalando o trem

descarrilado. “Que coisa linda”, pensava, quando senti me puxarem o pescoço: “É hora de irmos adiante, Ebenezer!”

O Natal no presente

Num piscar de olhos, saímos do Centro e fomos parar em um *shopping center*, o não-lugar de todas as cidades do mundo. O espírito não parecia tão severo quanto antes. Sentou-se embaixo de uma fonte e observava as pessoas comprando, comprando, comprando. No canto, o trono de um Papai Noel barrigudo e triste – “estaria ganhando pouco para tanto sacrifício?” – a bater no piso com o coturno cadencioso. As pessoas entravam e saíam das lojas em corre-corre danado, indiferentes à torre de concreto que crescia, ali ao lado, por sobre um tapete de manguê²⁶. Elas conferiam listas, endividavam-se, discutiam, falavam que tinham de ir para a festa de Fulano, tinham que comprar o presente para Cicrano e tinham mais outras tantas coisas para fazer, mas o que queriam mesmo era largar tudo isso e assistir ao show da dupla chorosa que iria tocar no *réveillon* naquele hotel de luxo: “Mas com quem iriam deixar as crianças?” “Ah, elas atrapalhavam!”

– Já vi o bastante, e você? – sentenciava o espírito.

– Não sei. Isso me parece tão normal. Quer dar uma passadinha na praça da alimentação, não, espírito? – nem respondeu!

O Natal no futuro

Estávamos na praça do Ferreira. Pelo menos, foi o que Boz me disse, pois eu mesmo não a reconheci. Aliás, nem tinha mais esse nome. No meio dela, ao invés da Coluna da Hora, um imenso Jesus de fibra todo iluminado, braços abertos e olhos de martírio, girava enquanto abria a bocarra para receber as moedas que as pessoas lançavam. O mais impressionante era que aquelas pessoas não tinham rosto, acredita? Verdade! Não tinham olhos, narizes ou bocas, e, às costas, via-se uma pronunciada chave de corda que as impulsionava, maquinamente, a seguir em frente com suas roupas, sapatos, bolsas e cabelos iguais. A diversidade tinha ido para o espaço,

assim como as árvores, os rios, as lagoas, os pássaros e animais. O céu embaçava visto através de uma redoma de vidro; o piso e a grama emborrachados, os jardins de plástico e de alumínio. Família? Ninguém sabia o que era isso. Filhos, só de incubadoras, e geneticamente preparados por encomenda! Não sabiam pensar, repetiam apenas. Moravam sozinhos em *lofts*. Nem sei se esse povo todo estava ali ou se eram apenas imagens holográficas:

– Consumismo demais, desperdício demais! Só ganância, egoísmo, vaidade, violência, exploração e muita mentira! O mundo se tornou frio e odioso. E, então, Ebenezer, você está convencido agora de que precisa mudar?

– Sim, espírito, tenho que mudar e voltar a ser o Raymundo Netto novamente. Eu não sou esse tal Ebenezer, criatura! – insisti. – Vossa fantasmagoria se enganou feio. Quero ver mais nada, não!

– Sério? Você não é o Ebenezer Scrooge? – tirou um pedaço de papel do bolso e o leu acuradamente. – Homessa, nem acredito. Não é a primeira vez em minha divisão que digitam o CEP errado. Estagiários! Mil perdões, seu Raymundo, foi mal!

Dizendo isso, agitou os braços e, de repente, eu estava de novo em minha casinha de vila.

De volta

No silêncio da sala, o sol já despontava. Iria deitar-me, quando olhei para a árvore de Natal apagada. Lembrei: basta apenas uma das lâmpadas do pisca-pisca queimar para que todas as outras percam a função. “Assim como as pessoas”. Devagar, troquei a pequena lâmpada, e, todo ele voltou a brilhar! Sentei para admirar a dança das coloridas piscantes que tocavam uma musiquinha parecida com a da lapinha do velho Paula Barros. Pareciam me dizer: nós não estamos sozinhos e temos que comemorar todos os nossos dias. Feliz Natal, amigos e leitores!

“Estávamos na praça do Ferreira. Pelo menos, foi o que Boz me disse, pois eu mesmo não a reconheci. Aliás, nem tinha mais esse nome. No meio dela, ao invés da Coluna da Hora, um imenso Jesus de fibra todo iluminado, braços abertos e olhos de martírio, girava enquanto abria a bocarra para receber as moedas que as pessoas lançavam. O mais impressionante era que aquelas pessoas não tinham rosto, acredita?”



A Leitura de um Apagão

14 de janeiro de 2008

No sábado, mal havia chegado de um encontro de discussão sobre o *Plano Estadual do Livro e da Leitura*, já me sentia cansado só de pensar no monte de coisas atrasadas a resolver. “Problema, não”, decidi, “passarei o domingo trabalhando!” Contudo, que raiva, logo pela manhã fui surpreendido com a falta de energia elétrica. Estava ao computador, digitando e preparando um texto e, *pam*, apagou-se tudo! E então, o que fazer? Ora, há tempos, desde que passei a digitar, descanetei a casa inteira e, sinto, esqueci como se escreve. Nem minha caligrafia reconheço mais.

Desolado, sentei-me à varanda de casa, que dá para a calçada da vila. A vizinhança, assim como eu, estava inquieta. O assunto era um só: o tal do apagão!

Reclamavam, perdidos em observações e perguntas tediosas, escravos que se tornaram (leia-se: “nos tornamos”) dos eletrodomésticos. A sensação de impotência e inutilidade tomava conta de todos e a previsão de retorno da energia era de longa, longa espera.

Em minha cadeira de balanço, para esquecer a ansiedade e distrair-me das ideias – que já emudeciam –, resolvi ler qualquer coisa: peguei um livro.

Debruçou-se ao portão, a vizinha, uma senhora com quem nunca antes trocara palavra. Diante da situação – e provavelmente pela falta do que fazer –, puxou assunto e perguntou que livro era aquele, se era bom, era sobre o quê... Enfim, percebendo que a conversa se ia longa, emprestei-lhe o livro: “Vá, leia. É melhor!” O vizinho da frente, passando à calçada e vendo a cena, parou e começou a falar sobre um livro que havia lido, adolescente ainda, e que fora o melhor de sua vida (e também o único!). Perguntei o título e reconheci que o tinha em casa, além de outro do mesmo autor.

Surpreso, perguntou se eu poderia emprestá-los. O segundo, para levar à esposa – “Ô, mulher *ingnorante!*” –, e o primeiro, para matar saudades. Hesitei. Em minha cabeça a frase: livro não se empresta! Mas, afinal, eram meus vizinhos.

A primeira vizinha, rapidamente, voltou toda animada. Cedeu o livro à filha e estava lá a pedir-me outro, para ela e o nervoso marido: “Eu não sabia que ler era uma terapia tão boa...” Rápido, lhe disse: “Não gosto dessa palavra, pelo amor de Deus, minha senhora. Ler não é só distração, não, é necessidade!”

De repente, nem precisava pegar os livros na estante. Eles, por si sós, com exceção dos de literatura infantil – estes não nos deixam nunca –, saltavam e escolhiam seus leitores. Os de poesia, claro, foram os primeiros a escapar, seguidos pelos de contos e os preguiçosos romances. Um, do Cortázar²⁷, riscou com giz a calçada e brincava com as crianças. Os cordéis, como rouxinóis, voaram. Os de artes, rebeldes, cortaram as orelhas.

Fiquei inquieto e cada vez mais sem livros em casa. Os demais vizinhos, muito à vontade, vinham tomar o restante. Pediam sugestões, liam com os filhos e, quando voltei ao portão, percebi que todos estavam nas calçadas. Colocaram as cadeiras, formaram rodas e liam. Até um deles que havia perdido um filho por trás do sofá há um mês, o reencontrou, e logo se puseram a trocar ideias sobre a grande novidade: o livro!

Daí, outro fenômeno aconteceu. Diante de tanto assunto, quem mora em vila sabe, os vizinhos deixaram de falar uns dos outros. Pensei: “Será que as guerras existem porque as pessoas não leem?”

Nisso, um vizinho muito chato e azedo, com quem não gostava de travar diálogos, postou-se ao portão com um dos meus livros desaparecidos debaixo do braço. Confessou: “Quando mais novo, escrevia poemas.” e pôs-se a recitar um dos quais ainda recordava. Droga, era muito bom! Até perguntei se ele tinha certeza dessa autoria. Riu-se, presunçoso, e tascou:

“Ouvi dizer que você ‘também’ escreve...” E será que eu mereço isso, leitor amigo?

Soube depois que meus livros estavam espalhados no bairro inteiro, e, pouco depois, nos bairros mais próximos. À tarde, um homem veio do outro lado da cidade, comentou que, por lá, os taxistas, os policiais da ronda, os vendedores e engraxates, os liam. Nas churrascarias, arrancaram os imensos aparelhos de televisão e colocaram mesinhas e prateleiras com livros. As praças, antes feias e abandonadas, passaram a ter movimento, contação de histórias e espaços de artes. Os jovens idealizavam festas temáticas baseadas em obras literárias. As bibliotecas e cafés da cidade se tornaram pontos de encontro. Nas comunidades, criaram as *Casas do Livro* – as versões “impressas” das *lan-houses*.

Já à boca da noite, alguém gritou de uma janela: “A energia voltou, gente!”. As pessoas levantaram a cabeça, se entreolharam, acenderam as luzes das varandas e... continuaram a ler, a contar histórias e a conversar umas com as outras.

Entretanto, pobre de mim, isento de livros, entrei. Sentei no sofá, peguei o controle remoto e liguei a TV, onde li, boquiaberto, nos caracteres em meio a uma tela azul, que o programa *Big Brother* havia sido cancelado pela simples e absoluta falta de audiência:

“Ah, queria tanto ter ainda um único livro para dar uma espiadinha...”



O Cordel em Saudade Enluarada

25 de fevereiro de 2008

A Feira do Sebo do mês de janeiro teve como tema a Literatura de Cordel. “Mas por que o Cordel?”, ouvi de algumas pessoas a admiração, e eu, cá, me admirando era com elas. Ora, bastava ir à praça do Ferreira e descobrir o motivo! E era este, se não outro: os autores dos folhetos, assim como as suas obras, estavam espetacularmente pendurados pelos cotovelos, joelhos ou pés, sustentados por pregadores de roupas em pequenos fios parecidos com barbantes de palha. E, mesmo assim, estavam sorridentes, contando as presepadas de um matuto ou de outro, arremetendo a mão engarrada na declamação de versos, na contação de causos de onça ou de saudosas pelejas. Se eles não estavam chateados com a posição incomodante? Qual nada! Cordelista sempre dá um jeitinho de *desatar nós*. Ainda mais em meio de praça. Estavam, bem dizer, em casa!

De primeiro, adoro a Feira, pois além de levar escritores, pesquisadores e artistas para conversar com o povo, faz feliz aos sebastas e livreiros que desprendem livros a preços bem acessíveis – já foram vendidos, em quatro edições, cerca de 10 mil livros. E, repare, ainda tenho a desculpa para passar uma tarde inteira na praça, a minha praça, e encontrar com diversos passantes e amigos.

Naquele dia encontrei, ao lado da tenda, todo enfeitado de fitas, um muito querido – haviam me dito, vejam só que malvadeza, que tinha passado desta para melhor. Sabem quem? O poeta e contista Ribamar Lopes. Esse reencontro foi de alegria muito grande, ainda mais sendo na Feira devotada aos cordelistas e cantadores a quem ele tanto se dedicou.

Conheci o Ribamar quando eu era ainda menino, e nem não faz muito tempo. Chegava lá em casa – onde minha mãe mantinha seu consultório dentário –, sentava na área, cruzando os joelhos, e se punha a ler alguma e

qualquer coisa, enquanto ela não o atendia. Encostado à janela, eu o espiava, curioso: sujeito de pequena estatura, esguio, face rosada, olhos bem miúdos, cabelos brancos, ralos e apipocados. Teve uma época em que dava a chegar com uma boininha, mas creio que *não pegou*. Eu, menino velho de cabelos negros espetados e sardas decorando a palidez do rosto, tinha mania de escrevinhar poeminhas rimados em pequenas quadras, e sabendo-o poeta, levava-os – desaforo! – para que lesse. E não é que ele lia mesmo! Lia com modos de gravidade remetendo ares de coisa séria. E era! Dava-me conselhos, sugestões, cozia ali mesmo outros versos, falava da sua coleção de velhos LPs, e se divertia, ria gostosamente da conversa boba e inventiva de um menino que, não sabia, mas naquela envoltura, fugia da feitura do dever de casa.

Assim, logo quando o vi na Feira, lembrei-o de um presente recebido há 23 anos passados: o livro *Quinze casos contados*, de sua autoria, que até hoje carrego comigo nas diversas moradas que tive na vida.

– Na verdade, Ribamar, foi o primeiro livro de contos que li, sabia?

Entortando a boca por sobre o queixo quadrado, tímido, impressionou-se. Ajeitou os óculos, enrugou a testa e vozeirou sem pressidão:

– Eu não gosto de sair à noite, Netto. Tenho saído muito pouco. Acho que o último lançamento em que compareci foi o do seu livro, sabia? Meses antes, tinha ido para o da Lucineide Souto²⁸, devido à amizade, lá no Mercado dos Pinhões. Venho algumas vezes à praça, converso um pouquinho com o Rouxinol do Rinaré²⁹ na *Banca do Cordel*. Aliás, me parece que acabaram com a banquinha, não foi? Que pena, que pena. Contudo, convém que fique entendida a grandeza da contribuição da poética popular. Veja bem: os seus folhetos, assim como os velhos almanaques comprados em feiras e mercados, letraram muita gente do sertão afora, na época em que era mais difícil o ensino. Divulgaram o talento de diversos xilogravuristas e ainda hoje são os grandes responsáveis pelo legítimo res-gate e manutenção da identidade, folclore, tradições

populares e regionais. Creio que a poesia de cordel é um veículo indispensável para se criar o gosto pela leitura e, ao mesmo tempo, fixar as raízes culturais de nossas crianças. Sem dúvida eu posso dizer que o cordel é o espelho do povo.

Ribamar Lopes (1932-2006) é poeta, folclorista, contista e ensaísta, nascido em Pedreiras, Maranhão. Premiado autor da antologia *Literatura de Cordel*, *Cordel: mito e utopia* (ensaio), *Quinze casos contados* (contos), *Viola da saudade* (poesia) e *Saudade enluarada* (Poesias - póstumo), entre outros. Grande pesquisador da literatura em cordel, amigo em comum e incentivador de diversos cordelistas cearenses que despontam hoje no cenário nacional e internacional, como Klévisson Viana, Arievaldo Viana, Rouxinol do Rinaré e muitos outros.

Ouvindo atento, após um pigarro, arrisquei como antigamente:

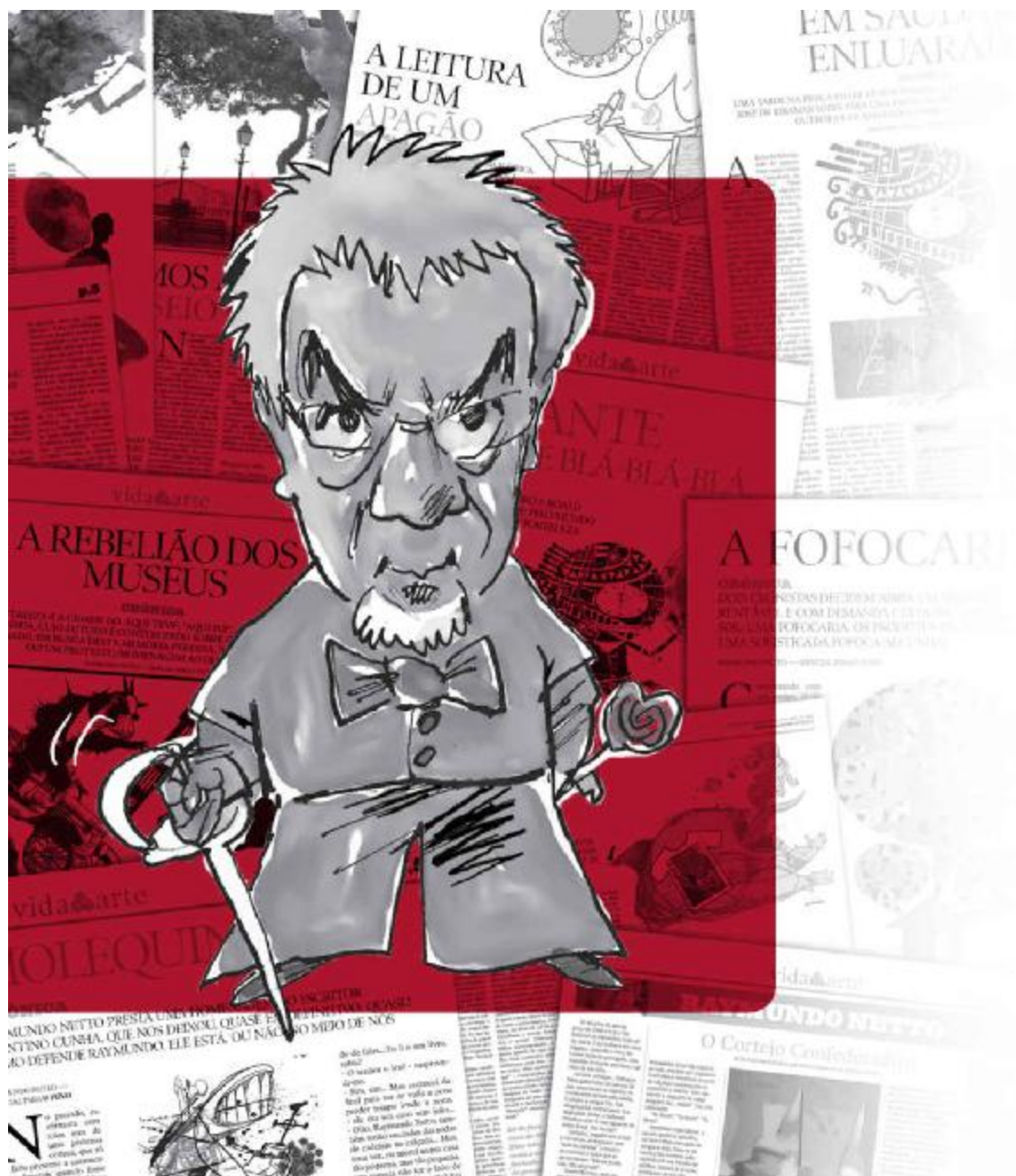
– A peleja é grande, meu amigo, e a vida é tirana, mas o cordel está de volta à praça, nem que seja por uma semana, através da Feira do Sebo, um evento tão bacana.

O velho Riba gargalhou da versejada de pé quebrado:

– Um dia você consegue... Vai tentando, *pingo de leite*, vai tentando!

Abracei-o fortemente como quem, talhadas as lembranças, as recolhe no coração. Ele, cansado, disse que partiria com saudade, mas se iria. Sossegado, sorrindo com graça, lançou as pernas ligeiras pela Guilherme Rocha – uma rua linda –, carregando umas sacolas de compra. Foi-se. Entre as emboladas e cantorias, me pus a ouvir uma valsa. “E a valsa começa a sair da clarineta. A mesma valsa das serenatas, agora soando triste, e não apaixonada.”³⁰

À distância, por trás do galope do tempo, vi a poeira da eternidade agudar-se no peito: Até “um dia, um dedo, um dado; um dado, um dia, um dedo; um dedo, um dado... um dia!”³¹



O Habitante do Panaplo

E BLÁ-BLÁ-BLÁ

17 de março de 2008

Fortaleza é uma cidade linda, não é bela, mas é linda. Embora seja reconhecida como a “loura desposada do Sol”, deixa-se, igualmente, possuir de amor por sua Lua. Daí, notívago que sou, levei um telescópio para admirá-la durante o *Luau literário* do obstinado Movimento Proparque³² no, ainda desmerecido, parque ecológico Rio Branco.

Luava no céu quando, em dado momento, uma massa branca me empatou a visão. Levava o telescópio de um lado para o outro, e ela, tal qual uma *bolha de osso*, perseguia-me. Afastei-me da objetiva e percebi, flutuante à frente, um pequeno asteroide do tamanho de uma bola de futebol: era o ZYB-53³³!

À superfície, não se via nada a não ser uma castanholeira plantada por Oru, o jardineiro. Foi quando, de uma pequenina cratera, quase um cravo, a empunhar uma rosa de plástico, saiu um homenzinho com um chapéu de desculpas, vestindo fardão azul e bermuda amarela. Sua imagem era quase camaleônica. Trocava de cabelos e barbas o tempo todo, e de um canto de boca corria, em fio, molho inglês tipo *Worcestershire*:

– Bem-vindo a Panaplo e blá-blá-blá!

Difícil imaginar aquele vozeirão saindo de uma figura tão pequena. Observei:

– Ei, sabia que você é a cara, ou as caras, do Jorge Pieiro?

– É mesmo? Mas eu sou *Eu*³⁴! – respondeu o certo frágil navegante do mundo pleno de infinitos e arestas.

– *Eu*? Você é *Eu*?

– Não, você não é *Eu*. Eu sou! O último poeta do Panaplo, o meu planeta portátil, e blá-blá-blá... – afirmou ao deitar os olhos nostálgicos em *Jorlan*, o pinguim³⁵, deslizando, até a próxima queda, em uma monareta

verde, enquanto a luz se amalgamava com respingos d'água e, em fragmentos de cores, irisava-se. Prosseguiu:

– A imaginação, Ray, é uma força da natureza. Não será isso suficiente para encher uma pessoa de êxtase? Eis a filosofia da loucura!

Eu colocou as mãos às costas, coçou o queixo devagar e arriscou passos flutissonantes, não gravitacionais, quase a saltitar, no brilho alvo do planetoide:

– Teria sido não mais fácil amarrar o destino no cais e partir por terra a lugar nenhum. Diante do trágico possível o céu dos anjos cairá, estorricará na treva estalando tão alto o som de garranchos – anunciava o caos. – Os dias se sucederiam e tornar-se-iam mágicos e os sóis cartolas e as nuvens lebres aladas, enquanto a lua e o desagravo se transformarão em pingos d'água!

Com as mãos à cabeça, e não conseguindo dilatar a memória para o futuro, deixou de pensar, encontrou-se com o vácuo. Neste momento, saindo de uma craterinha, uma cabeça macróbia me avistou, gritando em alerta:

– Ramón está solto! Ramón está solto!

Então, como um monte de *oompa-loompas*³⁶, surgiram outros *Eus*, e, aos pouquinhos, um exército de *Eus*. Entoando uma canção desafinada, saltaram do asteroide e me amarraram com extensos fios de macarrão:

Oompa Loompa do-ba-dee-doo/ I've got a perfect puzzle for you. / Oompa Loompa do-ba-dee-dee/ If you are wise you'll listen to me.

Comecei a sentir as narinas se entupindo de estrelas e a cabeça a doer com hieróglifos verbais. Uma lâmina presa entre os dentes parecia querer me guilhotinar a língua. Como dizer a eles que eu não era o tal Ramón – soube depois –, o único presidiário do planeta?

Eu e seu tropel se puseram a caminhar estrepitosos sobre a minha barriga até que, num repente, foram surpreendidos por uma onda do mar da intranquilidade de seu estrelário:

– Com essa lama, *Eu* vira Deus!

Ah, mas que desventura... a ondada arrebatou-lhe o calçãozinho amarelo deixando *Eu* de cuecas à mostra. Surpreso, notei, naquela minúscula amostra de panos, as iniciais em vermelho: *J.A.P.*

Confessei:

– Olha, *Eu*, sabia que você gostava do José Alcides Pinto, mas nem tanto! E logo no... no... na... cueca?

Jorge Pieiro (1961) nasceu em Limoeiro do Norte, Ceará. Produtor cultural, ensaísta e contista, autor de *Fragmentos de Panaplo*, *CAOS portátil* e *Bolha de osso*, entre outros, é coeditor da revista *CAOS portátil: um almanaque de contos*. Foi um dos cronistas convidados pelo caderno “Vida & Arte” do jornal **O POVO** e blá-blá-blá, no qual contava as aventuras e desventuras do personagem *Eu*. No texto, alguns dos personagens e a fala de *Eu* são resultados de adaptação de trechos da obra do autor.

– É Jorge Alan Pieiro! Jorge Alan Pieiro! – bradava com faces coradas, enquanto dava braçadas profusas na vaga ensandecida.

Diante da atrapalhada revelação, Mirla e Marla, duas velhas temidas em tal mundo, surgiram em sonoras gargalhadas, como por mágica, por detrás das serras de prata. Os pequeninos *Eus*, apavorados, se abrigaram rapidamente nas craterletras, enquanto as velhas capturavam e fugiam com o desfalecido *Eu*. Uma numa vassoura e a outra num gafanhoto com cabeça de fogo partiram para o céu, e, por fim, nas sombras, o recolheram convertido sempre em palavra: “Ganimadar, acuda-nos!”.

O firmamento azulejado por nuvens tom sobre tom nos fascinava de mistérios. Eu – neste caso, eu mesmo – me desprendendo da macarrônica armadilha, sentei à grama verde do parque, admirando o eclíptico mundo ao redor, e reconheci que podemos ser mais quando não somos apenas nós, sozinhos.



Crônicas

Sem Respostas

14 de abril de 2008

Abril, mês em que celebramos o natalício de nossa Fortaleza. Para mim, outro motivo de reflexão: um ano de crônicas publicadas às segundas-feiras n' **O POVO**.

A cidade não vai bem, obrigado de nada, e por isso, durante o ano inteiro, apresentei na ribalta de papel alguns dos cronistas cearenses mais experientes no fortalezado, crendo que através deles poderia girar a manivela da memória de nossos urbanitas. Hoje, depois de tudo, me pergunto: será que valeu mesmo a pena escrever? E escrever para quem? São tantas crônicas sem respostas³⁷.

Estava triste, muito triste, só em minha *ilha*, quando o carteiro, acenando uma carta, gritou-me o ofício. Recebendo-a, sentei à calçada e coloquei o envelope à contraluz antes de lhe rasgar uma tirinha lateral. De seu interior, tirei uma folha de papel dobrada com finas pautas preenchidas à caneta. O remetente era o Milton Dias. Tempos há, não escrevia:

“Raymundo, amigo, saudações. Faz tempo que sabemos da existência um do outro, mas nunca fomos apresentados, embora o deseje muito. Penso que bom mesmo de escrever é carta: tem-se a certeza de um leitor e a possibilidade de uma resposta, não é?

Eu, você bem sabe, escrevi neste mesmo jornal. Foram vinte e seis anos de boa conversa de terraço, sem rebuscados nem preciosismos, denunciando a minha origem sertaneja. Veja lá que um dia, no tempo de menino, quizeram me curar da ignorância congênita, colocando-me um livro nas mãos, e me deram o mundo de presente. Contudo, depois de uma ‘papeira’, contrai o vício, incurável, do papel de jornal. Não tenha dúvida de que muitas dessas minhas ‘conversas’ com o leitor nasceram entre a boca da noite e a madrugada. E daí, por mais que

tentemos evitar, colega, nos projetamos no que escrevemos e acabamos por nos contar, confessar nossos sentimentos, soltando os pedaços desta alma envelhecendo.”

Ao sentir um inesperado aroma de café torrado em casa, escorreguei, devagar, os olhos do papel. Misteriosamente, percebi-me numa sala pequena, sem janelas, a não ser para a rua, onde um grilo cantava soluçante.

No corredor e na sala, se enfileiravam gaiolas de arame com graúnas, golinhas, sabiás, papa-capins e periquitos australianos azuis. Mona, a gatinha, ronronava sobre um birô. Debaixo dele, Dique, um cãozinho preto de patas brancas, contava histórias de seu Pedro, o farmacêutico. À cozinha, um poleiro papagaiava vazio.

Não avistando ninguém, abri a meia-porta e entrei em um dos quartos. Do toca-discos pude ouvir Piaf cantar, como em Paris, *Non, je ne regrette rien*. Próximo à cama, o par de chinelos velhos. Sobre a colcha vermelha, um pijama; a rede de corda pendurada no armador. Noutra parede, o retrato de um senhor careca, de óculos quadrados. Encostado ao guarda-roupa, uma mala – cheia de cartões postais da cidade – forrada com papel brilhante colorido de ramagens e cantoneiras de metal. Na mesa de gasto verniz, bloco de papel de carta, caneta tinteiro, envelopes, um livro de Gil Braz de Santilhana, a revista francesa *Ars*, o soneto “Tristesse” em folhas mimeografadas, a pequena agenda de capa vermelha, uma caderneta preta de endereços, uma foto – escrito no verso: “dois patetas em Minas” –, comprimidos de *Paludinas* num almofariz branco e, no porta-retrato, ladeado pela imagem de santo Antônio, a fotografia de uma mulher sorria sob a declaração de afeto: “Donzela³⁸ estrela, flor, fada, irmã.”

Voltei para sala e corri à janela, de onde avistei, logo à frente, a praça da Escola Normal rodeada por oitizeiros que acolhiam ninhos de fogo-pagou. Um verde *Volks* 63 descansava à rua pequena, onde cães ladravam em ruidosa assembleia. Do corredor estreito veio uma lufada de vento de

quintal, e nele pude ouvir a voz missivista do Milton a desatar memórias afetivas:

“Partir é bom, ficar é triste, voltar é uma beleza. Ah, como é bom voltar a Fortaleza de encantamentos, querenças e quenturas. Vou e volto porque aqui é a minha casa, minha rua, minha praça e minha gente. Sinto uma ternura que deita na alma e me enche de melancolia. Que saudades do Alagadiço; da praça Coração de Jesus nos tempos do Ginásio Cearense; das pipocas, doces gelados e o puxa-puxa da ‘Cidade da Criança’; da praça da Lagoinha e sua fonte de mulheres seminuas; do verde mar de Iracema (que nem minha mãe) que me acolheu (como minha mãe); das conversas na praça do Ferreira; de ouvir o cantar dos galos nos quintais, à madrugada, no beco dos Pocinhos; da praia do farol do Mucuripe aos domingos; do assobio dos ventos nas folhas das carnaubeiras; do Baile do rubi no Clube dos Diários; dos biscoitos de champanhe com guaraná na Nice e Crystal; das vesperais do cine Moderno; das tardes de cadeiras na calçada sem televisão; dos amigos fumando ‘Odalisca’ e bebendo cerveja no Passeio Público; dos bondes gemendo em cima dos trilhos; do sol se afogando no mar à Ponte Metálica; das conversas de cunhãs, das plantas, da música, dos pássaros e das crianças.

Ora, Raymundo, todos cantam a sua terra, também somos filhos de Deus, ah, que também cantemos a nossa! Afinal, tudo passa, passa mesmo. Esta cidade que estão cobrindo de asfalto e plantando arranhacéus ainda é a nossa cidade. Não há motivos para comemorar, eu bem sei, e como sei, principalmente se os ‘detalhes tão pequenos de nós dois’ estão sendo deixados de lado, mas aconselho: melhor será tocar para frente, olhando menos o passado, curtindo muito o presente e pre-ocupando-nos só um pouco com o futuro. A certeza do irrecuperável dói muito. Aliás, tudo dói, quando vira saudade.”

– Sim, Milton, porém nesse ponto sou como você: não faço questão de ganhar, mas faço questão de não perder! – pensei, diante das paredes mudas.

Milton Dias (1919-1983) nasceu na rua da Goela, no Ipu, Ceará. Bacharel em Direito e em Letras, era membro da Academia Cearense de Letras. Cronista do jornal **O POVO**, por mais de vinte anos, é autor de *As cunhãs*, *A ilha do homem-só*, *Entre a boca da noite e a madrugada* e *Cartas sem resposta*, entre outros. O texto da carta do Milton reúne diversos trechos adaptados, enfiados e contextualizados de suas crônicas.

Juntando tudo no pensamento, e em busca de ar, saí para a calçada. Contudo, lá de fora, a casa do Milton não parecia a mesma. A fachada, coberta de granito escuro e vitrais, ostentava uma placa: *Escritório de advocacia*. Tentei entrar novamente, quando uma recepcionista, desconfiada, me atendeu, sem entender coisa alguma: “Como é? Casa? Que casa?” O certo é que não havia mais nada lá. Nada. Procurei nos bolsos a carta, na qual concluía:

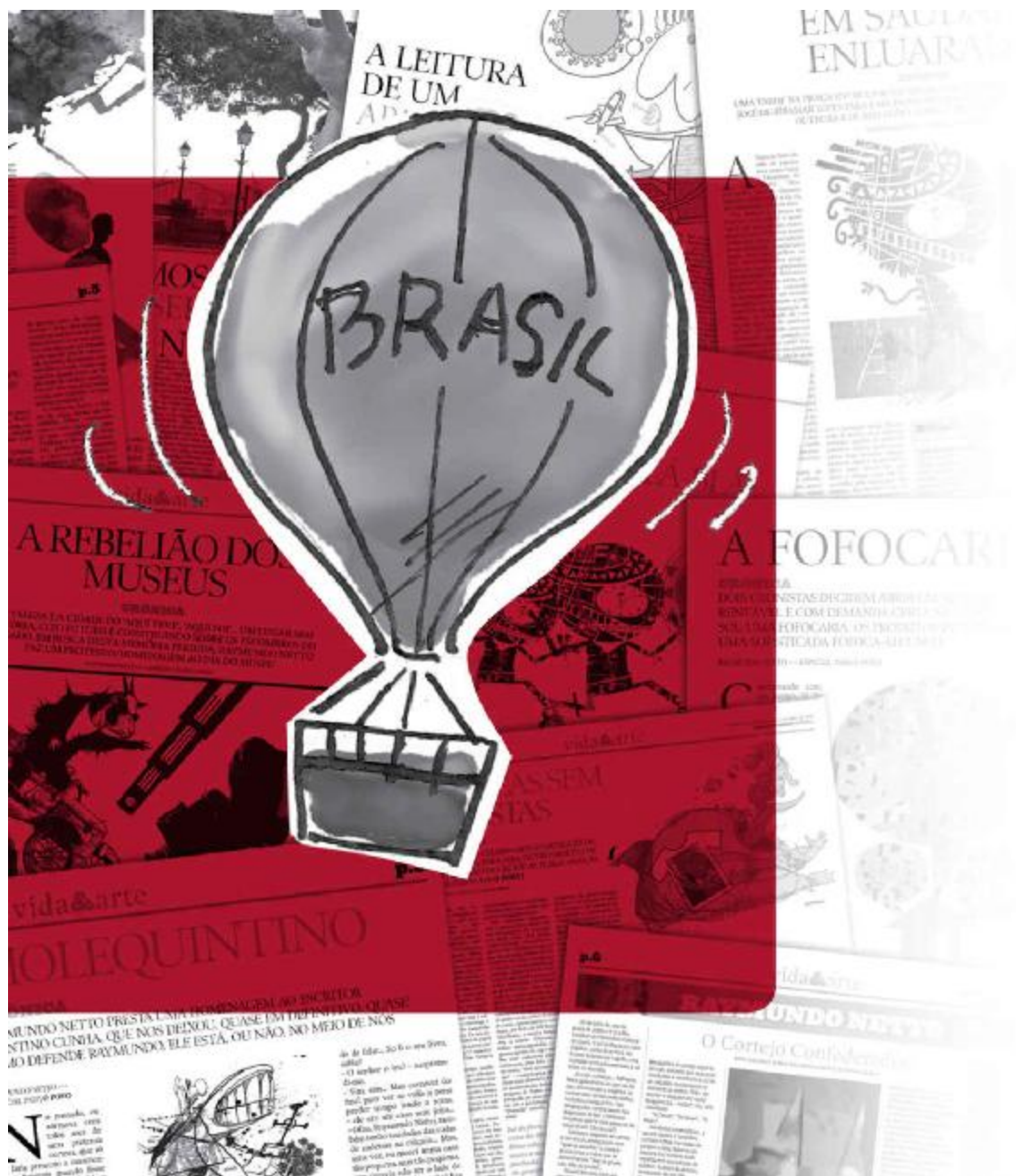
“P.S.: Por fim, escrevo esta carta, amigo, para falar de mim (mas leiasse ‘de você’), que ainda estou por saber se sou um homem, uma crônica ou um conto. Ouça: continue, escreva. Enquanto o quiserem ou mesmo por, devido à correria das redações, esquecerem de dispensarlhe este fardo, escreva! Há muito que se aprender ainda no grande livro do mundo.

Um dia qualquer, desde que seja 17 de abril de 2008.

Do amigo M. D.”

Chovia na cidade e, ali, a torre da igreja do Pequeno Grande apontava aos céus, acenando o lenço branco da saudade e abençoando “a bendita solidão dos que sabem ser sós”. Tudo passa, passa mesmo. Que Deus a proteja de nós, Fortaleza.

“Do toca-discos pude ouvir Piaf cantar, como em Paris, Non, je ne regrette rien. Próximo à cama, o par de chinelos velhos. Sobre a colcha vermelha, um pijama; a rede de corda pendurada no armador. Noutra parede, o retrato de um senhor careca, de óculos quadrados. Encostado ao guarda-roupa, uma mala – cheia de cartões postais da cidade – forrada com papel brilhante colorido de ramagens e cantoneiras de metal.”



Fortaleza de Balões

12 de maio de 2008

*para Adelir de Carli,
o padre dos motoristas.*

Quase todo mundo – inclusive você, confesse! – já ouviu dizer: “para a vida ser plena, tem de se fazer um filho, escrever um livro e plantar uma árvore”. É o que se divulga por aí, há muito tempo. Eu, que sempre fui tentado a discordar, pus à prova: primeiro, da única gravidez, me tornei pai de minhas duas primeiras filhas, Luana e Liana, que, para piorar, são lindas – e fazem aniversário neste mês –; depois, numa crise de sandice, que se tornaria literariamente crônica, escrevi um livro. Como não distingo bem os gêneros – refiro-me aos literários –, escrevi um romance em tom de crônica e com nome de conto. Porém, faltava-me plantar a tal árvore para alcançar a vulgarmente propalada e desejada *plenitude da vida*. Digo bem: faltava!

Em uma manhã de abril, acordei decidido a concluir essa trilogia. No quintalzinho da casa onde moro plantei uma pequena árvore, quase um arbusto, que trouxe ainda nos ombros. Renovei e preparei a terra, juntei toda aquela gororoba de ureia, húmus, adubos orgânicos e finquei a plantinha ao lado da lavanderia. Pronto!

No outro dia de manhã, acredite se quiser, fui surpreendido por uma imensa lufada de vento frio no quarto. As janelas se debatiam como loucas. Aturdido, corri para trancá-las, me embaraçando às cortinas esvoaçantes... e não consegui. Meu amigo, não imagina o pasmo que tive quando me dei conta, ao rés do parapeito, da altura fabulosa em que estava suspensa a nossa humilde casinha. E sabe a que se devia isto? À simples escolha errada de árvore. Quem diria que aquela inofensiva plantinha, quase um arbusto, como eu disse, se transformaria num benjamim gigante?

Para estudar com calma a situação, peguei uma caneca de café bem quente e sentei à varanda, enlevando os pés numa nuvem gentil. A temperatura estava muito baixa e a fumacinha do café dobrava-se em cristais com carinhas sorridentes. Quanto absurdo!

De longe, vi passar um homem de capacete, envolvido em papel alumínio e suspenso por um monte de balões coloridos. Perguntava, aos berros, se eu teria ali um carregador de celular³⁹. Só podia ser delírio ou alguma campanha publicitária dessas operadoras telefônicas. Imagina... Nem liguei!

Depois, não menos estranho, assisti surgir, turvo e enevoadado, o balão de cor amarelo-queimado, uma espécie de “laranja gigante”, que, por um momento, me fez pensar se tinha errado a dose do café – se é que era apenas café! Mas, logo, logo, lhe percebi escrito na seda: “Brasil”. Abaixo dele, surgiam cordas sustentando a barquinha de vime rodeada de sacos de areia. Um caboclo corpulento me acenava com simpatia. Estacionou no *mezanino*, desceu para me cumprimentar, colocando o quepe no braço e, sem cerimônias, se sentou ao meu lado. Sedento, abriu uma torneira daquela nuvenzinha – ainda bem que era época de muita chuva – e bebeu um pouco d’água fresca, antes de solfejar algumas notas da clarineta que trazia no bolso.

José Pereira da Luz, ou capitão Zé da Luz, como preferia, era Pernambucano. Foi retirante. Como soldado participou da Guerra de Canudos, mas o que queria mesmo, desde menino, quando assistiu a uma chuva de estrelas no céu do sertão, era fabricar o seu próprio balão e voar bem lá no alto!

E assim o fez; e não foi só um, entretanto, muitos incendiaram. Construiu também um paraquedas de algodãozinho que, justo na hora, não abriu, fazendo com que quebrasse a perna. Porém, o cabra não desistia, não. Daí, comprou em Paris um aeróstato, que nada mais é do que um nome pomposo para... balão!

Você não lembra, mas aqui em Fortaleza, quando o balão “Brasil” veio na passagem do ano de 1907, foi um alvoroço. Partiu da fortaleza de Nossa Senhora da Assunção e ergueu-se sublime a balançar ao sabor dos ventos bravios. Pena que, numa segunda vez, o “Brasil”, sabe-se lá por que, tropicou nos telhados próximos ao Passeio Público e esparramou-se, como batatas, pelo chão:

– Visse, Raymundo, que enquanto estava internado na Santa Casa, uma senhora muito humilde veio perguntar se, quando pairava no céu, eu teria encontrado algum dos anjos do Senhor. E o mais engraçado era a molecagem do povo que me dizia: “Já vi pereira dar pera, mas pereira ‘dá’ luz...” Cearense é bicho gozador, não é?

Após o bom conversado, para não perder o costume, pedi carona ao capitão para descer dali. Como estando a bordo de *Brasis* sempre é bom se prevenir, trouxe um aparelho de GPS, mas com manual anexo e uma bateria sobressalente, é claro.

No que sucedeu depois, não irei me deter, por absoluta falta de espaço, e pela leve desconfiança de que posso não estar agradando. Contudo, afirmo: a antiga máxima da plenitude da vida (filho/livro/árvore) é uma grande besteira, e eu sou testemunha disso, e o céu, heroico leitor, só é o limite para quem não aprendeu a enxergar acima dele.

José Pereira da Luz (1871-1951) nasceu em Limoeiro, Pernambuco. Sempre teve vocação musical. Um dia, porém, ao ler o *Dicionário enciclopédico português*, na letra “B” – e influenciado pela leitura de Júlio Verne –, ressurgiu-lhe o desejo de voar que trazia desde criança. Após diversos estudos e tentativas, realizou voos em Recife, Ceará e na Bahia. Em 1908, no Rio de Janeiro, voou com o balão *Nictheroy*, acidentando-se, o que não o impediu de tentar novamente em 1910. Desta vez, por problemas técnicos, o capitão decidiu não subir, sendo imediatamente vaiado pela multidão carioca. O poeta **Pierre Luz** (1891-1964), filho mais velho de José, inseparável auxiliar do aeronauta, indignado, e sendo mais leve que o pai, tomou as rédeas do balão e o fez ganhar os céus, ganhando a aclamação e a admiração do público. Mais tarde, Pierre casou-se com Carmen e se tornaria pai de Rômulo e Murilo Luz – autor de *Estórias de caserna*, que contou a mim esse episódio. José voltou, assim, às atividades musicais, abrindo

uma oficina de comercialização e reparo de pianos e pianolas no Rio de Janeiro. Em janeiro de 2008, o último voo do *Brasil* completou **cem** anos **sem** lembrança e **sem** memória.



A Peleja de Dom Zé Alcides e o Dragão de Sobral

16 de junho de 2008

Dados os últimos acontecimentos fenomenológicos e sísmicos que vêm, literalmente, abalando o Ceará, ouço, todas as manhãs, falas sobre *vórtice ciclônico de ar superior, diminuição da temperatura no oceano Pacífico, zona de convergência intertropical*, entre outros palavrórios pouco convincentes, principalmente após a famigerada noite pirotécnica de relâmpagos que despertou a cidade de Fortaleza. Digo *despertou* para os outros, pois eu mesmo nem dormia, e descobri *in loco* a razão de tudo isso.

Era tarde. Vinha passando ao lado da catedral que, à solidão da noite, de tão sombria, chegava a dar calafrios. Na barra da saia da Matriz, demônios com unhas maiores que os dedos, entre cusparadas, invadiam as virilhas das meretrizes, sugando a alma das jovens criaturas. Na ladeira do forte de Nossa Senhora da Assunção, homens e mulheres seminus surgiam embriagados com garrafas nas mãos e olhos de ruínas.

Pressenti que deveria sair logo dali. Mas logo rompeu a chuva e me abriguei embaixo de uma lona velha da feira. Sons que mais pareciam os de latas caindo nos telhados emouqueciam. “Que trovões!”, pensava, pois relampejava tanto a ponto de a noite quase parecer o dia. Nisso, baratas, escorpiões e os pombos do Palácio do Bispo se dirigiam a caminho da praia. Morcegos campeavam a praça dos Leões, enquanto na igreja do Rosário dos Pretos, ossadas esquecidas, intuindo a presença do mal, se arrastavam pela escadaria. Gatos de cemitério saltavam de todos os lados, como numa peste. Mesmo diante da chuva, o calor era tão grande que estalavam as paredes e vitrais. No ar, talhos de galhos secos e linhas comidas por cupins dos telhados históricos. Os bêbados, os drogados, as prostitutas, os passantes noturnos do centro da cidade, todos clamavam ao deus do Ceará: “É o fim do mundo, o fim do mundo!”

Sentindo meus pés úmidos, constatei que as águas do rio Acaraú, diante da epigênese epifânica da vida, subverteram em trombas d'água na Fortaleza impassiva, enquanto que, na colina do Marajaik, *os verdes abutres* voavam a grasnar ameaçadores.

Do horizonte, uma imensa nuvem de poeira deitou-se sobre a praça da Sé, sufocando a todos, inclusive os comerciantes da feirinha despejada.

Logo correu a notícia de que outros homens, a entupir os corredores dos hospitais da aldeia, apareceram com manchas vermelhas, dores no corpo e olhos injetados em sangue, vítimas de um vírus latente trazido na poeira da destruição. Foi então que vi, em meio à negra nuvem, a imagem grotesca de um dragão voador. Lembrei a profecia: “Reza a lenda que o mundo vai se acabar pelo Ceará. Um dragão monstruoso dormiria silencioso em sua morada sob uma cidade que, embora tenha muitas igrejas e santos padres, estaria condenada à destruição. Esta cidade é Sobral!”

Sim, leitor amigo, os tremores de terra em Sobral foram causados pelo monstro desperto, a cumprir a sentença de pavor e de morte, mandando às favas as placas tectônicas e os vulcões submarinos. Da mesma forma, aqueles trovões eram, na verdade, frutos da inexperiência aeronáutica da criatura que tombava nas torres da catedral e nas casas velhas da rua Justiniano de Serpa. Aliás, não sei se você soube, mas elas amanheceram no chão!

Pasmo, assisti à romaria de sobralenses descambando e até assumindo cargos públicos em Fortaleza. Viriam os vivos, viriam todos e tudo, até o eclipse.

Foi quando chegou um homem magro, pele marcada de sinais e nariz quase tombando sobre o bigode alvo. Reconheci: era o poeta José Alcides Pinto.

– Ainda por aqui, Zé? – estranhei.

– Mundico, quem pode afirmar com absoluta certeza se o morto não está vivo, embora morto esteja? – respondeu, arregaçando as mangas

floridas e apertando a fivela do cinto, que era mais largo do que as calças.

O cego curandeiro, João da Mata e os tremembés de Almofala partiram em luta contra os demônios, e muitos, inclusive os filhos de Janica, foram abatidos.

– Maldição, maldição, maldição! – gritou, aborrecido, o Zé Alcides.

O dragão, ao reconhecer o poeta, pôs-se a vomitar chicotes de fogo que mais pareciam relâmpagos, revelando uma cidade que já não mais dormia.

Zé Alcides corria e saltava, de um lado para outro, fugindo do dragão. Em um momento, arrancou um pedaço de raio fincado no asfalto frouxo a derreter, ostentando-o como lança diante da fuçalha daquele que o encarava. Eram criador e criatura no embate final. Foi quando ele abriu a braguilha e, para fúria do lagartão, mijou em suas patas. Humilhado, o monstro lançou o poeta contra a parede da catedral, coiceou, mas ele resistia. Mesmo enfraquecido, Alcides conseguiu lançar, na venta do dragão, uma garrafa com uma mosca presa, fazendo com que o animal se dobrasse em dor:

– Ainda vai, filho de uma égua? Lascou-se! – comemorava, alquebrado, o poeta.

O dragão, como mágica, se transformou em constelação e seus demônios se renderam em cinzas; o sol nasceu brilhante e a esperança despontou. Aos pés da calçada, em meio à lama do Acaraú, meninos de rua passaram a catar siris, enquanto as pessoas chegavam desenterrando a cidade. Em pouco, na falta do que dizer de uma vida monótona, só se falava na noite chuvosa, nos trovões incomodantes, nas fagulhas dos céus, nos tremores de terra, na peste da dengue⁴⁰.

No centro da praça, entre palhaços, pervertidos e meretrizes, o herói, prostrado ao colo da jovem *Berenice* – senão não seria o Zé Alcides –, esgotava:

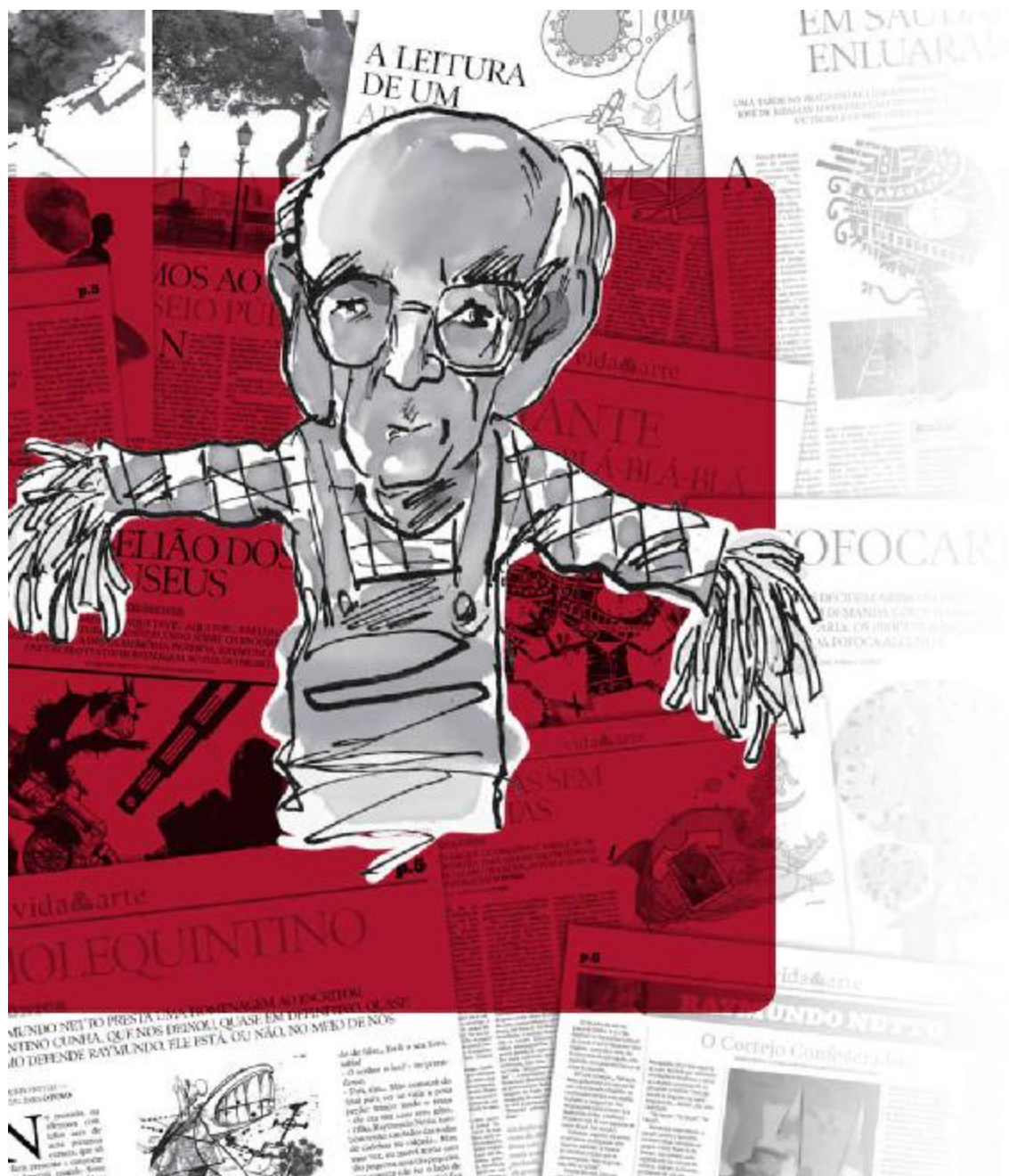
José Alcides Pinto (1923-2008), o *poeta maldito*, nasceu no povoado de São Francisco do Estreito, Santana do Acaraú, Ceará. Abandonou empregos públicos para se dedicar à literatura. Autor de *O dragão*, *Os verdes abutres da colina* (ambos integrantes da *Trilogia da maldição*) e

Diário de Berenice, entre outros. Alguns dos trechos de sua fala no texto, assim como alguns dos personagens aqui apresentados, foram adaptados da obra do próprio José Alcides Pinto.

– Não tenho mais nada a fazer no mundo. Vou conviver com os peixes e as sereias, os corais e as algas, afinal, tudo o que vive se acaba, tudo que foi criado terá fim!

– Morreu o poeta maldito; bendito seja o poeta! – gritava um louco, enquanto Santana do Acaraú fechava os olhos, deixando os moradores às escuras.

“Reza a lenda que o mundo vai se acabar pelo Ceará. Um dragão monstruoso dormiria silencioso em sua morada sob uma cidade que, embora tenha muitas igrejas e santos padres, estaria condenada à destruição. Esta cidade é Sobral!”



Memórias de Nós, Pobres Espantalhos!

14 de julho de 2008

Nasci à noite, no dia de são Pedro. Minha mãe sempre contou: “enquanto você estava nascendo, meu filho, eu ouvia os fogos a estourar no céu!” Deve ser daí, creio, a paixão que sinto pelas festas juninas, pelas músicas em volta da fogueira, por bandeirinhas de papel penduradas – ainda com grude – em cordões de palha, e pelos *anavans* e *anarriês* dos tempos de rapaz.

Assim sendo, não perdi a oportunidade de ir ao *Arraiá do Ferreira*, o da prefeitura, na nossa *praça-coração* que, desde a tardinha, se encontrava pulsante, colorida por quadrilhas, arrasta-pés, barraquinhas de comidas e bebidas típicas. A novidade, entretanto, era a instalação de uma cidadezinha brejeira de compensado e papelão de cor, tematizando o local. Decidi explorar a tal cidade. Por detrás da igreja, encontrei um vasto milharal de papel crepom. Pus a caminhar meia légua por uma trilha amarela até encontrar, sob o *quadrante solar*, entre batatas-doces, jerimuns e feijões, um espantalho de olhar melancólico e ensimesmado, sentado e fazendo, com os dedos tremulantes, pequenas gaiolas de arame. Sua cabeça de estopa estava rodeada pelo zunzuno de moscas azuis que lhe puxavam um rabo de cavalo branco de milho. Ao seu lado, um aparelho de fax tremia sobre um hipopótamo de lodo.

Aproximando-me um tanto mais, logo divisei nele feições familiares. Dada a ocasião, poderia até me confundir, mas era mesmo que estar vendo o poeta Francisco Carvalho.

Puxei assunto. Ele a estranhar o interesse naquela conversa. Perguntei, mesmo assim, se não queria participar da festa que se ia animada. O espantalho olhou-me por sobre os óculos, com pouco entusiasmo:

– Os pobres estão se evaporando à vista de todos. O tempo vai passando, os pobres vão se decompondo, seus rostos são apagados pelo vento e da memória dos computadores até que ninguém se lembre mais de suas caveiras sorridentes afugentando os parasitas dos burocratas nas repartições públicas, e, enquanto isso, os poderosos sacodem suas nádegas fotogênicas.

– Engraçado, Espanta, você não só parece o Francisco Carvalho, mas fala como ele.

– Qual o seu nome, rapaz? – desconversou, curioso.

– Raymundo Netto, mas pode me chamar só Netto.

– SONETTO? Que nome mais poético... “Sonetista”, porém, é obsceno!
– sorriu.

De repente, o espantalho pôs-se ao serviço num interminável festival de *xôs*, lançando os braços desengonçados contra insistentes *corvos de alumínio* que ameaçavam o milharal. Os frouxos botões da camisa xadrez rota permitiam que, da barriga, das mangas e do pescoço, espalhasse a palha, fina e ressequida, pálida como o passar dos anos.

Recompondo o palhaço da barriga, explicou:

– O tempo nos desfolha com sua foice de murmúrios. Ufas!

Sentando, começou a torcer as pernas folgadas para tirar a umidade incômoda da lama. Olhou para o horizonte azulejo, como a montar o cavalo cor de vento na poeira, assistindo, curioso, ao Zé Doidinho, o beato, que atravessava a veredinha de isopor, sendo imediatamente seguido por João Rodrigues, monsenhor Vital, e pela procissão do Cristo Morto a empunhar a bandeira do *Ateneu São Bernardo*⁴¹. A rememorar, emocionava as retinas de feltro que sorriam.

– E de poesia, Espanta, você também gosta? – perguntei, para trazê-lo de volta à conversa. Mas, torcendo a boca diante da interrupção abrupta, resmungou:

– O poeta é um exilado dentro de si mesmo. Fazer um poema não é dizer coisas profundas, e, sim, ver as coisas como as coisas não são! Ora, Sonetto, o poeta sabe que não precisa estar o tempo todo bolinando as coxas da metafísica.

Ali, senti que, embaixo do tímido chapéu de palha, seus pensamentos soçobravam numa *barca dos sentidos* enquanto assobiava um trequinho de *O bicho-homem*⁴²: “Que bicho é esse que carrega o fardo de uma dor medonha, que sucumbe ao fardo, mas ainda sonha?”

Umas *ah, dorinhas* cruzavam aqueles céus quanto pétalas e confetes, encimadas pelo sol de celofane laranja, aliviando as dores da existência da constelação de átomos e células, em permanente atrito, de quem ainda acredita que “fazer poema é estar em conflito com os dedos da mão”.

Espremendo a palhada de ideias, refletia o espantalho:

– É, seu moço, poderia não mexer mais uma palha, se assim o quisesse, mas passei a vida inteira dedicada à poesia, um teatro sem plateia, uma ribalta às moscas. Agora eu sei o quanto basta à ceia do coração e o quanto sobra do naufrágio das nossas utopias. Ah, e eu que só queria um poema para escrever no asfalto.

– Não se avexe, não, poeta, quem lê o seu texto e reconhece a riqueza de imagens vivas e imunes ao bolor do tempo, compreende bem o quanto você se entregou a ele. A obra é sempre maior que o autor. Você fez bem a sua parte, combatendo com arte os dogmas, a pobreza, as injustiças sociais diante da omissão da elite econômica e governamental, e revelando o descaso por qual padece o autor nordestino. Quisera que alguns dos supostos *novos poetas cearenses* tivessem a ousadia de ler um pouco dos seus poemas antes de saírem nus, falando palavrões e fazendo macacadas para chamar atenção – já que pela palavra não convencem ninguém –, dizendo que isso é *fazer poesia*.

– E não é que todo romancista, em certo sentido, é um memorialista? – brincou. – Mas se engana, não sou esse tal poeta. Sou apenas um sonhador

que dormiu na palha diante do caos do mundo.

Tardava. O vento frio caudava, a rastos, estrelas de papel laminado. Os fogos e o balão multicolor do Gonzagão chamavam. Apertei-lhe as duas mãos que estalavam líricas, em despedida, enquanto ele puxava uma violinha e tentava dedilhar, em versos livres, uma moda:

Francisco Carvalho (1927-2013), poeta, nasceu em Russas, Ceará. Autor de *Memórias do espantalho*, *Barca dos sentidos* e *Corvos de alumínio*, entre outros. Com *Quadrante solar*, ganhou o prêmio Nestlé de Literatura, e com *Girassóis de barro* o prêmio da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Casado com a dona Dora (*ah, Dorinha*), teve três filhos, oito netos e um bisneto. Tocar violão foi um de seus desejos não realizados. Alguns dos trechos do texto, principalmente os da fala do Chico, o espantalho, foram transcritos e/ou adaptados da sua obra.

- Eu ainda aprendo... Ora, se não!
- Ei, Espanta, acabou que você nem me disse o seu nome –, lembrei.
- Ora, não tenho um nome bonito que nem o seu, Sonetto, mas, se quiser, o amigo pode me chamar de Chico⁴³!

**“Por detrás da igreja, encontrei um vasto
milharal de papel crepom. Pus a caminhar meia
légua por uma trilha amarela até encontrar, sob o
quadrante solar, entre batatas-doces, jerimuns e
feijões, um espantalho de olhar melancólico e
ensimesmado, sentado e fazendo, com os dedos
tremulantes, pequenas gaiolas de arame. Sua
cabeça de estopa estava rodeada pelo zunzundo
de moscas azuis que lhe puxavam um rabo de
cavalo branco de milho.”**



Ana Crônica

18 de agosto de 2008

Saudade. Palavra bonita, apertosa e, ao mesmo tempo, pejada de lembranças. E foi pela saudade que escritores vieram ao Ceará para rever a Ana Miranda no mês de seu aniversário – alguns deles, bem verdade, não conheciam a terrinha. Ela, como sempre, convidou seus amigos cearenses para apresentá-los.

Cheguei ao Alto da Escritora na *aldeia perdida* da Prainha. Uma casa em forma de arraia que tem jangadas no jardim e um tapete de mar, com vagas verdes-azuis, rendilhado de brancas espumas. Lá, o vento avermelha-se de cajú e o luar assoalha a varanda enquanto o marulho de uma sinfonia antiga acalanta a casa iluminurecida por vaga-lumes desse *desmundo* de meu Deus.

Na Prainha, tirante um tipo extraordinário de cupim, o *Dedicatorium saramagofagus*, ao qual a Ana está sempre atenta, de resto não há do que se queixar.

Mas, que surpresa, ao chegar a casa, encontrei-a vazia! Na sala, bem no meio dela, ao chão, apenas a florida sopeira – linda – de sua avó. Esquisito! Abri-lhe a tampa, revelando um alçapão. Nele, avistei uma comprida escada. Com o cuidado de trazer um lampião, descí os degraus úmidos de pedra. As paredes eram lisas e escurecidas. Nelas, pequenas portas e postigos. Pus-me a abri-los um por um na esperança de encontrá-la: “Ana! Ana Maria!”, gritava sem respostas, a não ser o ecoar da própria voz vinda dos vazios de tempo. “A linguagem guarda o tempo e o lugar.”

Encontrei-a, em pouco, ao atravessar um portal de buganvílias coloridas por aquarelas e *crayon* — lilás, cor de telha e púrpura —, bordando ao avesso, ao lado de umas cabanas de taipa ensombradas por renques de coqueiros.

Ao ser anunciado por Miró, o coelho, levantou-se e me acolheu no sorriso, no abraço e na lonjura da palavra *saudade*, me conduzindo depois

para uma roda de conversas infindáveis: Cida, Valdir, as Nóbregas, Inês, Leninha, Aída, Ingrid, Tércia, Glauco, Pedro⁴⁴, como sempre, falavam barulhosos sobre assuntos dos mais profundos aos banais. Num canto, dona Irene, acudida pela dona Odete – enfeitada de cachozinhos de cabelos negros –, abrigava em seus braços uma indiazinha envolvida em manta.

Entrementes, naquele dia, a atenção era devotada aos visitantes: Gregório, Augusto, Clarice e Toninho⁴⁵.

Sentei-me ao lado de Gregório, o mais animado do grupo, que, fazendo as vezes de anfitrião, me serviu um púcaro de vinho, após largar num canto a viola que tangia. Arrumando os cabelos com os dedos, para disfarçar a testa grande, tratou, o canonista, das apresentações:

– Gregório de Matos e Guerra, um seu criado.

Ana sentou-se ao lado da roda e, enquanto fumava um charuto cubano, presente de um amigo, anotava num *moleskine* preto, os ditos interessantes. Antes, porém, falou sobre a *Academia do Cumbe*, do seu programa de instalação – “nada de vaidades, glórias literárias e, em vez de chá, água de coco” –, do passeio em Aracati, das excursões literárias pelos rincões cearenses.

Clarice, sentada numa cadeira de vime, trazia no rosto certo ar de indisposição e, ao colo, uma pequena máquina datilográfica. Do lado, Tércia afagava um gato de rabo complicado⁴⁶ que miava: Uaimmm!

– Há também mistério num gato pensante... – disse Clarice.

Num canto, de cócoras e pintada de urucum, Temericó cantava umas cantigas em lembrança ao carajá Tepe Kahok.

Pedro, quando na tentativa de contar uma graça, foi subitamente interpelado pelo risonho Gregório:

– E então, poeta, o que escreve?

– Eu não sou poeta (suspiro), sou contista.

– Ah, é? Que interessante... e quando pensa em escrever um romance? (pausa de silêncio) Veja – continuou –, dizem que sou poeta, mas eu queria

mesmo era ser músico. Faço versos para quem não sabe ler!

Augusto estava melancólico, pálido, de pouca conversa. Ana percebeu:

– Augusto, e você? Sua poesia é des-lum-braaan-te, sabia?

Tímido, meio que perdido em suas recordações, e fumando cigarrilhas de eucalipto, bateu as caspas polvilhadas na jaqueta preta e no chapéu, deitados em suas pernas, desabafando:

– Pode ser, Ana, mas a maior parte dos meus livros distribuí para críticos, amigos, redações de jornais. Vender mesmo, pouquíssima coisa. Poesia não rende!

– Ô, Augustinho, meu rapaz, leve a mal não – meteu-se de permeio o Gregório de Matos – mas você deveria ter feito era medicina!

Gonçalves Dias, que se gabava de aniversariar no mesmo mês da Ana, preferiu sentar-se bem distante do mar – teria algum trauma? – tomando o excessivo cuidado de enfiar ao pescoço uma boia verde com cara de dragãozinho, que encontrou sobrando na piscina da Ana. Estava todo entusiasmado – “até ouvindo sabiás em tipuANAS de flores amarelas”, dizia – por entrar na lista do Vestibular⁴⁷. Folheava um dicionário tupi para a feliz Ana que, atentamente, filosofava:

– Ah, que lindo, Toninho. A Marlui⁴⁸ vai adorar! É assim mesmo: quando gostamos de uma pessoa, gostamos de tudo o que há em seu mundo.

Entretanto, quando o assunto voltou-se à literatura, a confusão foi grande. Tantos livros, tantas histórias, multimundos, confissões curiosas e verdadeiras aulas do fazer-se escritor e do escrever. No meio de tudo, Clarice pontuou:

– Cada vez mais escrevo com menos palavras. Meu melhor livro acontecerá quando eu de todo não escrever!

Diante do aparente e lúcido absurdo, Gregório, completamente bêbado, agarrou o Pedro Salgueiro e, deitando a cabeça em seu ombro, lascou uma estrondosa gargalhada. O Pedro, coitado, que já estava meio incomodado

com o poeta, virou imediatamente o rosto e, cerrando o nariz com os dedos, resmungou de canto:

– Arre, que boca dos infernos!!!

Ana Miranda (1951) nasceu em Fortaleza, Ceará. Seu primeiro romance, *Boca do inferno*, foi publicado em 1989, obra que já foi traduzida nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Espanha, Suécia e Holanda, entre outros países. Escreveu também *A última quimera*, *Desmundo*, *Clarice*, *Dias & Dias*, *Semiramis*, entre outros. Depois de residir em Brasília, São Paulo e no Rio de Janeiro, hoje vive na Prainha, em Aquiraz, município vizinho de Fortaleza. Alguns dos trechos do texto foram adaptados da obra de Ana Miranda (também de conversas pessoais) ou dos demais autores representados.

“Cheguei ao Alto da Escritora na aldeia perdida da Prainha. Uma casa em forma de arraia que tem jangadas no jardim e um tapete de mar, com vagas verdes-azuis, rendilhado de brancas espumas. Lá, o vento avermelha-se de caju e o luar assoalha a varanda enquanto o marulho de uma sinfonia antiga acalanta a casa iluminurecida por vaga-lumes desse desmundo de meu Deus.”



A Academia do Beco

2 de fevereiro de 2009

Danou-se! Quando o prof. Auto Filho, secretário da Cultura, pediu para ajudar na divulgação da Assembleia de criação do *Fórum Cearense de Literatura*, convidando todas as agremiações literárias possíveis, eu não imaginava o que poderia encontrar.

Ao corredor, sopraram: “Convida a Academia do Beco!”. – ????? –. “Academia do Beco? E existe isso?” “Existe, sim. Fala com o Audifax!” Assim fiz. Liguei para o Audifax Rios – descobri depois que ele, na tal academia, ocupa a cadeira n.º 3, cujo patrono é o Antônio Bandeira (AB) – e disselhe querer falar com o seu presidente para convidá-lo. Ele, com aquela voz sussurrante e mansa a que todos já se acostumaram, respondeu:

– Ah, rapaz... Então é com o Cirinho... o Ciro Colares que mora lá no beco do Segundo.

Pedi, então, a sua gentil intervenção. Marcamos um local e tomamos um ônibus rumo ao Jardim América:

– Beco do Segundo, Audifax? Nunca ouvi falar!

Em determinada parada, descemos. Olhei para os lados e estranhei:

– Mas aqui não é a rua Professor Costa Mendes?

– Era para ser – sorriu –, mas o Ciro diz que não é não. É o beco do Segundo, mesmo!

Por vir do Audifax, pensei se tratar de uma charada. Engano meu! Foi quando, da pastinha que carrega consigo, tirou um pincel de nanquim e pôs-se a desenhar, com seu traço xilográfico licânico⁴⁹, o cenário: um vielazinha de casinhas geminadas, a mulher a namorar à janela, os cães, a igreja, o portão de ferro e, finalmente, no quartinho dos fundos da n.º 805, debruçado sobre uma velha máquina de escrever, o Ciro Colares, que, surpreso, levantou-se, calçou os tamancos e abraçou o simpático colega de academia.

Audifax, com timidez e poucas cerimônias de sempre, tirou da pastinha um presente: *Ciro, o beco e o circo*, coletânea de crônicas do Ciro publicadas em jornais e agora organizadas em livro.

Emocionado, o cronista coçou a testa, deu-lhe um tapinha nas costas e agradeceu:

– Eita, Audifax, você é gente nossa! O beco está se botando, duvide, não!

Era tardezinha, sentamos à calçada. Vendo que a prosa ia longe, e para não perder tempo, perguntei sobre o tal desconhecido sodalício:

– Rapaz, deste já falei pela rama. Foi invenção do Zé Domingos. Um dia me ligou de madrugada, por ser assunto de alta urgência, e meia hora depois estava fundada a coisa. Mas a Academia do Beco não era só para poetas e escritores⁵⁰. Era também dos seus amigos e dos amigos do beco: o carteiro, o lixeiro e os moradores desta viela que bem poderia ser de Paris, mas que é muito mais do que de Paris, porque é de Fortaleza, da nossa *Fortalezamada*. Repare: a nossa Academia é tão simples que a sua sigla é formada pelas letras iniciais do alfabeto: AB! Os estatutos cabem numa frase: “A AB é a favor de tudo aquilo que faz bem ao homem”. Pronto, simples assim! Essas frescurinhas chatas de discursos e atas, não há. Ninguém usa fardão e não há jeton. Quem quer vai, quem não quer não vai. As cadeiras dos acadêmicos são as cadeiras dos outros. Onde der para sentar pode haver uma reunião da AB. Menos em formigueiro... E por falar em cadeiras, no começo seriam 40, mas pensando na multidão de pessoas que amam o beco, decidi abrir umas 5 mil vagas. Decreto n.º 1, e desse eu faço questão: “nesta Academia não entrará ninguém pelo simples fato de ‘pagar’ pelas cadeiras – a gente vê disso por aí, você sabe –, mesmo que os nossos ‘imortais’ tenham de sentar no fio de pedra da calçada!” As atas, quando fizerem questão, serão numeradas sempre por zeros. A primeira ata é a zero, a segunda zero-zero, e assim por diante. Por não ter sede, a não ser o beco, nossos imortais se reúnem extraordinariamente em qualquer lugar,

de preferência onde houver cerveja e tira-gosto, como no bar do Zezinho, no Belas Artes ou no Lorena, por exemplo.

– O Narcélio Limaverde – lembrou o Audifax – fez uma pesquisa e concluiu que em uma mesa onde bebem três ou quatro jornalistas e radialistas, um prato de tira-gosto não dura mais que três minutos.

– Está vendo, Raymundo, como são os nossos imortais? Empenhadíssimos! Nesta Academia nem tem presidente, nem diretoria, só secretário, e se possível em rodízio, pois este coitado é sempre quem “carrega o piano”. Nada de mordomias nem privilegiados. Todos podem comparecer à vontade, vir até de bermuda, mas é obrigatório o uso da rosa, ou do cravo, à lapela.

– Ei, Cirolares, o Zé Domingos adorou. Diz que vem com uma vitória - régia no peito – cutucou o desenhista se desmanchando em risos.

– Ah, foi? Deixa ele... a gente interdita o beco, serve batida de maracujá ou cerveja, o que chegar primeiro, e os acadêmicos só sairão quando acabar o tira-gosto e a bebida, ouviu? Raymundo Netto, na AB ninguém defende ninguém, tampouco ninguém se defende, nem pede voto, nem se inscreve na vaga de ninguém. Querendo, é só telefonar para o beco, indicar o seu patrono e nos dias de sessão trazer o tamborete. Quer também ser imortal, não, meu filho?

Engasguei com o vento, enquanto ele continuava:

– Nunca vi bicho para gostar mais de academia do que cearense! Toda hora nasce uma. Lembra, Audifax, da *Academia dos Simples* criada pelo Dedé de Castro⁵¹ e da *Academia do Sonho* do Dimas Macedo⁵²? Não saíram dos botecos, saíram? Pois sim, a cidade inteira cabe em nosso beco, subúrbio autêntico, que nunca quis ser “do Primeiro”, e muito menos Prof. Costa Mendes, e continua “do Segundo”.

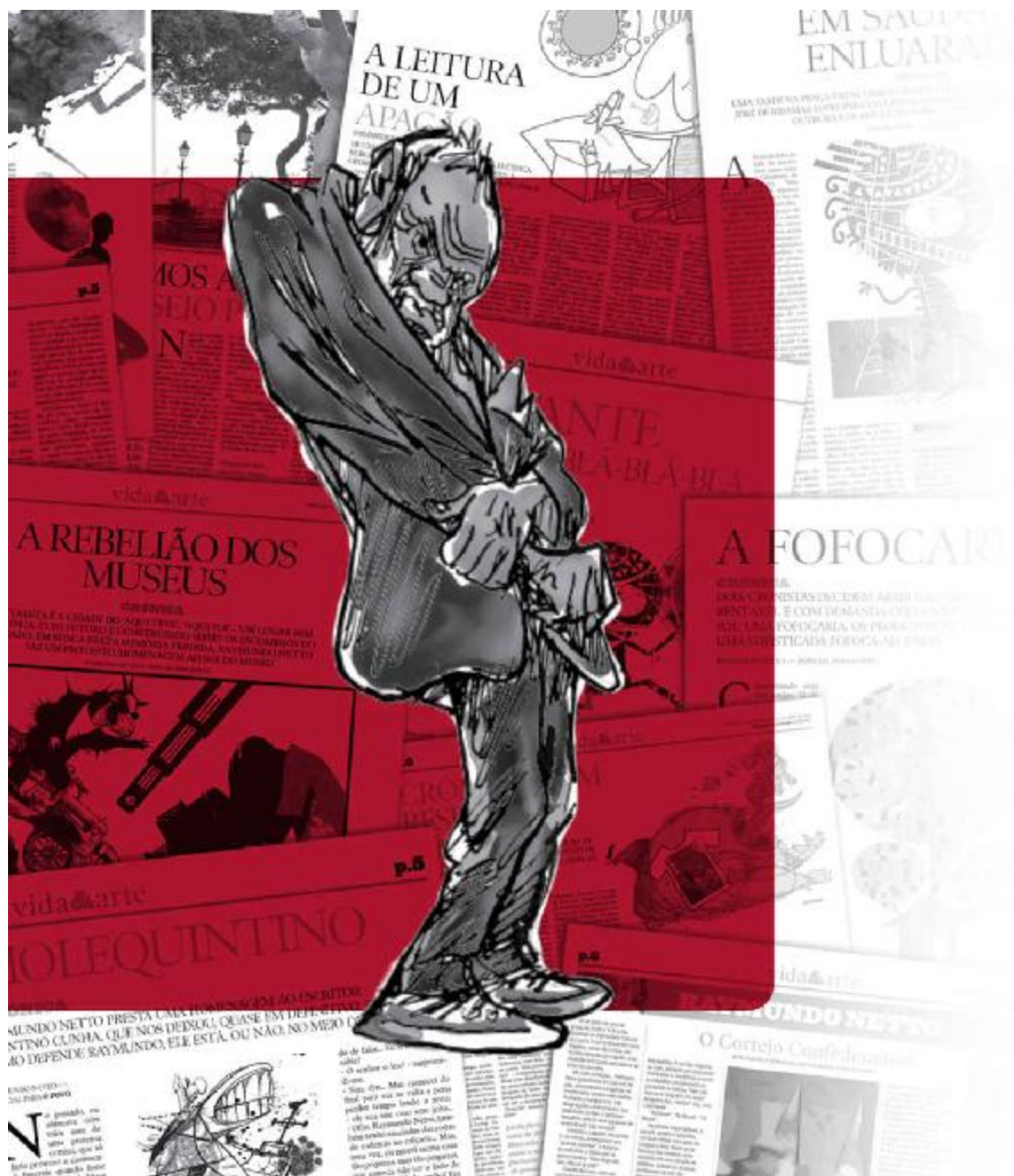
Audifax Rios (1946) nasceu em Marco, distrito de Santana de Acaraú, Ceará, sendo o seu *embaixador* mais prestigiado. É ilustrador (traço inconfundível), cenógrafo (começou na TV Ceará), publicitário, artista plástico, almanaqueiro, pesquisador, poeta, cronista e romancista.

Tem diversos livros publicados. O seu primeiro foi *Bar peixe frito*. A maturidade literária veio com a trilogia de romances: *Memória de encantamento* (*Os búfalos de campanário*, *Migalhas para serpentes* e *Voe comigo quando desmorrer*). Trabalhou no *Correio do Ceará* e *Unitário*. Hoje, escreve crônicas, às sextas-feiras, no jornal **O POVO**. Também é o responsável pelo almanaque *De um tudo*. É marido da dona Valda, pai de Antônio João, Suzana, Mariana e Juliana, e avô de três netos, entre eles, a belíssima Flora.

Nem é preciso dizer, leitor, que o **Ciro nada** tem a ver com essa de Fórum. Com exceção do Audifax, nenhum dos demais membros se fez presente. Guardo, porém, aquela tarde agradabilíssima, ouvindo a conversa boa de cronista, enquanto, na rua lamacenta e distante, desfilavam homens com canelas de pau, nariz de tomate e boca de goiaba.

Ciro Colares (1923 - 2002), cearense, poeta e cronista. Trabalhou no *Correio do Ceará*, **O POVO**, *Tribuna do Ceará*, *Folha do rádio* (com a esposa Neuza) e outros. Publicou a *Antologia de poetas da nova geração* (com José Alcides Pinto e Raimundo Araújo), *Fortalezamada*, *As moças não fogem mais com o Circo*, *O marujo do navio de pau* e outros. Foi um dos cronistas mais profícuos das letras cearenses, sendo hoje raramente lembrado, como outros bons exemplos, senão pelos amigos. A fala do **Ciro** traz algumas adaptações de seus textos sobre a Academia do Beco.

“(...) na AB ninguém defende ninguém, tampouco ninguém se defende, nem pede voto, nem se inscreve na vaga de ninguém. Querendo, é só telefonar para o beco, indicar o seu patrono e nos dias de sessão trazer o tamborete. Quer também ser imortal, não, meu filho?”



Comendo Lagartas e Defecando Borboletas

8 de maio de 2009

Tumulto na rua. O camburão da polícia chegava em frente ao Palacete Ceará à praça do Ferreira. Assalto? Sequestro? “Não, prenderam ‘O’ poeta.” “Quem?” “Ora, quem... o Mário Gomes, sabe, não?”

Era isso mesmo. Mário Gomes, aquele que conseguiu se estabelecer como poeta, mesmo por quem não conhece ou se lembra de um único verso seu – ao contrário de outros que lançam livros e livros, recebem títulos e medalhas, cobertura da alta imprensa e ninguém admite a honraria –, o tipo popular-mor da nossa *blond* cidade, estava sendo preso. Motivo? Baixara as calças para alguém que caçoara de seus trejeitos, de suas vestes, de sua existência. Ele reagiu. A polícia chegou para pôr ordem e recolheu o *poeta das sarjetas* no para-choque do camburão. Uma multidão de populares o acompanhou. Alguém se dirigiu ao oficial e, como se existisse tal licença – imunidade? – poética, perguntou: “Ele é o Mário Gomes, o poeta, o senhor não o conhece?”

Uma senhora chora, outra resmunga: “Deviam prender é bandido!” O povo se revolta, discute, os policiais pareciam nervosos. O Mário, coitado, vestido como um Judas em Sábado de Aleluia, bodejava alguma coisa incompreensível, sei lá o quê, balançava as mãos e fazia caretas, tal qual um menino *malino*, “um enigma das letras, um amante das estrelas”. A barba malfeita perseguia os cabelos ralos, o nariz torto separava indiferentes olhos verdes, enquanto balançava os inchados tornozelos.

Aproximei-me e perguntei o que acontecera. “Eu só queria lançar o meu livro – refere-se à sua biografia – de novo”. Retirando do bolso *Mário Gomes: poeta, santo e bandido*, do Márcio Catunda, abriu e leu:

– O meu legado, deixo ao querido povo cearense! – daí, treme, lacrimejam os olhos. Não gosta que o vejam assim, dá-me as costas, passa o

lenço na vista, volta-se quase que esfregando o livro nas minhas ventas e repete, grosseiro:

– O meu legado deixo à porra do povo cearense!

Assisto à indignação, melancólico. Compreendo perfeitamente.

– Pagamento de poeta, Raymundo, é tapa e pontapés! Só isso, fazer poesia aqui é isso!

Um rapaz que estava ao nosso lado disse que o Mário comprara na livraria do Sérgio Braga quase todos os exemplares de *Sábado: estação de viver*, de Juarez Leitão⁵³, apenas para mostrar a sua foto aos passantes da praça e provar a todos que ele não era qualquer um, não.

Tupy, um cachorro velho, chegou apreensivo. Mário o amparou e sorriu:

– Dentre amigos, encontrei cachorros; dentre cachorros, encontrei amigos. Desculpe, amiguinho, aderi ao *Fome Zero*⁵⁴, tenho nada – lamentou, colhendo dos bolsos do paletó pedaços de guardanapos, retalhos de versos.

Recordei que há semanas havia encontrado o poeta na praça. Estava mais mungangoso que o normal. Paguei-lhe um pacote de biscoitos. Perguntou se eu tinha mesmo quarenta anos, pois lera o meu livro – em certa ocasião o presenteei com um exemplar – e estava certo de que, apesar da aparência, eu teria pelo menos uns oitenta.

– Raymundo, você escreveu um livro muito bom... é um grande literato que fala das calçadas velhas... das calças das velhas... Ah, as calças das velhas estão cheias de moscas! – riu.

– *Cadeiras na calçada*, Mário. Deixe de invenção!

– Já tem uns quinze anos que a gente não se vê, não é?

– Que é isso, Mário, nos vimos no ano passado, no aniversário da Padaria Espiritual, aqui mesmo na praça, lembra?

– Padaria Espiritual? Padaria Espiritual? Não, acho que não... Eu nunca fiz parte de padaria nenhuma. Eu sou do *Clube dos Poetas Cearenses*.

Perguntei pela *Turma do Escritório* e ele lamentou o abandono de alguns:

– Tem um poetinha de araque, um retardado, que vez ou outra vem falar comigo. Diz que é meu discípulo. O carinha quer ser eu, sem ter a coragem de ser eu. Queria ver se ele aguentava viver na minha pele um dia. Aguenta não, é frouxo! Aguentar as pauladas que eu aguento, só sendo Mário Gomes: “Subi num pé de cana pra colher uvas. Chegou o homem das laranjas e disse ‘solta as goiabas, rapaz!’”

Súbito, sua face se transformou, correu e jogou o pacote de biscoitos num moleque que lascara uma salva de palavrórios inapropriados:

– Se manque. Eu sou Mário Gomes, você é um otário!

Voltando, anunciou: – Depois eu morro, viro nome de praça ou de rua e o povo vai falar de mim, sem lembrar que eu vivia assim, que nem as calçadas velhas do seu livro.

Despertei da lembrança quando o policial nos veio dizer que não precisávamos nos preocupar. Iriam soltá-lo na esquina do próximo quarteirão.

Olhei para ele. Apesar do estado debilitado, ainda discursa com o vigor de um anarquista. O povo cearense, naquele momento, o reconhecia e sabia que muitos de nós passaremos, mas ele deverá ser lembrado por mais 50 ou 100 anos. Mesmo ali, com toda desenvoltura, gritava de seu “trono” improvisado:

– A maioria esmagadora da cidade me conhece... sabe quem é Mario Gomes! (...) muitos dos que se dizem artistas, antes me procuravam e hoje fingem que não me veem. A verdade da vida é compreender a loucura do outro!

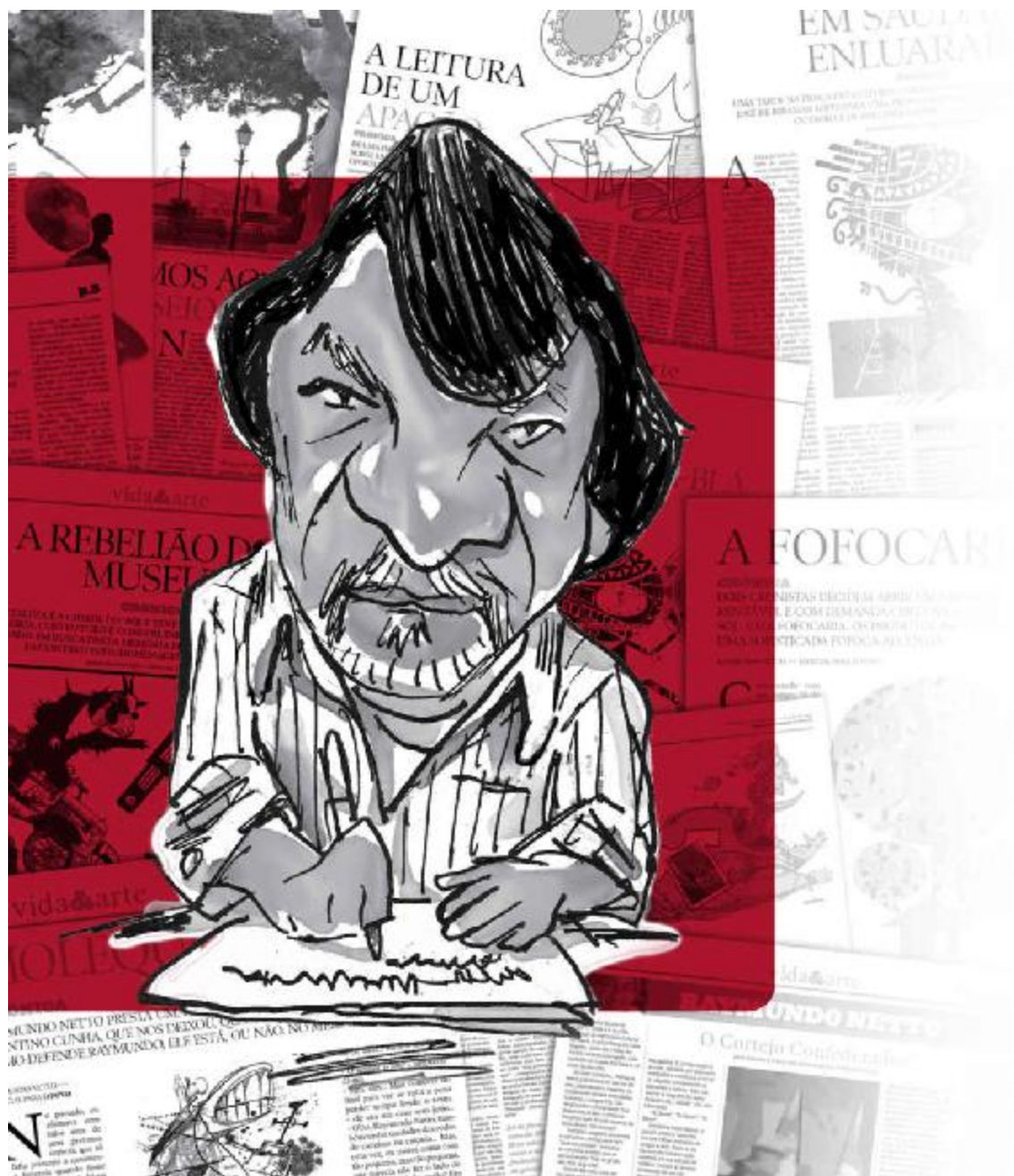
Olhei mais de perto e percebi que havia outros presos no camburão: Tostão, Chagas dos Carneiros, Casaca de Urubu, José Levi, Tertuliano, Canoa Doida, Pilombeta, De Rancho, Manezinho do Bispo, Zé Tatá, Burra

Preta⁵⁵ e tantos outros. Então, tive a certeza de que o Mário não tinha sido preso, e sim escolhido para viver a imortalidade que só os doidos alcançam.

O relógio da Coluna da Hora gemeu a breve passagem de seu tempo. 283 anos de Fortaleza e eles ainda estão no meio de nós...

Mário Gomes (1947-2014) nasceu em Fortaleza, Ceará. Antes de assumir-se poeta e boêmio, foi professor do curso de Admissão ao Ginásio, na escola Albaniza Sarazate. Iniciou, sem concluir, o curso de Arte Dramática na Universidade Federal do Ceará. No final da década de 1960, fez parte do *Clube dos Poetas Cearenses*, agremiação dirigida pelo Carneiro Portela, que se reunia na Casa de Juvenal Galeno. Foi internado diversas vezes e conta das mirabolantes fugas dos tratamentos com choque elétrico. Tem publicados: *Lamentos do ego*, *Emoção poética*, *Terno de poesia* (com José Alcides Pinto e Márcio Catunda) e *Uma violenta orgia universal* (antologia). Faleceu, muito debilitado, no Instituto José Frota, em 31 de dezembro de 2014. Foi enterrado no dia seguinte, 1º de janeiro de 2015, após velório realizado na Biblioteca Municipal Dolor Barreira: “[...] só mesmo o Mário para morrer num ano e ser sepultado no ano seguinte. É quase bíblico, quase poético, quase mentira. Mário!” (Trecho de “Procura-se Mário Gomes”, de Raymundo Netto, para o blogue *AlmanaCULTURA*)

“[...] só mesmo o Mário para morrer num ano e ser sepultado no ano seguinte. É quase bíblico, quase poético, quase mentira. Mário!”



Vida, Vento, Vela, Leva-me (logo) Daqui

5 de junho de 2009

Havia lançado, recentemente, por intermédio do Edital da Secretaria da Cultura⁵⁶, meu primeiro livro. Não conhecia ninguém no meio literário, a não ser o Ribamar Lopes, como já escrevi anteriormente. Então, alguém disse: “Por que você não visita o *Clube do Bode*? Tem-se escritores por lá. Aproveita e apresenta o seu livro”.

Nada a perder, num sábado, início de tarde, despentei no *Flórida Bar*, botequim-sede do Clube.

Meio acanhado, sem saber se queria mesmo estar por ali, fui recebido pelo livreiro Sérgio Braga, que pediu para me abancar onde quisesse. Sentei à frente de um desconhecido – ele também não se apresentou – a me lançar, com cerimônia, um livro de atas do tal clube, afirmando que se não o assinasse seria como se lá não estivesse. Ri da estranha formalidade.

Enquanto riscava sobre linhas, perguntou se eu escrevia. Conteí, então, a minha maçante saga de publicação, rematada com a história do prêmio que a possibilitou.

Ele ouvia, aparentemente alheio, braços cruzados sobre a barriga, coçando a barba rala do queixo. Súbito, sacudiu as palmas grandes em minha direção:

– Ganhar prêmio é bom, né? Veja aí, a gente devia criar um prêmio para todo cearense que decidisse lançar um livro por aqui. Eu digo prêmio, mas é para os outros, porque eu mesmo já tenho quatro e todos com nome: Natércia, Clarissa, Isadora e Cecília – sorriu. Pausou o pensamento e tornou:

– Mas que nome teria esse prêmio, Raymundo? – e continuou discorrendo, com vagar e muitos gestos, sobre tal empresa. Eu não estava

entendendo bulhufas dessa conversa, quando ele exultou com os braços a encimar a desleixada cabeleira negra:

– Seria algo como um Jabuti cearense!

À cabeceira da comprida mesa, saiu, com bafejos de cerveja, de um confrade atento:

– Augusto, que tal Prêmio Cágado de Literatura?”

– Não, não, seu careta, está de mangação? – respondeu com ar de seriedade. – Está querendo ridicularizar o autor cearense só porque você não cumpriu seu primário bem feito? Cágado? Não! Tem que ser um nome bonito, pomposo, que nem aquele: *Sereia de Outro*⁵⁷.

Em meio à polêmica discussão, o garçom inclinou à mesa uma travessa de *à cabidela*, desavergonhosamente garfada por todos. Desfiando o prato, acompanhado de um gole da cachaça *Alcântara*, insistiu diante da minha notória apatia:

– Aproveita, menino, que essa galinha caipira, por aqui, é raridade.

Ao seu lado, um acadêmico pôs-se a supremar as qualidades da infeliz, que com sabor mastigava, e também da dona-branca de São Gonçalo do Amarante. Augusto interrompeu:

– Sua excelência pode, por obséquio, cuspir essa farofa para o outro lado?

Somente no meio de toda a conversa pude reconhecer que aquele, até então, desconhecido, era o Augusto Pontes, o agitador cultural e letrista de músicas que eu muito apreciava – nunca havia visto uma imagem sua. Puxei-lhe assunto:

– Então o senhor é o autor de “Carneiro”? Adoro essa música!

Meio que surpreso pela surpresa, trançou silenciosamente os braços na barriga, sorriu com os ombros – provavelmente não era muito afeito a falar de si – e insistiu, a desviar o rumo da conversa, palitando os dentes:

– Temos que sair daqui com esse prêmio, *senhor*! Com sorte e coragem vai dar certo... com sorte e coragem, né?

Após descambar por uma insistente tosse que lhe avermelhava o rosto, perguntou o título do meu livro. Disse: *Um conto no passado: cadeiras na calçada*. Daí, levantou o indicador e filosofou:

– O passado pressente futuro. Não existe o presente... não existe!

O calor tomava conta do local. Gente chegava e saía o tempo inteiro. Sorridentes, barulhentos e com traços de jovial molecagem, os sócios do *Clube do Bode* faziam mil mundos rodarem em assuntos mais diversos, dos mais nobres aos banais, enquanto o Augusto, após confirmar com o Pescoço, um motorista de táxi, a hora da corrida, e ver “a mesa crescer”, parecia dormir recostado à cadeira. Num repente, levantou a cabeça, alargou as olheiras cansadas de ver o mundo e espalmou o cardápio:

– Pessoa Anta⁵⁸! Prêmio Pessoa Anta de Literatura! Pronto, Raymundo Netto, taí o seu prêmio.

E é isso. Alguém se habilita? “Que Deus salve todos nós...”

Augusto Pontes (1935-2009) nasceu na antiga Vila Maciel, em Fortaleza. Jornalista, publicitário, radialista e autor das músicas “Carneiro”, “Lupiscínica” e “A mala” (em parceria com Ednardo, Petrúcio Maia e Rodger Rogério, respectivamente), entre outras. Foi presidente da Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza (Funcet) e secretário da Cultura do Estado do Ceará. Autor de tiradas ácidas e irônicas, não poupando nem os amigos, é conhecido pelo seu poder aglutinador, sendo um dos produtores e articuladores do *Pessoal do Ceará* e do *Festival Massafeira Livre* (1979). Boêmio, frequentava o Clube do Bode, o Bar do Cicho, do Pedrinho, Country Clube e Ideal Clube. É o pai da Natércia, Clarissa, Isadora e Cecília.



A Justiça se Faz de Cega, mas Expia

17 de julho de 2009

Precisei ir ao Fórum – detesto aquele lugar – saber de um processo que há onze anos⁵⁹ se arrasta em desesperança, embolado em pastas velhas, esquecido em contadorias sob olhos desinteressados e sem um único julgamento. Não sei por que chamam tal negócio de *ação*, se o que vemos mesmo é a mais incômoda *inércia*. Pelo infeliz, passaram quantos juízes. Nenhum deixou-me nada, nem saudação nem saudades. Nem nem...

Com a vexatória missão de procurar o atual juiz da Vara – vivem mudando – para pedir que julgue o processo de uma vez, e lembrando o último que não me ouvia e só repetia “fosse breve”, “mais breve”, “terminou?”, sentei à parada de ônibus com fé de desistir e voltar ligeiro para casa. No gramado, porém, vi um homem bigodudo, enfatizado e cercado por alegres cães vira-latas. Mesmo em seus 150 anos, estalava os dedos, a caetanear: “Enquanto os homens exercem seus podres poderes/ motos e fuscas avançam os sinais vermelhos/ e perdem os verdes/ Somos uns boçais...”⁶⁰

Indiferente ao colossal edifício, o velho jurista aproximou-se, puxando a conversa:

- Que cara é essa, meu rapaz, algum problema? Posso ajudar?
- O problema, doutor, é que quando me disseram que a justiça era cega, tive imediata certeza: ela não está nem vendo! Ou melhor, só vê o que é grande, imenso e largo. E o miúdo? Poucas chances, mesmo quando lavado por suores solitários do defensor público. Um dia ouvi: “Se tiveres que optar entre a Justiça ou a Lei, optes pela Justiça.” Nada mais falso! A Justiça é de uma cegueira vitalícia, não assiste a nada, se pedestalizou, afastando-se da realidade do povo, não só porque correu do centro da cidade – prática esta adotada por todos os poderes na Fortaleza deslumbrada

–, mas por esquecer que a lei deveria servir para garantir a vida e a dignidade da pessoa humana. Como pode ela, arrogante, compreender das necessidades e carências do povo oprimido, se irmana-se aos interesses de quem, regalado, compartilha de sua mesa?

– Bem, é certo que onde não existe justiça não pode haver o direito. Ela é que deveria dar-lhe sustento – falou o jurista, frisando o bigode. – Da mesma forma, se diz *summum jus, summa injuria*: excesso de direito, excesso de injustiça! Missão escabrosíssima esta.

– Pois é, doutor Clóvis, penso que o sr. presidente do Supremo Tribunal deveria aproveitar a jurisprudência da moda e desobrigar o diploma também para o advogado⁶¹, já que a própria Ordem dos Advogados do Brasil prova que diversas faculdades brasileiras não têm competência na sua formação e, assim, justifica o tal Exame da Ordem. Ademais, em matéria recente, li que 90% dos alunos que ingressam no curso de direito visam apenas à aprovação em concursos públicos. Ou seja, para a maioria, o direito é quase um *cursinho especializado*.

– *Data venia*, meu amigo – argumentou paciente, com *libelo-lás* nos ombros –, estudos se fazem necessários; a evolução da doutrina jurídica e de seu instrumental também. Aprendi: não se deve procurar o que é antigo, mas o que é bom. Sabe, fui sempre criticado por colegas, pois, mesmo quando podia, nunca saí do Brasil. Não largaria minha biblioteca por nada! Evitava luxos e mordomias, gostava de minha família e dos bichinhos no quintal da Tijuca. Chego a embargar a voz de saudades.

– Embargar? Pois sim, nunca vi coisa mais embargada do que a Justiça. Será por isso que foram criados os desembargadores, para fazer *a coisa andar*? Então...

– Isso é tão desarrazoado, Raymundo. A justiça e a injustiça correm paradas nos corredores forenses. Todavia, dizem que o melhor juiz de todas as coisas é o tempo.

– Vai ver é por isso a lentidão da justiça: é a espera do juiz *tempo*! Com lhaneza, nossas leis, boa parte delas, são feitas para inibir o pobre. Este não tem, de fato, acesso à educação, saúde, segurança e ao transporte porque não tem dinheiro para pagar por eles, mas tem que seguir as mesmas leis e normas daqueles que os esnobam e até zombam de tais leis. É justo isso?

– “Tanto tens, tanto vales”. Lamentável ser esta a lei maior da nossa sociedade. Meu filho, Jesus só foi crucificado, porque o advogado de Barrabás era melhor... – riu.

– E porque o juiz lavou as mãos, não? –, ironizei.

– Mas não se preocupe não, Raymundo, como dizia o velho Corneille: “quando se vence sem perigo, triunfa-se sem glória”. Os agentes do direito devem refletir sobre suas atitudes e o sentido de sua existência e missão. Pensando bem, o que assenta sob a nossa toga de magistrados senão a inteireza de caráter e o amor pela justiça?

Clóvis Beviláqua (1859 - 1944) nasceu em Viçosa, Ceará. Jurista, magistrado, escritor e crítico, em 1899 elaborou o *Código Civil Brasileiro*, o que lhe rendeu desgastante discussão com o (enciumado?) Rui Barbosa. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Tendo como recusada a indicação do nome da esposa e escritora, dona Amélia de Freitas, para vaga na entidade (seria a primeira mulher na ABL), afastou-se de vez da entidade. Honesto e sem apelos materiais, morreu pobre.



O Cortejo

“Confederados!”

14 de agosto de 2009

30 de julho do ano da graça de 2000 e 9. Era o Dia Estadual do Patrimônio Cultural do Ceará. O sol brilhava em raios fúlgidos, como diz o Hino. No fortim holando-português, uma multidão brincante exortava a cal triste da muralha.

Ali tudo começou. Palhaços, feitos gafanhotos em pernas de pau, anunciavam a tragédia: os condenados seriam executados, fuzilados a sangue frio. Tais desgraçados contrariavam Sua Majestade, El-Rei, o Defensor Perpétuo sem fé nem palavras de nosso *Brazil*. São loucos?!

Soldados, pegados em armas e carrancas, ameaçavam sem *quartas paredes* a mostrar as coronhas a todos que se aproximavam: “Não se grude, não. Não se grude!”

Oswald Barroso⁶², com um riso brincante de quem faz *teatro por encantamento*, dirigia a execução. À frente, entre os degradados, Ary Sherlock⁶³ deixara todas as lágrimas nas masmorras dos séculos. Que final dramático para mais de 50 anos de dedicação à arte... Ao lado de Ary, outros inconsoláveis Carapinimas, Antas, Bolões, Ibiapinas e Mororós seriam arrastados pela cidade de prédios altos patinados pelo sol, a revelar, em cada auto, a nova ordem das coisas.

Otávio, Paulo Renato e Luís Alves, escuderia do Conselho⁶⁴, após a degradação de alvas curtas e brancas, soltaram as correntes e os tambores davam rufos abafados no ar diante do quartel imaginoso de Marajaitiba. O cortejo seguiria as ruas, assistido por populares revoltados e revoltosos a correr as calçadas conclamando aos passantes a notícia: “Eles vão morrer e ninguém diz nada? Ninguém diz... NADA!” Diz, sim: “Liberdade!”

Te Deum. Te Deum. Te Deum.

Demônios imperialistas, a sacudir postes e lampiões, corriam trilhas marcadas de sangue e ódio. Riam-se da loucura dos homens quão repetida em sua estrada de asfaltos. Subiam às árvores, zombavam de nós tão desgraçadamente violentados pela história e confortavelmente acomodados às cerimônias de beija-mão.

Homens rudes apontavam às viúvas, sinos repicavam despedidas e policiais, vestidos em montarias, guardavam o cortejo que se ia alegre de morte.

Assim como a bárbara dona Bárbara, do sítio Pau-Seco, o fez na igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, o tristonho Tristão, feito Cristo quedo e varado à bala sob as poeiras duma jurema preta, emergia às sacadas do Sobrado Dr. José Lourenço a denunciar a loucura de todos nós na voz mansa de um Poeta de Meia-Tigela⁶⁵, um misto de Diógenes de Sínope e São Miguel Arcanjo.

Outros poetas, escritores, atores, pintores e fotógrafos contemplavam a agonia carnavalizada, a marcha derradeira, a suprema violência do poder de direito, a incontestante agrura de ousar-lhes o pensamento.

Na *praça-coração*, narizes curiosos se amontoavam, perguntavam quem eram aqueles, o que era aquilo? “É isso que é o ‘Fortal’, é?” “É não, abestado, não está vendo que é drama?”

O Bumba-meu-boi, enfurecido, bailava a rebolar as suas fitas de cores de ressurreição. No cortejo seguiam também o Maracatu Az de Ouro, a Capoeira do Mestre Índio, o Reisado de Nossa Senhora das Dores, a Quadrilha do Zé Testinha, os batuqueiros da Caravana Cultural, os índios pitaguarys, a Escola de Samba Independentes da Bela Vista⁶⁶, ao passo que bacamartes lentos se desfaziam em caretas, confirmando a dificuldade de se conter um povo quando se une:

– Liberdaaadeee!

No caminho, crianças metálicas do vale do rio Salamanca refletiam o desenlace final, o futuro da covardia, o sem-futuro, a miséria do cárcere

coletivo.

Um moço magro, oficial de ordenanças, seguia à frente da escolta. Clamava o respeito e não permitia o amor, pois o sabia, não iria ser amado: “Viva o Rei?” “Não, vivas o escambau!”

No Campo da Pólvora do Passeio Público, finalmente, a noite assomava luminosa nas frondes das árvores. Exaltados gritavam “Liberdade!” em plena noite quente.

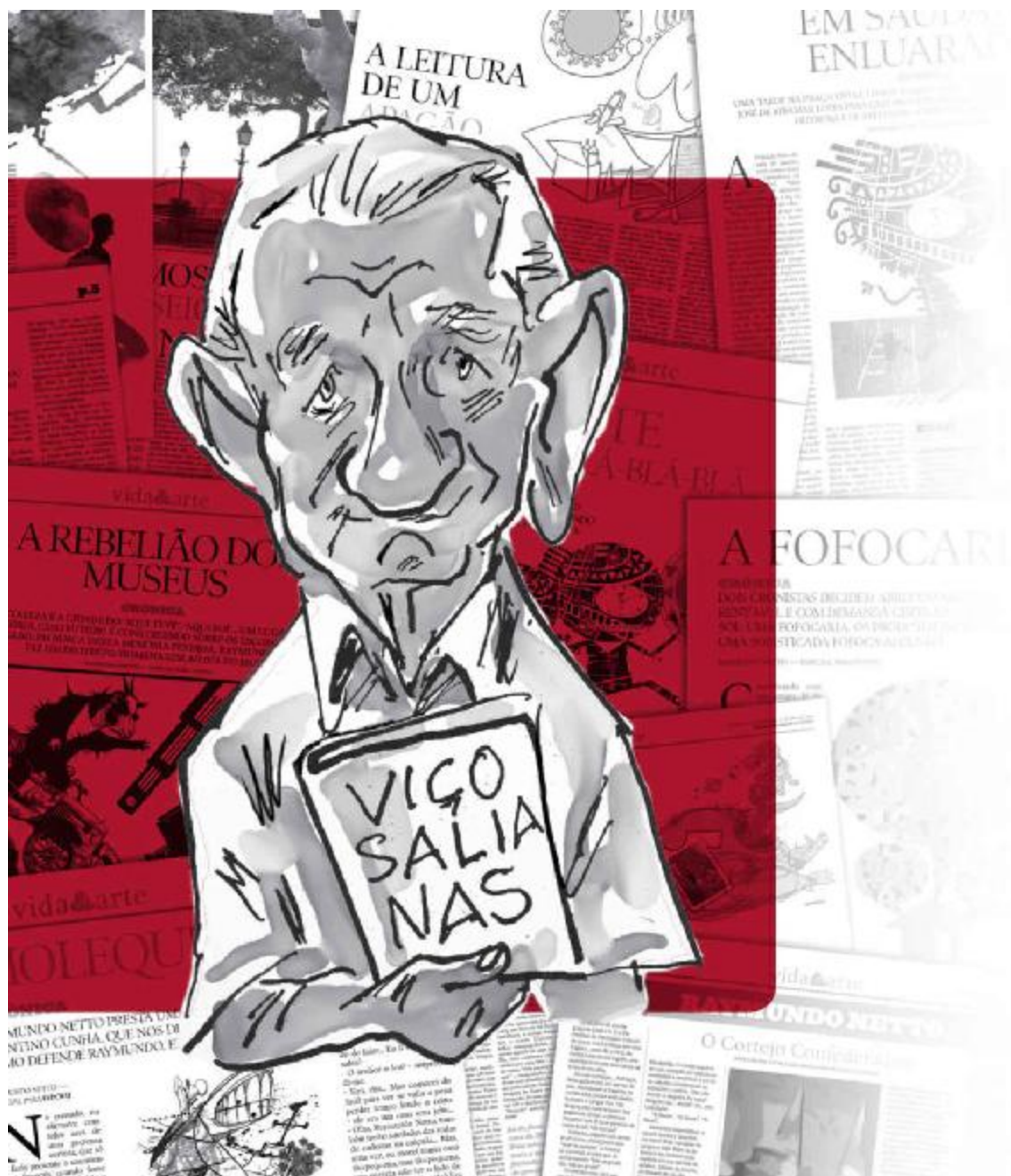
Um a um, os independentistas são chamados ao fuzil. O padre recusa a venda, coloca a mão ao peito e aponta para o povo atônito ao seu redor: “Camaradas, os alvos são esses!”.

Preparar... apontar... atirar... fogo, FOGO! – um holofote incendeia; a produção o apaga. – Com o tiro, dedos debulhados semeiam a terra, e dela, fértil, nasce um baobá de raízes silenciosas e imensas. Nossas raízes... silenciosas... imensas!

Cortejo Confederados: evento comemorativo do Dia Estadual do Patrimônio Cultural, 30 de julho, realizado pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, com a participação de atores e grupos culturais repetindo um suposto trajeto feito, em 1825, pelo membros da Confederação do Equador, condenados pelo Império ao fuzilamento, no Campo da Pólvora – mais tarde Passeio Público e, hoje, praça dos Mártires. O Cortejo teve a direção de Oswald Barroso, textos do Poeta de Meia-Tigela e a participação de atores, entre os quais, Ary Sherlock. Infelizmente, essa (2009) foi a última edição do Cortejo, desde então.

A artilharia queixa-se entre mosquetes, salvas de canhões e o massacre continua: “Diz para! Diz para!”. Os corpos rebeldes caem como folhas – clichê bonito... – no chão. A vida se vai guiada por girândolas a estourar nos céus da praça, por si, de Mártires. Os famintos vira-latas de todos nós se deliciam com saborosos miolos cheios de saborosas ideias revolucionárias vertidos nas areias.

Então, a cidade inteira, toda ela, se viu em negro. Era o luto pela liberdade, mas só a Ana, Triste⁶⁷, ficou: “Liberdade!”



Viçosalianas

crônica-lamento

11 de setembro de 2009

*Para Ronald, Ana Maria, Adail, Theresa, Helder,
Juarez e Dario, umas poucas palavras em respeito a outras.*

Não há nada no mundo que me fale mais ao coração do que a surpresa de *humanidade* em alguém. No corre-corre de todos os nossos dias fabris, o tempo não permite que descubramos, entre tantas mazelas e idiossincrasias, a frágil beleza do ser. Daí, sempre afirmar: posso perder tudo, menos as pessoas.

Há tempos, uns quatro anos, recebi por presente um livro: *Viçosalianas*. De cara, fiquei curioso do título, cujo autor, Juca Fontenelle, um senhor de 85 anos, *viçosense de excelente cepa*, me ofertava *com apreço* em letras tremulantes de vida e histórias.

Foi numa tarde de calçadas, acompanhado de ninguém, que o li.

Um livrinho de título *deveras estrambótico* dedicado, *de modo especial*, à esposa Nilza e cujos donos seriam seus filhos, *verdadeiros achados*, que o incentivaram a escrever, pelo desejo, cria, de ver seu nome em *letra de fôrma* na capa.

Do livro, nos salta Viçosa do Ceará, às terras do Lambedouro, “o único lugar no mundo onde o Céu e o Cemitério são vizinhos”. Foi ali que nasceu, em 1920. Entre as narrativas viçosalianas, Juca conta e reitera o orgulho do início da leitura por intervenção da mãe, dona Rosa, descendente e representante de uma linhagem de professores.

Já casado, e para garantir a educação dos filhos, veio a Fortaleza. Trabalhou com o contista Moreira Campos no Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, e, passado mais algum tempo, no *Campus* do Pici, até a chegada indesejável da *expulsória*, como diz da compulsória.

Sempre afirmando sua preguiça de escrever, escreve, tomado por memórias vivas, pilhérias, lendas e causos da cidade natal. Entre tantos e outros relembramentos conclui: seus amigos morreram cedo, ou ele é que vivera tempo demais.

Em “A Beata e o inferno”, Juca descreve uma mulher fervorosa e hipocondríaca, que, como outras, transforma a religião em “filosofia religiosa para uso privado”, chegando ao exagero de, quando da passagem de três padres de outras paróquias na cidade, dar um jeito de se confessar com os três.

Em “Afilotar”, lembra Filomena, ou melhor, Filó, uma mulher já estabelecida no “caritô”, rotineiramente convidada para tomar conta das filhas alheias nas festas em que os pais não poderiam estar presentes. Com o tempo, nos bailes, habituou-se a ouvir das mocinhas a seus pretendentes, naquele linguajar colorido de interioranos: “Só danço a Filó *tando*”. Essa ladainha, exigência paterna, ecoava pelos salões: “Só danço a Filó *tando*”, “Só danço a Filó *tando*”. Foi quando um rapaz mais ousado, e entupido de coragem de garrafas, agarrou a jovem pela cintura e respondeu: “Pois sim, que eu também sei *afilotar*!”

Há também o caso do padre com mania de receitar à freguesia. Durante a procissão, uma beata começa a espirrar e ele, imediatamente, indica-lhe um chá. Ela desdenha, diz que não carece de tal chá, pois tem fé em Deus, e pronto. O padre retruca: “Ter fé em Deus é muito bom, minha filha, mas é sempre mais seguro tomar o chá!”

Conta do Eudes, um analfabeto, a relatar que um velhinho da cidade morreria a qualquer momento, pois estaria vitimado de um dos “três quês” que matam: queda, catarro e caganeira. Juca o emenda: “Mas, Eudes, caganeira não se escreve com ‘q’ ...”. Eudes coça a cabeça e responde: “Isso eu não sei, mas que a bichinha mata, mata!”

Outro caso é o de José Avelino que, atravessando uma noite escura de chuva de pingos tão grossos que bastava um para banhar-se por inteiro,

decidiu abrigar-se no telheiro da *Cruz do Soldado*, quase matando um *caboclo* de susto, certo de estar diante de alma de outro mundo. E também o da Câmara de Vereadores de Viçosa que, durante a I Grande Guerra Mundial, decidiu declarar combate à Alemanha.

Enfim, a obra é polvilhada de crônicas e narrativas de uma Viçosa do tempo em que não havia carro nem estrada e em que as almas, em dia de finados, se divertiam ao som da vitrola de gabinete do seu Afonso Marques, de inocentes passeios no açude, do Chinoca, do Zévíctor Fontenelle, do Dedé Fontenelle Pacheco, do Assis Pindaíra, do Padre Carneiro, das reuniões em torno dos noticiários da BBC por um rádio a bateria no Bar do Aluísio (nas quais os moradores acertavam os relógios), do Chico Caldas, do Antônio Urano, do exótico Pedro Bozon, do Alfredo Miranda, tocador de pífano de taboca e proprietário da famosa *Casa dos Licores*, do “caminho do caranguejo”, das aventuras de caçador de Mané Pereira, do Chico Jacaré, dos casos de crimes e das procissões, dos sítios (Olaria, Jaguaribe, Cujá, Cacimbinha...), das festas dançantes no *Gabinete Viçosense de Letras*, do Saldanha, o fuxiqueiro, do jumento do correio aos domingos, da Pedra do Itaguruçu, das desmemórias de João Sacristão, do Clube Roial (*sic*), da história do papagaio que se chamava... papagaio!, e de tantas outras mais ilustradas por fotos do casario antigo da viçosaliana cidade queridinha do Juca.

Pois sim, soube, há apenas duas semanas, que o Juca deixou *sempiternamente* a Aldeia do Ibiapaba – se foi numa quadra de abril –, que estava prestes a lançar um segundo livro e que iriam emprestar seu nome em homenagem à Escola Estadual de Educação Profissional de Viçosa.

Fiquei triste. Apesar de seu gentil convite, postergado pela pressa inútil de tantas outras coisas, toda a boa conversa que poderia ter tido com o Juca ficou de restos naquela calçada, naquele dia de mais ninguém.

Que os bons ventos e as vozes *ararenas* da Vila Viçosa Real d’ América levem essa *crônica-lamento*, e que ela flua suave pela sua Lamartine

Nogueira, por seus vales de águas em bicas perenes, por sua lagoa doce de mel redondo, pelas folhas das mangueiras da Clóvis Beviláqua, terra do Céu adormecido e encimada por Cristo iluminado em redenção, até cobrir d'ouro lustrado as tijoleiras de sua Matriz.

Juca Fontenelle (1920-2009) nasceu em Viçosa do Ceará. Autodidata, foi professor de diversas gerações de sua querida e cantada Viçosa, tema recorrente de suas pesquisas e oratória, sendo personalidade admirada e de cultivada memória entre os seus conterrâneos. Era um incansável incentivador do gosto pela leitura e teve diversas participações no “Jornal do Leitor” de **O POVO**. Autor de *Viçosalianas*, livro de crônicas, era casado com Nilza Urano. Deixou 7 filhos (Ronald, Theresa, Ana Maria, Adail, Hélder, Juarez e Dario), 19 netos e 7 bisnetos. A família publicou, em 2010, o póstumo *Viçosalianas II*, no qual a família, generosamente, incluiu esta *crônica-lamento*.

**“Fiquei triste. Apesar de seu gentil convite,
postergado pela pressa inútil de tantas outras
coisas, toda a boa conversa que poderia ter tido
com o Juca ficou de restos naquela calçada,
naquele dia de mais ninguém.”**



Granja Do(L)ente

9 de outubro de 2009

I

Granja para os Granjenses. Assim foi denominado o Ponto de Cultura⁶⁸ inaugurado no município de Granja, iniciativa da ONG dirigida pela Maria Ximenes, uma profunda conhecedora da cultura e da gente da cidade. E foi por ocasião da inauguração, que a Maria nos granjeou o lançamento de *Dolentes*, obra maior do simbolismo no Ceará, livro póstumo do poeta granjense Lívio Barreto, um dos fundadores da agremiação literária bastante saçaricada por cá: a Padaria Espiritual.

Eu não conhecia a cidade e achei que lançar a nova edição de *Dolentes* na terra natal do autor, inclusive numa data que remetia à sua história, lhe seria uma feliz homenagem. Não sei, mas me vem sempre à lembrança: “um profeta só é desprezado em sua terra” ou “santo de casa não faz milagre”.

Ao chegar, à vista dos renques de carnaubais, o céu faiscava num calor flagrante. Disseram: “Aqui, para cada morador existe um Sol!”. Atravessamos a cidade de ruas estreitas. Percebi rapidamente que ela, quase toda, ainda trazia na pele de cal as marcas da intensa quadra chuvosa, noticiada fartamente pela imprensa, que lhe banhara todos os cantos. Estranhei que, passado algum tempo, extensas gretas ainda marcassem de pedras soltas as descuidosas vielas.

A Ponte Metálica, às margens tão desverdeadas do Coreaú, estava interditada. Do casario antigo, bastante avariado, rompia das rótulas, das telhas, dos balcões, das portas carcomidas, o mato. No poste, a placa enferrujada anunciava como “Arquitetura Histórica” um terreno de mato alto, troféu da conquista da violência granjense e capitalista local.

A belíssima estação, arquitetura de quase 130 anos, a desabar a qualquer momento, acolhida pelo descaso, não recebe mais ninguém a não

ser as crianças que brincam – desconfiadas com nossa estranha presença – de fazer rolinhos de papel transformados em fumaça de estrelas a evoluir-se solta à luz do dia.

Vizinho à estação, majestoso como um palácio em ruínas, um prédio escuro ostenta em sua entrada os dizeres *Maternidade de Granja* – embora nunca tenha assistido vir à luz um único granjense –, revelando o desperdício e o abandono.

Andei pela cidade vazia. Ninguém às ruas. Pelas portas via, aos fins de oitões, redes a balançar. Calor demais. Conversei com alguns moradores: desânimo, desestímulo e ceticismo.

Alguns me contaram das chuvas que lavaram a cidade, principalmente o prédio da Prefeitura e do Fórum: “E olhe que mesmo assim, ainda não deu jeito” – riam-se.

Foi quando diante da sequidão do tempo e dos humores abafadiços, surgia num cimo, uma casinha amarela de janelas azuis que brilhava vivamente na frágua das fragas cinzentas dispostas num corredor de aves ligeiras. Perguntei que local era aquele, no que, então, responderam: “Ah, ali? É o Ponto de Cultura. É naquela casa que ele vai funcionar”. Vi uma luz...

II

Fizera noite em Granja. Mesmo tendo que competir com o horário da missa, a casa amarela do Ponto de Cultura estava apinhada de gente bonita. Ao contrário da tarde, o ar estava úmido, o vento frio, o clima aprazível. As pessoas – todas se conheciam – chegavam e sentavam em frente ao palco e ao lado das enormes pedras cinzentas e de árvores escurecidas.

A Maria, toda em branco – “O Livinho gosta de branco!” – nos apresentava toda a casa e seus recintos decorados, por todos os lados, de crianças e jovens que se preparavam para atuar em esquetes, danças, performances, música, declamações etc.

Foi quando chegou, com ares de atrasado, o próprio Lívio Barreto. Rapaz novo, nem trinta, moreno pálido, olhar melancólico e expressivo, bigode ralo sobre poucos lábios, corpo franzino encafuado em uma fatiota modesta. Trazia *Só*, por debaixo do braço, e um cachimbo dormente à mão. A Maria nos apresentou. Disse que esta seria a primeira vez que assistiria ao lançamento de seu livro, o *À Toa*. Emendei: “*Dolentes*, você quer dizer...”

– Sim, dolentes como as súplicas dos granjenses à cidade que resiste à *toa*. Sempre achei que *À toa* fosse um título mais adequado.

Após a apresentação dos demais artistas, fez questão de falar ao povo de sua terra. Tímido, mas firme, declarou o que ora transcrevo a você:

– Agradeço a todos que aqui vêm ouvir este pobre rimador granjense. Acreditem, não há dia que valha-me este dia, todo cheio das pombas e da aurora. Lamento, entretanto, dizer que a andorinha volta ao lar se baixa a noite sombria. Eis-me naufrago e só! Meus ideais, meus sonhos, meus castelos alvos, de escumilha, caíram todos. E onde Deus um mundo pôs, acho uma ilha. Pela cidade, tristeza só! Vestem-se os muros pardos, escuros, de limo e pó. No ar passa uma tristeza mole de indolência. Dir-se-ia que as coisas bocejam. Entre tudo isso, pareço uma indecisão: Quando há de o dia esplêndido chegar dos nossos sonhos vermos realizados? Se bem que sempre unidos a esperar já há tanto tempo andamos separados! Nos lilases das tardes, enquanto forte chovia, pensava: vamos, inverno, molha, molha, não descansa, pra ver se quando te fores vêm para os campos as flores e para nós a esperança. Hoje, lançando o olhar paciente, sem comoções, sem ansiedade, só vejo a flor roxa e tremente, tranquila e fria da saudade! Creiam, meu coração é uma fomalha acesa, uma cratera a vomitar no abismo.

Abriu uma pausa, bebeu água, apertou com a mão o nó desajeitado da gravata pequena e o baixo das costelas esquerdas. Continuou:

– Amigos, edifiquemos castelos de ouro e de luz, mas voemos para os espaços azuis, para só de longe vê-los. Longe, aonde não chegue a voz, para evitar que os castelos desabem por sobre nós. Não se deixem curvar a frente, quero lábios a rir risos bons, estridentes, e, em nome das lágrimas, não chores!

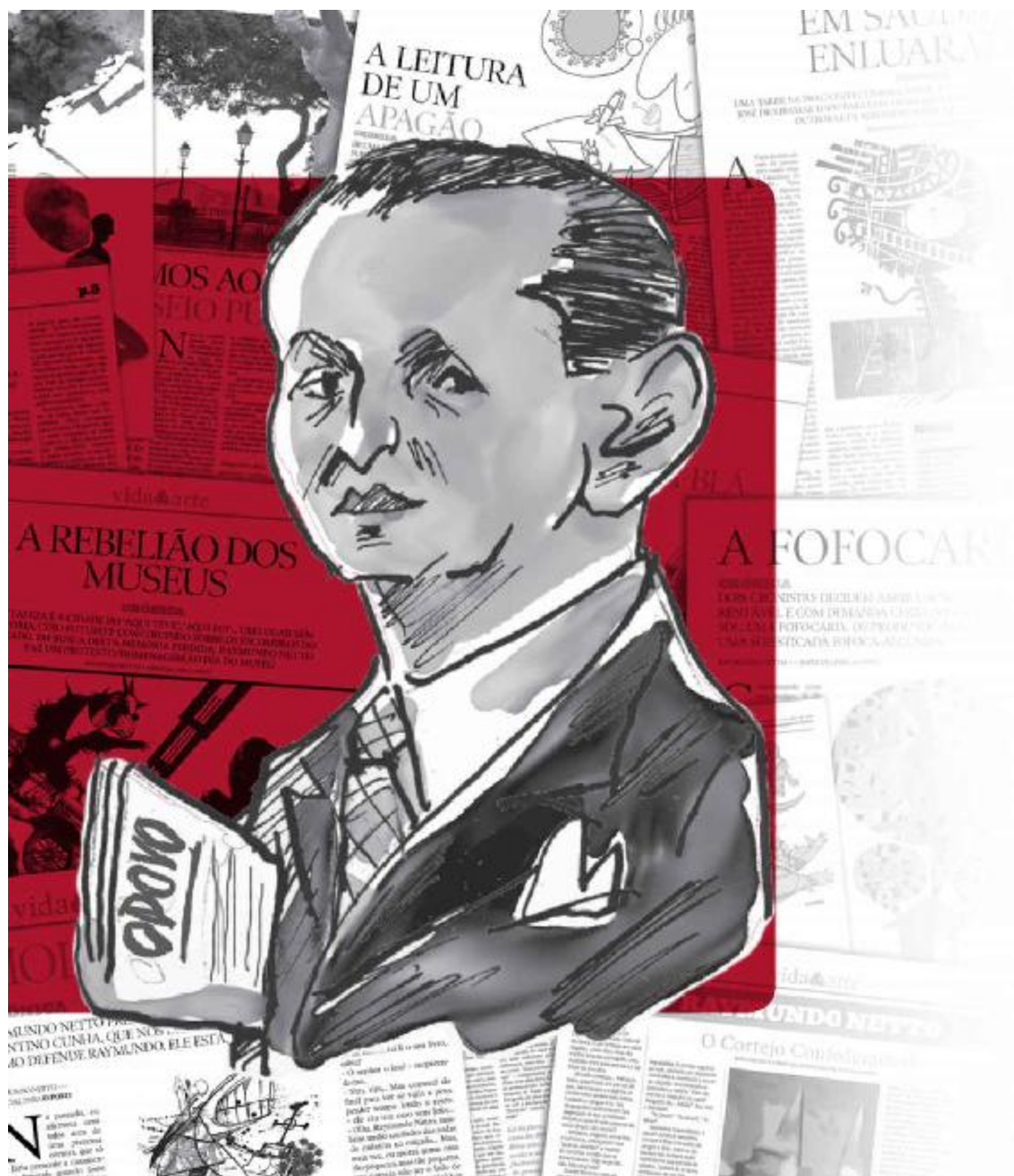
Lívio foi aplaudido e, mesmo em sorrisos reservados, levado ao balcão – detesta balcões – para autografar seu *Dolentes*.

No dia seguinte, cedo partimos. Na saída da cidade, passamos por uma vela amarela gigante⁶⁹, também depauperada, na qual a chama não mais tremeluzia, e, mesmo assim, pedi ao padroeiro que iluminasse o povo daquela cidade cuja beleza e graça se perdiam nos destroços inexplicáveis do esquecimento.

Lívio Barreto (1870-1895), o *Lucas Bizarro* da Padaria Espiritual, nasceu em Granja, Ceará.

Leitor de *Só*, de Antônio Nobre, escreveu e colaborou com a fundação de alguns jornais literários como *O pão*, *Iracema* e *A luz*. Durante muito tempo teve que, com desgosto, exercer trabalho no comércio. Faleceu em Camocim, por detrás de um balcão de trabalho. Tinha 25 anos e era triste, muito. Pouco tempo depois de sua morte, os colegas da Padaria Espiritual publicaram o seu *Dolentes*, título que substituiu o seu pretenso *À toa*.

“A Ponte Metálica, às margens tão desverdeadas do Coreau, estava interditada. Do casario antigo, bastante avariado, rompia das rótulas, das telhas, dos balcões, das portas carcomidas, o mato. No poste, a placa enferrujada anunciava como “Arquitetura Histórica” um terreno de mato alto, troféu da conquista da violência granjense e capitalista local.”



Maracajá... JÁ!⁷⁰

6 de novembro de 2009

Para Lúcia Dummar (in memoriam)

Às margens da lagoa que lúcia e lenta soluça, a avarandada rotina da casa grande do sítio Castelo era perturbada pela chegada de dois homens que contendiam entusiasmados: Demócrito Rocha e Antônio Garrido.

Demócrito, ainda ao primeiro degrau, vê a filha caçula ladeada a amiga Adísia Sá⁷¹ e anuncia:

– Lucinha⁷², minha filha, trouxe o Garrido para almoçar comigo. Você sabe que eu não gosto de almoçar sozinho. Acredita que ele está tentando me convencer a criar um novo suplemento literário para o jornal?

– Pois é, dona Lúcia – confirma o convidado, em mangas de camisa –, há 80 anos **O POVO** lançou o *Maracajá*⁷³, e por que não aproveitar que estão publicando tão boas revistas literárias no Ceará, como *CAOS portátil*, *Para mamíferos*, *Pindaíba* e a *Literapia*, e não lançar um suplemento literário, mesmo que aos domingos? A literatura está em efervescência por aqui: modernistas e passadistas, muitos escritores jovens, blogueiros, muita produção independente, eventos literários todo santo dia.

Assim, afastando um Zamenhof⁷⁴ esquecido, sentaram-se ali mesmo em escuras cadeiras de espaldares altos, enquanto Lúcia acrescia o nome do novo amigo da casa em um caderno de pautas: “Antônio Garrido, poeta”.

A Adísia, dirigindo-se ao velho periodista – que após assentar com as mãos o cabelo penteado, desabotoava, à altura da barriga, o paletó –, contou:

– Demócrito, um marido, certa feita, perguntou à mulher: “Querida, diga-me honestamente, você já dormiu com outro homem que não fora eu?”. A mulher sorriu e respondeu, graciosa: “Não, meu amor, só dormi com você, viu?” O marido suspirava aliviado, quando ela continuou: “Com

os outros eu não dormia, não... ficava acordada, mesmo!” Boa essa piada, né? Eu gostei muito. “Com os outros eu não dormia...”

Gargalhadas se dispersaram ao frescor da tarde frouxa. Demócrito voltou-se, então, ao afoito amigo e lembrou:

– Garrido, o Otacílio de Azevedo e o Orlando Luna Freire, que trabalhava com clichéria e com uma tipografia ao lado do meu consultório, me procuraram pedindo ajuda para publicar uma revista literária: a *Ceará Ilustrado*. A capa seria colorida, teria charges e clichês, uma novidade. Decidi lançá-la. Gostei tanto da bichinha que eu mesmo passei a distribuí-la nos quiosques e cafés da praça. Foi um sucesso! O mesmo ânimo eu tinha, anos depois, quando criamos os *bancos* como o da *Opinião Pública*, cujo presidente era o Carlos Miranda.

– Lembro demais, dr. Demócrito – afirmava Garrido ao colher, na travessa da mesa, um dos famosos pastéis da casa. – As pessoas brigavam por ela. E é esse o espírito da coisa... Inovação! E quando o senhor distribuiu os 300 cupons de votação na campanha de eleição do *Príncipe dos Poetas Cearenses*? Muitos leitores passaram a criticar os votantes que, segundo eles, não tinham propriedade para eleger ninguém, enquanto outros afirmavam que no Ceará nem poeta tinha!

– O pobre Juvenal Galeno só teve 12 votos. Maldade com o bardo. Quem levou foi o padre (Antônio Tomás) mesmo!

– Vamos lá, homem, o povo precisa de mais vozes que lhe falem ao sentimento. O seu jornal e o *Maracajá* repercutiram em todo o país como veículos de divulgação do modernismo cearense. Criaram polêmica, fizeram história. Todos os poetas vanguardistas modernos, como o Jáder de Carvalho, Rachel de Queiroz, Mozart Firmeza, Mário de Andrade (do Norte), Filgueiras Lima, Edigar de Alencar, Sidney Neto, Franklin Nascimento e mesmo eu, foram acolhidos por eles naquela época. Sei que isso acarreta mais despesas, mas lembro-me bem que quando o sr. Chateaubriand quis comprar o seu jornal, você não o vendeu, não foi?

– Claro que não. E você, venderia um filho?

– Nunca! E o seu jornal, Demócrito, não nasceu para defender os interesses do povo, ferir as oligarquias dominantes, clamar contra os desmandos dos governantes e defender o desenvolvimento do nosso Ceará? Não era o que você dizia? **O POVO** já é um patrimônio nosso!

– Mas não é ofício fácil, rapaz. Cheguei a ser surrado na frente de todos, certa tarde, na praça do Ferreira. Os policiais do desembargador Moreira da Rocha me espancaram com rebenques e pontapés e tiveram a ousadia de me levar à Foto Sales para me fotografar, ainda sangrando, como prova do serviço bem-feito. Ah, que eu daria tudo por essa foto hoje... – riu, passando a mão na testa lembrança.

A *Ceará Rádio Clube*, PRE-9⁷⁵, executava um sucesso do grupo *Quatro ases e um melé*⁷⁶, quando Garrido foi pegar outro pastel e flagrou o Biel, cabrito de estimação da casa, surrupiando-os com um olhar moleque. Nisso, Demócrito, cruzando as mãos por trás da cabeça, divagava:

– Eita, que me bateu uma saudade das tertúlias da casa do cajueiro torto. Só a Creuza⁷⁷, mesmo: “Saudade que ainda espera é lembrança...” – pensou. – Sabe, Garrido, os *modernos* de São Paulo metiam excessiva erudição no que faziam e bancavam sisudez. Nós cearenses somos alegres por índole. Lá, os rapazes para fazer a sua antropofagia precisavam dar o laço à gravata. O modernismo que eu entendo é esse que nós fizemos: modernismo nacional, saturado de tudo quanto é nosso, original, sugestivo, impressionante.

– Não esquecendo que o espírito modernista já existia em nossa *Padaria Espiritual*, em seu programa de instalação, 30 anos antes da Semana de Arte Moderna. É como o Guilherme de Almeida, ao nos visitar, disse: “o modernismo não proveio de ninguém. Existe no ar de depois da guerra, como a gripe espanhola e o bolchevismo. É contagioso.”

– E você vai acabar me contagiando com essa sua conversinha, poeta. Ah, toda vez que dou ouvidos a você... – levantou-se, de súbito: – Olhe,

filha, não vamos esperar pelo almoço. Iremos agora mesmo para as bandas do bar do Silva. Já, já, estarei de volta. Deixe a rede pronta, ouviu?

– Mas, papai, vá beber não que o senhor sabe que fica valente – alertou a zelosa filha.

– Pode deixar, Lucinha, eu preciso trocar umas ideias com outros amigos e trago cá comigo a velha *imunidade*⁷⁸... – disse, abrindo o paletó.

Abrçou e beijou a filha e, ao cumprimentar a Adísia, revelou:

– Minha amiga, entre os sábios, industriais, poetas, historiadores e literatos, o tipo não mais admirável, porém, mais simpático, mais do século, mais original, mais moderno, é o jornalista periódico. Abracei essa profissão por instinto, quando ainda não lhe podia medir bem toda a importância. Confesso que ainda não tive um só dia de arrependimento, e que apenas a força das circunstâncias me afastará da carreira começada.

Voltando-se ao poeta, esperançou:

– Quem sabe, né, Toninho, esse tal *Maracajá*, ou quiçá outro suplemento, afinal, os tempos são outros, não saia mesmo, hein?

E se foram, sob o sol que tinha, lado a lado, os dois homens vestidos de ideias, caminhando entre coqueiros e plantas emplantadas delicadamente no jardim colorido do vermelho das araras e do canto dos sabiás. As pétalas de murta, estouvadas no chão, sacolejavam com o vento de novembro, deixando o varandado para trás. As lembranças persentiam nos pesados talheres que tilintavam sobre a inicial bordada ao guardanapo e com o vozeado alegre de crianças do passado à comprida mesa branca de almoço. Estalando as colheres de cremosos doces de leite, a memória perfumosa do tempo emergia viva como *Notas* do velho rio, artéria aberta, que na pena do poeta vai morrendo e resistindo... morrendo e resistindo... resistindo sempre... como as rochas.

Demócrito Rocha (1888 - 1943), poeta, jornalista e orador, nasceu na Bahia. Aos dois anos perdeu o pai, e aos cinco, a mãe. Aos 12 anos trabalhou como ajustador em oficina de reparação de locomotiva em estrada de ferro. Veio morar em Fortaleza, em 1912, como telegrafista, e

casou-se com Creuza do Carmo, com quem teve duas filhas: Albanisa e Lúcia. Em 1921, formou-se em odontologia; em 1924, publicou a *Ceará Illustrado*; em 1928, fundou o jornal **O POVO** e, em 1929, lançou o suplemento *Maracajá*. De 1935 a 1937 foi deputado federal. Pertenceu à Academia Cearense de Letras e Instituto do Ceará. Faleceu, vítima de tuberculose.

Antônio Garrido: pseudônimo com o qual Demócrito Rocha assinava sua produção literária, inclusive o famoso poema “Rio Jaguaribe”. Algumas das falas de Demócrito e Garrido são adaptações livres de textos de Demócrito Rocha. A pesquisa de texto baseou-se principalmente em *O modernismo na poesia cearense: primeiros tempos*, de Sânzio de Azevedo.



Presciência Crônica

uma Odisseia sem Homero

4 de dezembro de 2009

Fortaleza, cidade-sede, 2070. Abaixo do plúmbeo céu, o trânsito disputado por carros e pessoas declina da tradicional buraqueira nas ruas capeadas por betume artificial feito do chorumento do lixo.

Seguindo as avenidas, os *OutWindows*, imensas telas de diodos orgânicos com imagens tridimensionais anunciam automóveis, dentifrícios, sapatos femininos e lojas da moda.

Condomínios de apartamentos de 45m², sob redomas de refrigeração e purificadores de ar, encerram centenas de pequenas famílias – o controle da natalidade é rigoroso. Na sala, nos quartos, no banheiro, monitores com programação *pay-per-view* simulam janelas postas em paredes de espelhos. Nas áreas públicas: *playgrounds*, *lan-houses*, quadras, lojas de conveniências, *decks* e muita grama artificial. Por todos os lados, câmeras, cercas elétricas e alarmes sonoros que causam, pela cidade, sobressaltos a todo instante.

As pessoas quase não saem mais de suas casas – muitas trabalham nela: sistema *home-office*. O inesperado não existe – pensam! Tudo é planejado e previsível. A vida e a morte. Aliás, a eutanásia, como o aborto, a pena de morte e o uso da maconha são legais. Sonegar, porém, ainda é ilegal e continuam sonegando. Os cemitérios foram extintos. Cremar é obrigatório. Não se discute mais sobre gênero: ser homem ou mulher não faz diferença. Todos são potencialmente híbridos.

Em torno da cidade-sede, as satélites – aglomerados de favelas e fracassados conjuntos habitacionais – se disseminam e crescem a cada dia, fomentadas pelo abismo gerado pela exclusão tecnológica e mercantil, fervendo em miséria, doença, violência e rancor, desejosas do inevitável dia em que, juntas e cansadas de privações, tomarão a sede de inocentes

burguesinhos, consumistas inúteis, mantenedores do sistema selvagem de capital.

Nos transportes coletivos, a maioria com andar superior, as pessoas dormem, ouvem música, leem mensagens em seus *clock-mails* – relógios especiais em sistema de rede *wireless*. O celular foi abolido – descobriram que predispunha aneurismas e acidente vascular cerebrais – usando-se, então, fones com discagem vocal.

As cidades do interior, por ausência de políticas contínuas que evitassem o êxodo de seus jovens à capital, foram esvaziadas e arrematadas a preço de nada por igrejas que passaram a comprá-las e a construir pequenas promessas de “paraísos”. Neles, as autoridades, todas elas, são pastores, eleitos por *inspiração divina*. Os reverendíssimos mantêm, por meio de legislações intermináveis, a cidade “higienizada” – e o grande comércio local – sob o jugo da tirania celestial, censura dos meios de comunicação, impostos – físicos e espirituais – altíssimos e uma harmonia exclusiva e dogmática.

Quase todas as faculdades aderiram ao ensino a distância. Em algumas, como a da filosofia *Livre Pensar* – que há anos tenta obter aprovação do Ministério Federativo de Educação –, seus alunos, alcunhados de *espantalhos* e coordenados pelo prof. Aquino⁷⁹, ainda resistem em aulas presenciais nas quadras, praças e vielas das cidades-satélites.

Nas farmácias, ambulatórios coloridos destinados aos portadores das pandêmicas síndromes do pânico, TOC e depressão disponibilizam *kits-coktails* reequilibrantes e fornecem óculos especiais *Dreams’Pixels* de projeção de imagens e som, “bengalas” endorfinomiméticas.

Os carros à eletricidade fracassaram e abriram espaço para os movidos a etanol celulósico e à água dessalinizada, nos quais, de seus escapamentos, flui um vapor branco que deixa no corpo dos transeuntes certa sensação grudenta de maresia.

Pneus. Droga, nada substituiu o pneu!

Na paisagem, *shoppings* de resinas poliméricas e aço de usinagem facilitada tomaram dimensão de bairros. O *Cocoh* é o maior deles, homenagem ao rio completamente aterrado num passado – o antigo *shopping* do local foi demolido após a inesperada falência do grupo. O segundo, o *Trilha das garças*, no Lagamar, que dizia promover a conservação ecológica, foi construído sobre o rio onde as alvas pernalças, agora extintas, e os pescadores se encontravam.

Os grande fóruns e casas legislativas, parceiros fiéis dos poderes dominantes, para reduzirem o caótico tráfego aéreo e assegurar a distância do povo, mudaram-se de vez para BRASILHA, onde atuam, quando o fazem, por protegidas e impessoais vias e plenárias eletrônicas.

Hospitais públicos – assim como as escolas e a segurança – só existem nas cidades-satélites. Na sede, as cooperativas de médicos aliadas aos grandes laboratórios farmacêuticos monopolizaram a atenção – inclusive a financeira – da saúde. As doenças, misteriosamente, só aumentam!

Depois que conseguiram vender o cine São Luiz aos neopentecostais, abrasadas foram as línguas de fogo que consumiram o resto do centro da cidade. Nada mais ficou em pé. Suas ruínas marginais fazem parte de um sítio arqueológico conservado para pesquisas universitárias que não servem para nada, assim como a plataforma do Lattes, detonada num *bug* irreversível. Também estão esquecidas as ruínas de antigos *resorts* e de parques aquáticos, simulações de um Caribe *commodus vivendi* metido a besta, que expulsou a população nativa, evadiu divisas e descaracterizou para sempre a paisagem natural.

Na praça dos Leões, a estátua da Rachel de Queiroz continua sem óculos e sem cabeça, sendo agora acompanhada da estátua de uma jornalista da cidade que, ao contrário dos demais, conquistou a sua cadeira na Academia Cearense de Letras apenas após a sua morte. Aliás, a Academia, por não conseguir mais o vantajoso ingresso de políticos, juízes ou demais que intermediassem por recursos de subsistência, fechou as

portas. Decadentes, outras dezenas de academias foram esvaziadas. Apenas uma resiste – com sede no coreto, mictório improvisado, da praça dos Leões – tendo como único representante e líder, o Lima Freitas, atualmente com mais de 130 anos. Vez ou outra o velho poeta, com seu surrado fardão, sai bengalando os ambulantes perdidos da praça, os acusando de macularem aquelas calçadas com suas desprestigiadas presenças, tal qual um Jesus nos templos, gritando: “Academus! Academus!”

Na praça Poeta Mário Gomes, antiga do Ferreira, brincadeira de um prefeito, a Coluna da Hora sucateada não resistiu ao tempo. Do cacimbão, afloram entulhos do velho comércio e ossadas de jumentos.

Diante da escassez planetária de árvores, a *Livraria* – existe apenas uma rede, a *BookMegaStore* – vende livros impressos tão somente em forma de edições de luxo e em pequeníssimas tiragens destinadas a abastados colecionadores de arte. Os demais fazem *download*, por meio de assinaturas, para leitores óticos – curiosamente, os preços nunca diminuem e os autores continuam sem ter a certeza do que vendem – ou os adquirem em forma da mídia *Blu-Ray MONDO*, versão bisneta do CD/DVD. Mesmo com todas as restrições, comercializam-se *Pirate Books*. Hoje, a *Livraria* lançará a Coleção *Obra Completa* de uma autora cearense que residia em Aquiraz⁸⁰, anunciando, como bônus, hologramas seus em circuitos de entrevistas, enquanto outra, agora romancista⁸¹, bastante idosa, recebe um prêmio na África em reconhecimento pela obra.

José de Alencar é considerado, então, o mais revolucionário escritor brasileiro, seguido por seu discípulo e amigo Machado de Assis. Livros impressos também são encontrados na nova Biblioteca Pública – a antiga foi demolida para dar espaço ao Centro Cultural Dragão do Mar, parcialmente arrasado pelo avanço das águas que deixou submersos o prédio da Alfândega, a Ponte Metálica e o inacabado *Acquário*. Com pouquíssimos visitantes presenciais, a Biblioteca funciona com o Arquivo

Público e mantém um amplo serviço de pesquisa e empréstimo *on-line*, por meio de cientistas da informação – os dantes bibliotecários.

Na Universidade Federal, ao lado do antigo bosque Moreira Campos, uma herma em bronze de um antigo professor⁸² anuncia “O último crítico e historiador literário do Ceará, cujo maior pecado foi não ter deixado substitutos.” Para evitar que roubassem, como sempre o fazem, seus imensos óculos de bronze, o busto foi elaborado sem óculos, mas com lentes de contato de cor.

Há alguns anos, por não se ter mais o que falar de novo sobre os grandes nomes da literatura nacional, os alunos do curso de engenharia linguística e de artes, antigo curso de letras, se viram obrigados a estudar os esquecidos autores cearenses, descobrindo na pesquisa de microfilmes de jornais dos séculos XX e XXI que pouco se falava deles, e que, menos ainda – raras as exceções em *flashes* de colunas sociais cheirando a uísque –, se tem registro de sua existência e de sua obra.

Rafael, atual estudante do curso, fora “sorteado” em classe com o nome deste autor que vos fala por meio dessas folhas d’ **O POVO** (“Que droga... pode ser outro, não?”). Dirigiu-se à *Midioteca* – intitulada com o nome de um contista tamborilense⁸³ devido à generosa doação, pela viúva, de seu acervo bibliográfico particular – e, em meio às crônicas delongadas, como esta que agora leem, encontrou o seu obituário:

— Caramba! E esse coitado morreu assim?⁸⁴



“O Pão” Nosso!

a verdadeira história da Padaria Espiritual

12 de fevereiro de 2010

Ao mestre-amigo Sânzio

Lembrar é tão difícil quanto esquecer. Peço permissão agora, num galope à beira-mar, para abrir a caixa preta do café Java e, assim, revelar a todos como se deu, realmente, o estabelecimento da sociedade de rapazes de letras e artes, vulgarmente conhecida por *Padaria Espiritual*.

Estávamos eu, Pedro Salgueiro, Astolfo Lima Sandy, Carlos Roberto Vazconcelos, Poeta de Meia-Tigela, Carlos Nóbrega e Nilto Maciel ⁸⁵no Assis da Gentilândia, sede de reuniões de promessas literárias – e digo “promessas”, pois geralmente nunca se cumpre o que se propõe nelas, deixando todas as deliberações para a próxima ou para a que vier depois dela, e se vier –, quando soubemos que o deputado Antônio Sales, poeta e romancista, estava de volta à cidade. Tão mal comentávamos o fato, o vimos sair de uma bodega do Benfica com uma bisnaga de pão francês debaixo do braço. Vinha de conversa com o professor Sânzio de Azevedo, já se indo à Jacarecanga, onde residia há algum tempo.

Fui buscá-los, logo os convidando a ficar, mesmo que por um pouquinho. Antônio Sales, todo de branco, passou o lenço na cadeira antes de sentar. Cumprimentou a todos, puxou um charuto, tragou uma branquinha e, diante do pedido de novidades, revelou-nos o desejo de fundar um grêmio literário genuinamente cabeça-chata. Ficamos impressionados. Sabíamos haver pelo menos uma centena de academias na cidade e que, todos os dias, entre trovas e panegíricos medonhos, criavam-se outras. O cearense, dizem, antes de tudo é um acadêmico. Precisava-se mesmo de outra?

– Compreendam, camaradas – argumentou –, eu não quero apenas mais uma como tantas essas burguesas, formais, retóricas e burocráticas. A nossa

tem de ser coisa nova, original, e até mesmo um tanto escandalosa para que sacuda o nosso meio e que tenha repercussão lá fora.

– Mas como o senhor está pensando, dr. Antônio? – questionou o Carlos, já curioso, a pensar como convidá-lo para participar do *Bazar das letras* do SESC.

Percebendo a inquietação, Sales forrou, com guardanapos, a cadeira ao lado, e deitou seu pão, ainda quente, enquanto retirava do bolso do paletó umas folhas de papel consteladas por pingos e respingos de tinta. Era o rascunho dos estatutos da tal agremiação. Leu-nos alguns de seus artigos inéditos:

– “Depois da instalação da sociedade, só será admitido quem exhibir uma peça literária ou qualquer trabalho artístico que for julgado decente pela maioria.”

– Pronto, já começou mal – comentou o Pedro, torcendo a boca, franzindo a testa e olhando sabe lá Deus para onde. – Se tiver que ser julgado pela maioria não vai entrar é ninguém. Não entra. O pessoal daqui, do jeito que é, não deixa!

– É uma pena. Fortaleza mimosa, ex-tapuia, é hoje uma rapariga civilizada. Está perdendo o encanto. É incrível, amigos, que a cidade, ao passo que se alarga materialmente, vai-se estreitando moralmente, de forma a assumir as mesquinhas proporções mesológicas de um lugarejo matuto com todo seu fervilhamento de intrigas, de picardias e bisbilhotices – lamentou, a prosseguir: – “O distintivo da entidade será uma haste de trigo cruzada de uma pena, distintivo que será gravado na respectiva bandeira.”

Trigo? Cerveja! Todos levantaram os copos: “Apoiado!”

– “É proibido o uso de palavras estranhas à língua vernácula.” E “Aquele que durante uma sessão não disser uma pilhéria de espírito, pelo menos, fica obrigado a pagar, no sábado, café para todos os colegas. Quem disser uma pilhéria superiormente fina pode ser dispensado da multa na semana seguinte.”

– Estou fora. Que é isso? Não vou pagar nada para ninguém. Eu não sei fazer graça – reclamou o Nilto, derrubando o gelo da cerveja na eterna unha encravada do seu pé.

– E quando é que vamos falar em literatura, gente? – entrepôs-se o Astolfo, já impaciente, enquanto Antônio continuava:

– “O associado que for pegado em flagrante delito de plágio, falado ou escrito, pagará café e charutos para todos os colegas.”

– O plágio é um atestado de humildade⁸⁶ – lembrei.

– “Será julgada indigna de publicidade qualquer peça literária em que se falar de animais ou plantas estranhos à fauna e à flora brasileiras, como: cotovia, olmeiro, rouxinol, carvalho etc.”

– Ei, o Rouxinol (do Rinaré) e o (Francisco) Carvalho vão ter que mudar de nome? – comentou o Nóbrega, explodindo em risadas.

– “São considerados, desde já, inimigos naturais dos gremistas: os padres, os alfaiates e a polícia. Ninguém deve perder ocasião de patentear seu desagrado a essa gente.” Ah, essa parte é importante, gente: “Será punido com expulsão imediata e sem apelo o associado que recitar ao piano.”

– E o que citar trechos de latim no discurso também. Ô coisa besta... – alguém se lembrou de um recente lançamento no Ideal Clube.

– “Vai detonar, implodir/ Antigas Instituições/ Vai deitar abaixo o Estado/ Costumes e tradições/ Vai trucidar, chacinar/ Abonados, figurões.” – recitou o Poeta de Meia-Tigela, apertando os dedos das mãos.

– Engraçado, né? Mas nós não vamos falar em literatura, não? – lembrou novamente o Astolfo.

– “A sociedade representará ao governo do estado contra o atual horário da Biblioteca Pública e indicará um outro mais consoante às necessidades dos famintos de ideias.” Bem, ouvi dizer que esse problema já foi resolvido. Outro: “Publicar-se-á, no começo de cada ano, um almanaque ilustrado do

Ceará contendo indicações úteis e inúteis, primores literários e anúncios de bacalhau.”

– Não vai dar certo. Ninguém ajuda nem lê. Já se chega ao primeiro número com caquexia pecuniária – profetizou o Nilto, limpando seu bigode com o indicador.

– “As mulheres, como entes frágeis que são, merecerão todo o nosso apoio, excetuadas as fumistas, as freiras e as professoras ignorantes.”

– “Uma mulher bonita de mau coração é como a mangaba que tem a polpa doce e o caroço amargo”, não é assim, Sales? – tirou da memória invejável, o Sânzio.

– Pois é, meu amigo, estou pensando em também publicar um periódico quinzenal, mas não sei ainda como vai se chamar. Vai depender, é claro, do nome que dermos à agremiação.

Nisso, Antônio Sales voltou-se ao seu pão e descobriu, surpreso, a cadeira em guardanapos vazios. Bradou: – O pão... que é do meu pão?

Estando todos nós com as bocas devidamente ocupadas, demos com os ombros, a abanar a cabeça.

– Pelos modos, querem dizer que foi uma alma que levou o meu pão?

– Vai ver estão montando uma padaria espiritual – respondeu, espirituoso, o Sânzio.

– É isso, professor... Padaria Espiritual! Padaria... O pão que alimenta o espírito do povo! O pão! O pão! Eureka!

Eufórico, Antônio Sales tomou rapidamente as folhas amassadas, colocou o chapéu à cabeça, despediu-se de todos, beijou forçosamente a testa do professor, e arribou-se, como as aves, para fazer história.

– Esse negócio de beijar a gente é de lascar! – afirmou Sânzio com ares de *não gostei* e limpando a testa com o lenço. – Já pensou, rapaz, que coisa de Mandrake? Logo o Antônio Sales. Peraí...

– E o pior, professor, é que saiu e não pagou a conta. Que custa contribuir, né? Mais um! – desconsolava-se o Pedro com a notinha na mão,

enquanto o Nilto afirmava:

– Eu não vou pagar. Não convidei ninguém. Só bebi uma cerveja. Não tenho nada a ver com isso.

– Rapaz, eu só sei que vou mudar de bodega. Ô, pãozinho bom... – afirmou, jocoso, o Nóbrega.

– E aí, minha gente – reclamou o Astolfo puxando mais um cigarro –, quando é que vamos começar a falar sobre literatura?

Ficou para a próxima. Como sempre!

Antônio Sales (1868 - 1940), cearense, nascido em Parazinho (hoje, Paracuru), publicou *Versos diversos*, *Minha terra* e *Aves de arribação*, entre outros. Em 1892, criou o programa de instalação da Padaria Espiritual – alguns de seus trechos citados no texto –, movimento que durou até 1898 e do qual participaram vários autores cearenses. Ajudou na fundação da Academia Brasileira de Letras, não aceitando, porém, o convite para fazer-lhe parte. Alguns dos trechos de sua fala foram colhidos de seus escritos.

Sânzio de Azevedo (1938) nasceu em Fortaleza, Ceará. Doutor em letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a orientação de Afrânio Coutinho. Poeta, contista e ensaísta, é membro da Academia Cearense de Letras, sendo o maior historiador em literatura cearense. Autor de obras como *Literatura cearense*, *A Padaria Espiritual e o simbolismo no Ceará*, *Lanternas cor de aurora*, *Relendo Guilherme de Almeida e Alberto de Oliveira: série essencial da Academia Brasileira de Letras*, entre outros. Em 2014, lançou o seu primeiro livro infantojuvenil: *O curumim pintor e outras histórias*, pelas edições Demócrito Rocha.



O Livro e a Leitura dos Sentimentos do Mundo

12 de março de 2010

O escritor, seja ele quem for, é sempre um triste. Ser triste não é tão ruim se tivermos como premissa que felizes são aqueles que não escrevem, o que deveria deixá-los tristes, mas nós sabemos que isso não acontece, pois tristes, tristes mesmos, somente nós, os que escrevem, porque a tristeza, assim como a saudade, faz com que a gente se encontre... enfim!

Estava em meio ao vucovuco agitado do aguardado lançamento da 9ª edição da Bienal Internacional do Livro do Ceará⁸⁷, o terceiro maior evento literário do país, quando, em meio à multidão, uma confusão inesperou-se. Corri.

Os jornalistas e curiosos – como eu, admito – entupiam a entrada do teatro do Centro Dragão do Mar. Duas figuras estranhas – ou nem tanto – subiam lentamente pela escadaria. À frente, uma muito branca, de pele e de sorriso, sacudia as madeixas negras e batia as mãos em seu vestidinho de passeio branco estampado em flores coloridas que desabrochavam, cercadas por borboletas, no tecido, enquanto, logo atrás, suando pelas bicas, um senhor de cabelos branco-nuvem, encimados por uma cartolinha, e de óculos quadrados escorrendo pelo nariz, arrastava uma canastra vermelha e outra cor de café, ao som da vozinha impaciente:

– Vamos logo, Viscondídimo, deixe de moleza que não posso perder o lançamento dessa Bienal! Homessa, homem!

O pobre sabugo ao deitar a bagagem, sentou, esbaforido, e pôs-se a contestar, enxugando-se todo com um lenço:

– Mas, Emiliacioli, eu avisei... Vir assim... *puf! puf!*... carregando essa canastra nas costas... *puf! puf!*... seria de uma história... cascuda... Ufa!

– E você acha que eu perderia a chance de escrever e divulgar o meu livro de memórias aqui, seu sabugo de uma figa? Aprendi: quando tenho

uma intuição para escrever algo que “vem”, é porque precisa ser escrito mesmo! Por que, para quem e como? Isso é o que eu nunca fico sabendo. Aliás, como meu secretário, quem vai escrever mesmo é você, viu? Eu escrevo maaaaais é na minha cabeça e você é quem vai botar esses seus dedinhos gordinhos para trabalhar. E para meu livro, veja bem, eu exijo um papel cor de céu com todas as suas estrelinhas... – exultava a boneca a sacudir os braços de macela dramaticamente diante da espontânea plateia.

– E tinta cor do mar com todos os seus peixinhos... – completou, irônico, o pobre Viscondídimo ao prever nova confusão. – Essa não, dona Emiliacioli, vamos fazer suas memórias de um jeito diferente desta vez, por favor!

– Ah, é para fazer diferente, é? Então, comece: coloque no papel seis pontos de exclamação!

– Mas, mas... o que isso significa?

– Significa que tenho muitas certezas, pelo menos umas seis. Você sabia, por acaso, que a Rachel de Queiroz, a minha Rachelzinha, vai ser a grande homenageada nesta Bienal? Pois eu tenho é a certeza que ela estará por lá. Eu me lembro de quando eu, a Flora e o Raul a encontramos na casa do Pici, deitadinha de barriga no chão de tijolos, escrevendo seu primeiro livro: *O doze*. Mas depois que nós três chegamos virou *O quinze* –, soltou uma risadinha disfarçada pela mão. – E como foi difícil chegar na casa dela, viu? Pegamos um trem, descemos num asilo e andamos, andamos, andamos taaaanto que precisamos pegar o avião do seu Odacir para chegar lá. Tivemos até que pousar em cima dos benjamins que guardavam a casa, acredita?

– Difícil acreditar, marquesa – confessou o sábio, retirando do bolso da sobrecasaca uns anõezinhos verdes. – “As doces meninas de outrora/ amanheceram/ vestiram os vestidos novos/ pintaram as unhas de vermelho/ por um instante resplandeceram/ depois baixaram as cabecinhas louras/ e envelheceram como as flores.”

– Ora, Viscondídimo, e a verdade não é apenas uma mentira bem empregada? Eu morro é de rir quando vejo o povo dizer que acha lindo ser escritor, que é uma vida fácil, que nós recebemos uma “iluminação”, começamos a escrever e termina tudo pronto e limpinho. Que nada! É trabalho, trabalho, trabalho... Vamos, Viscondídimo, anda... ou melhor, escreva, homem!

– “Capítulo I: !!!!!!!”, está bom assim, dona escritora? – escreveu, no capricho.

A bonequinha sacou uma lupa enorme – sem lente – do laço de fita na cintura e aproximou-se, posuda, da folha. Conferiu se eram mesmo seis – não poderia ser cinco nem sete – e lembrou: “Se podes olhar, vês!”. Sim, Viscondídimo, é um começo exclamante!!! Exclamar lembra coisas alegres. Tristezas para o lado de lá.

– “Triste não é saber que não há/nem que não haverá/ triste é saber que nunca houve/ e que agora para todo o nunca/ choraremos.”

– Eita, minha Ângela do Céu, que você hoje está se saindo que nem *passarinho carrancudo*. Deixe de moleza e escreva: Espaço *Não me deixes...*

– *Não me deixes?* Que nome lindo, boneca. Que tipo de espaço é esse? Posso saber?

– É um local da Bienal reservado para acolher os projetos e grupos que mantêm viva, vivíssima, a literatura, todos os dias, no Ceará. É uma homenagem dos cearenses à Rachel, no cantinho que lhe era o melhor do mundo, e um reconhecimento ao trabalho incansável, e muitas vezes anônimo, de artistas e grupos locais, como: Literatura de Lua, Templo da Poesia, Concerto 1nico de Poetas Independentes, Zona Poética Liberada, Abraço Literário, Bazar das Letras do Sesc, Associação Cearense de Escritores, Academias de Letras, Quintais Poéticos, Caixeiro Viajante e outros tantos. Vai estar todo um mundo de sentimentos por lá!

Viscondídimo chegou até a achar graça do jeito contente da boneca que rodopiava enquanto tagarelava sem parar:

– Tem também a certeza da comemoração na Bienal, no dia 13 de abril, do aniversário de Fortaleza, lourinha desmiolada de sol, e da presença de seus memorialistas, cronistas, contistas e historiadores revelando seus amores pela cidade. Vai o Narcélio Limaverde, o Ary Bezerra Leite⁸⁸ e o Zenilo Almada.

– O amor é uma palavra que muda de cor – filosofava o sabugo com todo jeitão sereno de vovô criador de histórias para nove netos.

– Já pensou, Viscondídimo, o meu livro de memórias em meio a todos aqueles livros? Mais de quarenta mil criancinhas, que já estão agendadas na visitação escolar, folheando, comprando e levando meu livro para as suas casinhas? Todas vão me ler, já pensou? E para isso nem vou precisar usar o *pirlimpimpim*!

– Que memórias? Mas que memórias, Emiliacioli? Desse jeito não terminaremos esse livro nunca! Ademais, prefiro assistir às apresentações do Thiago de Melo, Carlos Heitor Cony, Nicolas Behr, Ana Miranda, Nelson Motta, Marlui Miranda, Afonso Romano de Sant’Anna, dos cordelistas, do Fórum, dos lançamentos no Café Literário, ao seminário de Centenário da Rachel e ao seminário Democracia, Cultura e Socialismo na América Latina e Caribe...

– Chega! Chega! – interrompeu, impaciente, a sabedicência do sabuguinho também entusiasmado. – Cada qual com seu cada qual, seu cara de coruja seca! – exclamou, remetendo ao Viscondídimo um palmo de língua de trapo.

O “secretário”, incomodado com a noite que se ia, recompôs-se e arrematou:

– E para terminar, Emiliacioli, afinal, o que faremos?

A boneca, recebendo um *saco de pipocas do João*, deixou brilhar os botões dos olhos:

– Para terminar, no dia 18, último dia do evento, Dia Nacional do Livro Infantil, e aniversário do tio Juca⁸⁹, toda a Bienal se voltará para as crianças. Terá contação de histórias, presença de autores infantis locais e nacionais, brincadeiras, peças, shows, animações e lançamentos de livrinhos. Vai ser um domingo de festa com direito a Maurício de Souza, Marina Colasanti, Pedro Bandeira e Ziraldo! Não é demais?

– O que eu queria saber, sua maluquinha, é o que faremos para terminar as suas memórias? Tenho mais o que fazer, ora, ora, dona Quixotinha!

Socorro Acioli (1975) nasceu em Fortaleza, Ceará. É escritora, jornalista, mestre em Literatura Brasileira e doutoranda em Estudos de Literatura. Autora de *Bia Que Tanto Lia, É Pra Ler ou Pra Comer?*, *A Casa dos Benjamins*, *O Peixinho de Pedra*, *O Anjo do Lago*, *A Bailarina Fantasma*, *Vende-se uma Família*, *A Cabeça do Santo* e outros. *Ela Tem Olhos de Céu* recebeu o Prêmio Jabuti de literatura infantil em 2013. Algumas falas do texto são transcritas ou adaptadas de entrevistas ou do livro *Memórias de Emília*, de Monteiro Lobato.

Desconcertada com o fora, Emiliacioli, para disfarçar, abriu sua canastra de onde partiram *borboletas de fevereiro*, *peixinhos de pedra*, *bailarinas fantasmas* e pôs-se a pensar que, ao invés do sabuguinho, deveria ter pedido ajuda à Cristina, sua melhor amiga desde os dois anos de idade. Toda melada de *apple crumble* e chá verde com baunilha, encontrou uma pena de pato com todos os seus patinhos, e com ela deitou um gordo e absoluto ponto final no papel já surrado:

Horácio Dídimo (1935) nasceu em Fortaleza, Ceará. É poeta, ficcionista e ensaísta. Membro da Academia Cearense de Letras, é formado em Direito e Letras, mestre em Literatura Brasileira (UFPB) e doutor em Literatura Comparada (UFMG). Autor de *Tempo de Chuva*, *Tijolo de Barro*, *Passarinho Carrancudo*, *Historinhas do Mestre Jabuti*, *Historinhas Cascudas* e outros. Participou do grupo SIN de Literatura. É um dos mais respeitados e admirados escritores no Ceará. Algumas de suas falas são transcrições e adaptações livres de seus versos.

– Ponto e pronto. Satisfeito, sabichão?

– Claro, “daqui a cem anos/ todos os nossos problemas/ nos terão resolvido”.

Assim, os dois deram os braços e desceram a escadaria seguidos pelos *flashes* das câmeras e pelo *mestre Jabuti* que, em entrevista em cadeia nacional, anunciou também a sua presença na Bienal, cujo tema é “O livro e a leitura dos sentimentos do mundo”.

E para aqueles que não gostaram desta crônica, digo apenas, num lampejo lobatiano: “Pílulas!” E tenho dito: vamos todos à maior festa popular do livro, da leitura e da literatura do Ceará!

**“O escritor, seja ele quem for, é sempre um triste.
Ser triste não é tão ruim se tivermos como
premissa que felizes são aqueles que não
escrevem, o que deveria deixá-los tristes, mas nós
sabemos que isso não acontece, pois tristes, tristes
mesmos, somente nós, os que escrevem, porque a
tristeza, assim como a saudade, faz com que a
gente se encontre.”**



Cortina de Memórias

— à madrinha Rachel —

23 de abril de 2010

Em 2010, quando se completam cinco anos de lançamento de *Um conto no passado: cadeiras na calçada*, obra que me apresentou à literatura, é em março que comemoro, agora com vocês – crente que me resta mais de um sobrevivente leitor –, três anos de crônicas absurdas para o caderno “Vida & Arte” de **O POVO** e dois de trabalho com políticas do livro e da leitura na Secretaria da Cultura do Estado. Tanto o convite para escrever n’**O POVO** quanto o da Secretaria vieram exclusivamente por conta do que comecei a fazer a partir do *Cadeiras...*, não resta dúvida. Também devo ao despretensioso romancete a maior parte dos amigos que hoje tenho – alguns desafetos também, é verdade, mas insignificantes –, assim como a lida de *escravo branco*, os momentos estranhamente divertidos, as noites em companhia de estrelas que brilham sem vaidade, uma caixa de correio repletas de nomes, um blogue e a biblioteca cujo destino principia-se trágico.

Quando a Regina Ribeiro, editora do caderno de cultura, me convidou para escrever no jornal, orientou:

– Você tem que escrever sobre Fortaleza. Por que não escreve como fez no *Cadeiras na calçada*?

Na época, aceitei o convite. Nunca dizia não. E passei a refletir sobre o que e como escrever. Não queria reescrever o *Cadeiras...*, e sim, fazer alguma coisa diferente, uma linha definida que, em fio, encantasse o caminho dos demais textos que se seguiriam. Preocupava-me, pois tinha apenas dois anos de escriturices e não queria decepcionar a convidante. Mas escrever sobre o quê?

Foi numa quadra invernosa bonita de chuva, mês de fevereiro. Habitualmente ia à rua a fotografar minhas casinhas velhas de paredes

pintadas por limbos, quando sentei no banco da estátua de Rachel de Queiroz, na praça dos Leões. Olhando para a escritora, lembrei que fora cronista no mesmo jornal. Coroou-me a memória da lembrança de sua “Crônica n.º 1”, texto publicado na revista *O Cruzeiro*, em 1945. Nele, Rachel, diante do convite para publicar crônicas, travava uma tímida apresentação ao futuro leitor e tentava conquistá-lo traçando *regrinhas* e expondo os seus anseios, muito embora “há anos sabia ser infalível o resultado da estrela da manhã”.

Corri para casa. Escrevi. Li e reli o meu rascunho diversas vezes até enviá-lo e vê-lo estampar uma manhã de março de 2007:

“Numa dessas manhãs chuvosas em que dá uma vontade doida de sair para o centro da cidade a fotografar prédios antigos, estava num dos locais mais queridos para mim: a praça dos Leões. [...] Sentei num dos seus bancos de madeira, sob as árvores enegrecidas, e pus-me a pensar no tema para a crônica do jornal. Afinal, o que escreveria para você?

Ao meu lado, a dona Rachel de Queiroz, que por ali também curti a fresca na praça, ria-se da minha preocupação que já não lhe era estranha. Ao pescoço, desenhava-lhe apenas um discreto colar de contas. Tinha as pernas cruzadas, os braços de Clotilde levemente pousados sob curtas mangas, as mãos sobrepostas e, com vagar, discorria:

– Divertir um pouco o tédio alheio é tão gratificante... Ah, mas não pense em escrever sobre política... Não fale em política, por favor... azeda tudo! – sorrindo, bateu as pontas dos dedos nos lábios – Cala-te boca, Rachel...”

Comecei assim, com “A moça do zepelim prateado”, minha crônica n.º ¹[90](#).

Recordo, num exercício afetivo, dos e-mails recebidos naquele dia. Inclusive, de telefonemas de amigos da Rachel que juravam de pés juntos não lembrarem de mim, apesar de conhecerem aqueles mais próximos da protagonista. Dizia-lhes: “Não a conheci, nunca ouvi a sua voz, a não ser a

que trazia em seus livros”. Era decepcionante. As pessoas pareciam ter esperanças de encontrar uma nova pista, uma outra nova peça de sua existência e, na verdade, me revelava apenas como mais um “fingidor que finge tão completamente...”

Mas, entre a correspondência, um colega me interrogou:

– Quero saber até quando você vai conseguir sustentar esses “encontros”.

Passados três anos, a resposta ainda me salta desafiadora. Tive o privilégio de dividir crônicas com José de Alencar, Quintino Cunha, Ana Miranda, Audifax Rios, Sâncio de Azevedo, Pedro Salgueiro, Tércia Montenegro, Horácio Dídimo, Socorro Acioli, Augusto Pontes, Milton Dias, Ailton Monte, Raimundo de Menezes, Clóvis Beviláqua, Alcides Pinto, Ciro Colares, Eduardo Campos, Francisco Carvalho, Demócrito Rocha, Nilto Maciel, Lívio Barreto, Ribamar Lopes, Jorge Pieiro, Ramos Cotoco, Juca Fontenelle, Moreira Campos e alguns outros, e vejo ainda tantos nomes a serem lembrados, explorados e revividos.

Pois é, Regina, é esta a forma pela qual eu contarei a minha cidade: pela voz de seus escritores! Dizem-me por aí: não seria melhor falar de Drummond, Clarice, Manuel Bandeira? Respondo: Não, versarei sobre os escritores daqui, os cearenses, mesmo quando condenado à temerosa *localidade*, como me alertam constantemente.

De então, passei a ouvir comentários sobre as crônicas, sabê-las agradando aqui e incomodando ali, fixadas em paredes, publicadas em blogues, distribuídas para amigos, recortadas em álbuns, discutidas em escolas, jogadas na lama, enfim, vivas e livres. Muitos presentes elas me trouxeram, muitos novos amigos me apresentaram, minha vida mudou e ainda muda a cada publicação, por mais incrível que possa parecer, como num zepelim que prateia os sonhos inocentes de uma *Tangerine Girl*.

Escrever é perigoso, hoje eu sei. Uma delícia de perigo.



O Escritor de Aluguel

crônica-reportagem

18 de junho de 2010

1º de junho de 2010 – 8 p.M.

Dá-se a noite. Um projétil disparado adianta-se pela janela desgradilhada de meu apartamento. Corro na esperança de ver ainda, mesmo em fuga, o vândalo. Antes, o guincho de pneus e mais nada. Ninguém. Nem sinal. Calçadas vazias, portões cerrados, tristes iluminantes empalidecem a avenida movimentada de expedições⁹¹.

Volto à mesa e encontro o petrecho sob a cadeira: uma pedra envolvida por uma folha de papel. Mais clichê que isso, só mesmo a *passione* de um autor global. Em diligência, examinei a pedra, uma vagabundinha dessas que nem para fins de peso de papel servem. Desfiz as amassaduras, revelando uma mensagem curta, silabada em recortes de revistas: “PREC i Só FaIAR com vC imediA tAmente! Não FALE nada SOB Re isso com NINGUÉM nEM PENSE em NÃO DAR as CARAS!”

Logo mais um endereço, um horário, uma ameaça recidiva: “NEM PENSE!”

Engano? Brincadeira? Trote? Armadilha? Poderia ser tudo ou um pouco de qualquer coisa. Poderia ser somente nada, mas fiquei curioso, coisa normal: “Droga, fosse e-mail, eu deletava!”

Provavelmente o arremessante previa isso, o que me intrigava mais ainda. O dia veio e eu não dormi.

2 de junho de 2010 – 10 a.M.

No trabalho, me desatentava. Meus olhos, de quando em quando, se fixavam no papel amarrotado em cima da mesa. Não conseguia parar de pensar no que fazer e no que poderia haver por trás daquilo.

Procurei, na textura do papel, nas letras cuidadosamente recortadas à tesoura, nos traços à régua em lápis HB ou na cola branca que as fixava,

coser um raciocínio que pusesse qualquer luz sobre o caso, mas vingava o perseverante nada! Sentia-me perdido e, tão nessa perdição, mergulhei na obviedade do escuro e decidi: eu vou!

2 de junho de 2010 – 3 p.M.

Nem precisava, mas ainda recebi um e-mail do tal estranho, cujo endereço fora criado com a função de conservar seu anonimato: mensagemdepedra@gmail.com.

Pedia para que eu tivesse à mão um exemplar de *Memórias do espantalho*, do Francisco Carvalho, de maneira que pudesse reconhecer-me. Daí, pude ter a certeza de não se tratar de brincadeira de amigos. O sujeito nem me conhecia! Por outro lado, tinha meu endereço eletrônico. Como pode?

2 de junho de 2010 – 9 p.M.

A caminho do encontro marcado, ouvia as dolentes *Bachianas* nº. 5⁹². Confesso: tive medo.

O encontro se daria na Ponte dos Ingleses. Por que na Ponte? Por que o Carvalho? Por que eu?

A Ponte estava, como sempre, às escuras melancolias. Apenas o mar, a não balançá-la, ainda lhe cuspiu, no encontro das vagas, o sal do pedregal da Iracema ex-boêmia. Sentado, ao frio ventanejar, lembrei as vesperais de sábado na mocidade, auscultadas as poesias, músicas e sonhos reduzidos ao pó das areias cobertas por duros mosaicos. Por instantes, olhei para trás, como há muito me proíbo, e a vi, cabeça deitada em meu colo, cabelos a tingir o velho jeans que apertava, olhos fechados para este mundo – mesmo mundo condenado e aprisionante – a cantar que se ia embora, que amor não chorasse, que se voltasse era para ficar. Voltou nunca. *Nunca* é uma das palavras mais desesperadoras do dicionário.

De repente, aconteceu! e ele chegou-me pela voz doutro: “Um dia as reminiscências do morto/ recomeçarão a longa travessia pelas salas desertas/ onde a memória sangra”.

Olhei-o espantado. Tinha cerca de 28 anos – não mais –, pele clara e cabelos volumosos. Trazia no rosto óculos coloridos em aros de plástico. Não se apresentou, apenas afirmou, enquanto sentava – desconfiado – ao meu lado e por detrás de um poste:

– O Carvalho é o melhor. Dos poetas, sem dúvida.

Fui direto ao ponto: o quê, quando, como, onde e por quê?

O rapaz não me olhava nos olhos e falava, embora firme, quase a murmurar. Perguntou se eu era escritor de aluguel. “Escritor de aluguel, o que é isso?” Ele riu, provavelmente por achar que se tratava de falsa inocência. Olhou-me e brincou: “*Ghost-writer*, Gasparzinho.”

Neguei ser *ghost-writer*, escritor de aluguel ou qualquer coisa do tipo e perguntei o porquê da dúvida. Ele, então, contou que havia lido, apenas por gostar de futebol, as duas crônicas que escrevi sobre a Copa, e estranhou: “escrever duas vezes sobre o mesmo tema é coisa de escritor de aluguel.”

E se fosse, por que o interesse?

Revelou ser *também* escritor de aluguel, *frila*, negócio rentável, não pagava impostos, trabalhava em casa, fazia seu horário, era o seu próprio patrão. Com a *efervescência* cultural dos dias atuais, não dava mais conta sozinho, pensou em terceirizar para satisfazer a demanda e não perder vasta clientela. Precisava de *colaboradores*, sabedores do ofício, além do quê, cansara de deletar de sua caixa de e-mails os meus convites eletrônicos para eventos literários. Aliás, como o havia conseguido? “Ah, meu amigo, eu também tinha os meus segredos.” Cá para nós: sequer desconfiava!

Pôs-se, então, em digressões surpreendentes: Não entendia o interesse de tais escritores em divulgar literatura. Seria bem mais lucrativo escrever autoajuda, guias de sobrevivência e de turismo, livros para adolescentes. “Ô, povim burro!”

Interrompendo, disse-lhe nunca tê-lo encontrado no meio literário, em canto nenhum, ao que me respondeu: “Nunca vou a lançamentos de livros. Primeiro, por ser muito chato, e, segundo, para não constranger os clientes. Que diabo de *fantasma* eu seria? Ademais, não via a menor graça em literatura cearense. Parece que não entendem que existe uma grande diferença entre ser escritor e ser alfabetizado.”

Curioso, perguntei se havia mesmo tanta procura assim. Não acreditava nisso, juro!

Perguntou se eu conhecia o livro [...]. Sim, o conhecia. É do [...]. Foi muito comentado nos jornais, teve grande lançamento e ganhou resenhas em grande revista, na época. Riu-se: “Você conhece algum livro dele antes desse? E depois, o autor lançou mais algum? Não? Pois bem: é meu cliente!”

Tinha também, segundo ele, outro cliente que ficara deprimido após contratá-lo em duas ocasiões, mas que, editando e imprimindo seus livros em gráfica para reduzir custos e não contratando editora especializada não alcançou boa vendagem. Reclamava que, mesmo indo, por um bom tempo, a todos os lançamentos da *Oboe*⁹³ – a figura sempre aparecia com um paletó risca de giz azul marinho e na gravata cor vinho trazia um broche com uma pedra vermelha em forma de flor –, nunca tivera o seu trabalho reconhecido pelo público. Tentou aconselhá-lo a procurar uma editora, buscar alternativas comerciais e coisa e tal, mas a assessoria administrativo-financeira, como nesse caso, tornava o seu serviço mais caro.

Continuou revelando que outros mais, a princípio, contrafeitos, o procuravam pedindo *revisão* ou *estabelecimento de texto*. Na verdade, subentendia-se “reescreva essa porcaria e faça parecer literatura decente!” Alguns, continuava, ligavam a pedir sugestões, argumentos, ideias ou soluções para o desenvolvimento de romances – a maioria de seus clientes é romancista ou cineasta. Rindo, confessou que bastava dar uma olhadela nos jornais locais e encontraria a desejada ideia por lá: à caneta do jornalista

mal remunerado e não reconhecido, a trama passionnal de um romance de sucesso! Começo, meio e fim. “Esses escritores não leem – ou melhor, apenas SE leem – e dá nisso. Temos que assessorá-los para garantir que, no futuro, os doutos das letras possam ter matéria para produzir seus ensaios.”

Melhor: após a tal *revisão* o pretenso autor – o cliente, no caso – se surpreendia, e na cegueira da sua vaidade acusava: “E não é que ficou muito bem escrito? Pensando bem, essa é uma obra-prima. *Estou* melhorando a cada dia!”

O rapazinho nem ligava: se lhe pagassem, e pagam muito bem – menos pelo serviço; mais pela descrição –, estava tudo certo e bem. O *autor de fachada* prefere até não colocá-lo nos créditos, pois sentiria uma insegurançazinha. Com a rotina comercial, percebera que a grande diferença entre o *ghost-writer* e o *live-writer* é apenas a vaidade. “O escritor, o que não escreve, mas o que simula, é um boneco nas garras da editora gananciosa.”

Não entendia também por que algumas pessoas com carreiras tão bem sucedidas em áreas, para ele mais respeitadas da sociedade, insistiam em se apresentar ao público como escritores, se isso é o que eles, de fato, não eram. “Afinal, parceiro, que graça tem em ser escritor? Auahauuahaua” – pausa para a sinistra risada do jovem fantasma – “Ao escritor, coitado, vítima de suas próprias ficções, só os louros, verdura que murcha depressa.”

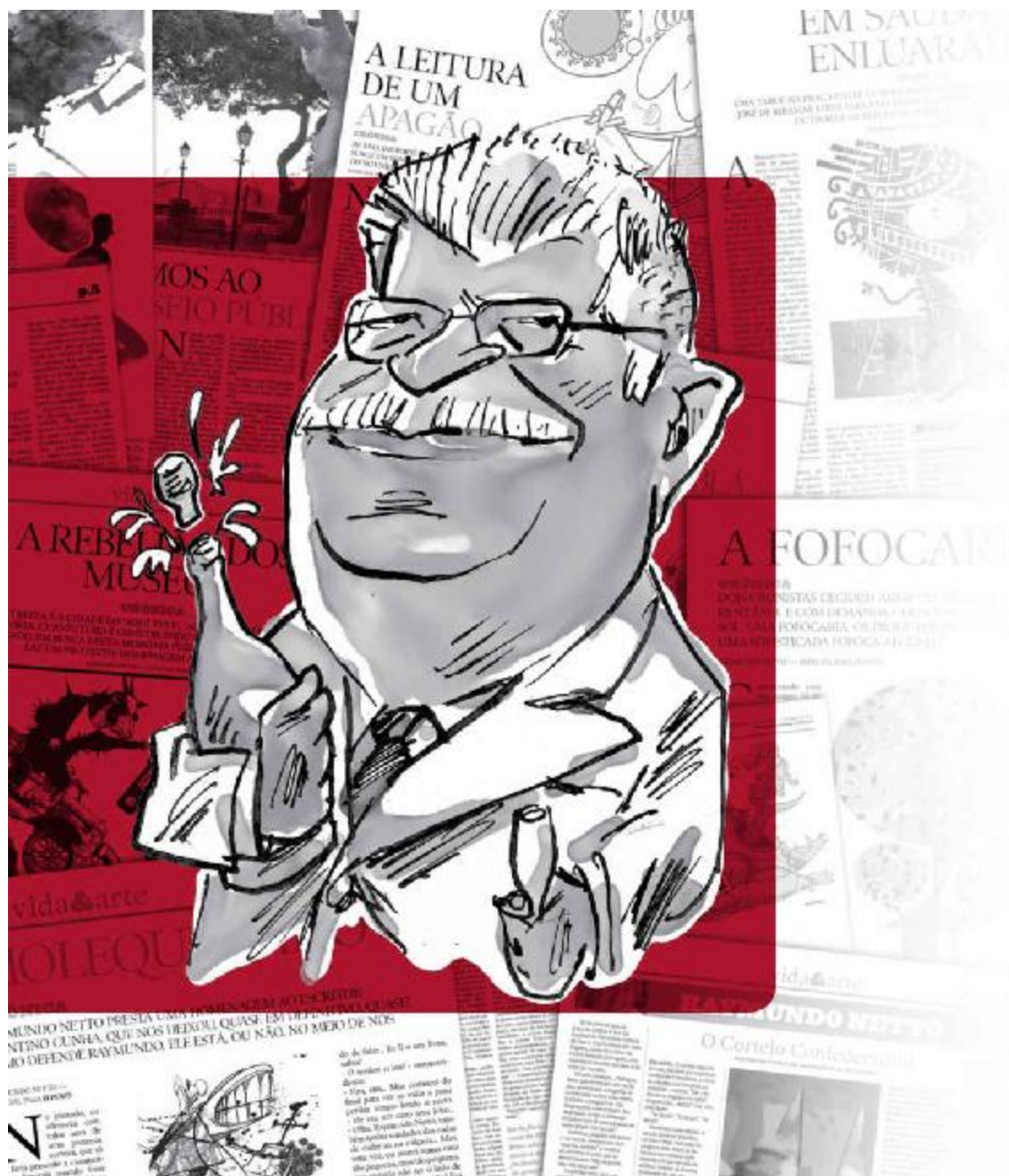
3 de junho de 2010 – 10 a.M.

Na noite anterior nos despedimos, com alguma aflição, sem promessas de reencontro. O rapaz, cujo nome não me foi revelado, deixou um cartão com um *ex-libris* medieval impresso e o número de sua caixa postal, e só! No verso do cartão, porém, um endereço datilografado – estranho – de outro pretenso cliente anônimo. Movido novamente pela curiosidade – tenho que acabar com isso –, dirigi-me ao local e fiquei de tocaia, quase envergonhado, por trás de uma castanholeira na calçada. Do portão, pude vê-lo (a) surgir e passar coçando o queixo nervoso, como de costume, e não

acreditei que justo ele (a) também seria mais uma vítima daquele *fantasma* zombeteiro, habitante sombrio dos porões trevosos do submundo da literatura!

O rei continua nu e mandei colocar cortinas na janela.

“Por instantes, olhei para trás, como há muito me proíbo, e a vi, cabeça deitada em meu colo, cabelos a tingir o velho jeans que apertava, olhos fechados para este mundo – mesmo mundo condenado e aprisionante – a cantar que se ia embora, que amor não chorasse, que se voltasse era para ficar. Voltou nunca. Nunca é uma das palavras mais desesperadoras do dicionário.”



Majornada Cearense

27 de agosto de 2010

Finalmente! Estava já incomodado com a equívoca ideia que imprimi ao Lustosa da Costa de que não lhe aceitava a companhia para almoço, repetidas foram as recusas involuntárias justificadas sempre à imprevisível agenda de escravo branco.

Marcamos o encontro no Centro, é claro, e fiel aos bons costumes, pensava em almoçarmos no *L'Escale*, restaurante de vista patrimonial, um dos poucos em que se pode sentir nos pés os luminosos estalos de soalhos tabuados. Entretanto, ao transpor a lateral do corredor da sacristia da igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, gritos desesperados nos tomaram reparo:

– Tirem-me daqui, vamos! Quero sair... Exijo! Sou comandante do Batalhão dos Nobres! Abram! Abraaaaam!!!

Entreolhamo-nos e, curioso, Lustosa entrou com vagar na igreja, dando de cara com o Paulinho, agente pastoral, que girava de maneiras de pião a coçar a cabeça confusa.

– Que é que está acontecendo aqui, homem? – perguntou o Lustosa.

– É o major... Ai, meu Deus... Amanheceu hoje com a macaca! Aai, meu Deuuuus!

Sim, gentis leitores, para quem não sabe, o major Facundo, ex-vice-presidente da Província – ser vice já não é fácil, imagine um ex-vice –, aquele mesmo que emprestou seu nome à antiga rua da Palma, a que embeíça a praça do Ferreira, encontra-se sepultado ali, em pé, numa parede fria da igreja, de vistas ao Palácio da Luz, antiga sede do governo do qual era servidor. Dos 168 anos em que lá habita, até o presente, comportou-se disciplinarmente, sem incomodar os que pela nave arrastam joelhos em troca da serena paz de flores de lis, paz esta que, ao que parece, o major não compartilha.

Por detrás de um bloco adornado artesanalmente em mármore e pedra sabão de Lisboa, encontra-se o corpo, velado pelo texto em letras de tipos variados, quase como a enredar um enigma:

“AQUI JAZEM/ *OS RESTOS MORTAES*/ DO MAJOR/ JOÃO FACUNDO/
DE CASTRO MENEZES/ VICE PRESIDENTE DA PROVÍNCIA/
ASSASSINADO/ A 8 DE DEZEMBRO DE 1841/ SENDO PRESIDENTE/
JOSÉ JOAQUIM COELHO./ NASCEO AOS 12 DE JULHO/ DE 1787.
TRIBUTO D’ AMISADE/ *DA SUA INFELIZ ESPOSA*/ D. FLORENCIA
D’ AND[R]ADE/ BEZERRA E CASTRO/ A 8 DE DEZEMBRO DE
1842.”

Ao passar levemente a mão no friso dourado que contorna a lápide, não sei como, mas devo ter acionado alguma trava secreta: uma porta rangedora se abriu e, com ela, uma mal cheirosa e encofrada poeira do tempo escapou. O Paulinho, com as mãos à cabeça raspada, correu atrás de um rodo: “O chão, o chão!!! Ai, meu Deeeuuuss... O majoor!!!”

Assistimos então ao trôpego militar que saía, coitado, com um chapelão emplumado bamboleando sobre uma têmpora — a outra foi perdida no *acto delitoso que o victimou* —, o quase não-pescoço posto em forro por babados amarelados pousados à larga lapela azul, a sacudir a areia fininha que escorria pelas dragonas. Ainda assim, bateu continência ao Lustosa, conjecturando, em solene ato, estar de cara com um general. Não rogado, o Lustosa que o observava atento, colocou as mãos pacientes às costas:

– Descanse, meu filho, descanse. Mas me conte: o que te deu para depois de tanto tempo estar assim tão alterado?

– Desculpe-me, senhor, impacientei-me. Não sou homem de ficar parado. Gosto de trabalhar e tempos há que espero, ansioso, a pátria convocação.

– Mas você morreu, cristão. Que diabos ainda quer por aqui, criatura?

O pobre oficial qual sabia o que queria; vertia areia por todo poro, desculpava-se amiúde e, por um momento, ateu-se apenas a desembaraçar

os braços à luz, para fora da janela, sorrindo, ao senti-la desbridar-lhe o mofo. Vez ou outra o pobre major engolia seus pensamentos – ou meio pensamentos – e ficava tanto que abestado. Não proferia duas palavras não fosse uma “casa”. Ora, o cadáver, numa crise pós-existencial alegórica platônica, não perdera seu costume provinciano e decidira rever sua casa. Tivemos que levá-lo, cruzando a praça dos Leões que, já acostumada a todo o tipo de arrumação, nem ligava para a figura espantalhesca do major. É claro, eu sabia que a nossa Fortaleza – que tem a tradição de não ter tradição – não se trairia, e por certo haveria de ter posto abaixo a casa do coitado. Deveras, passamos algum tempo ali, na rua Major Facundo com a São Paulo, à esquina, onde a tintura da memória lhe desenhava uma imagem querida. Acocorado à calçada – era de dar dó –, o major desfiava a fatídica noite: estava ele e a esposa Florência concluindo o jantar, às 20 horas, quando deram por recostar-se a uma das sacadas que dava para a rua da Palma. Era noite sem luar, negrume à rua. A mulher inda conseguira perceber na esquina da frente, no meio de entulhos, um estranho cintilar. Quase conseguia alertar o marido quando o disparo se deu. Por um pouco, os estilhaços da carga do bacamarte não deram fim também à Florência. Tragédia. Antes, sofrera outras emboscadas, na rua da Ponte e na praça da Carolina, mas escapara. Por um és-não-és, escapara. Lamentava o som daquele tiro que não lhe deixava mais o ouvido. Chorou, por único olho, uma gosma amarelada, ralinha, granulada de areia.

O Lustosa acompanhava o relato com poucas falas. Entretanto, como repórter que é, não resistia a interrogar o major que, das vezes, o respondia:

– Ô, Joãozinho, é verdade que seu partido colocou arsênico na água dos deputados?

– Era apenas tártaro emético, general – exclamou de pronto, ainda crendo general o colunista. – Ideia do dr. José Lourenço. Eu que nem sabia disto. Fechou a Assembleia. Foi um Deus nos acuda. Mas mudando de assunto, e os meus assassinos? foram presos? condenados? morri em vão?

Expliquei ao pálido aracatiense que seus executores, o negro Abraão e o caboclo Chagas, foram condenados, sim, e à prisão perpétua. Escaparam da forca por um pouquinho assim... Mas ainda hoje a sua morte é um mistério. A mandante do crime, acreditam os historiadores, foi a mulher do presidente da província. Esta, para não fugirmos da tradição, saiu impune.

– A baronesa? O presidente? Mas... ora, por essa, não esperava.

– Sim, e uns tais José Agostinho e Joaquim Jacarandá – complementei.

– Agostinho é coronel do Icó, um *carcará*... Jacarandá, este é um sem importância, um alferes do palácio. Que vil traição!

– Não estranhe não, major – interveio o Lustosa –, vejo urso de gola para entender essa tal de política. Pense numa máquina de fazer doido! Você é um herói. Eu mesmo é que não sirvo nem para comandar barraquinha de pamonha, e vossa mercê um vice-governador...

– E o senhor meu rei? Qu' é dele?

– Rei hoje em dia é artigo de luxo de bloco de carnaval, João. Acorda, homem! O nosso presidente é um operário⁹⁴ que posa ao lado da rainha inglesa e é aclamado pelo presidente dos Estados Unidos como o político mais popular da Terra. Nem fala tantas línguas quanto porteiro de hotel europeu, nem é sociólogo. Apenas um brasileiro, formado pela universidade da vida.

– República? Presidente? Um peão?

– Ora se... Os tucanos, aqueles que se opõem ao operário, não querem reconhecer os avanços e conquistas das classes menos favorecidas nos últimos sete anos de uma política econômico-financeira exitosa. Também não admitem discutir as delícias e vantagens do governo FHC, aquele em que o Brasil faliu duas vezes, teve de vender, a preço de banana, ativos preciosos e ainda agigantou dívida interna pequena deixada por Itamar Franco.

– Tucanos? FHC?

– Sim, e o Degas aqui é bem capaz de deixar seu jamegão no que digo. E, olhe, major, digo mais, sempre aconselho a amigos de meu tope, a aposentados como eu e você, que é muito melhor, na atual fase da vida, ou da morte, no seu caso, adquirir um computador do que arranjar uma rapariga. Porque uma mulher adicional, a esta altura dos acontecimentos, por razões óbvias, só vai lhe causar decepções. Eu conheço um restaurante, se permite um comercial modesto, o *Barrigudo*, lá na estrada de Massapê, em Sobral, que tem uma ova de curimatã... Depois podemos tomar um *champã*, percebo-lhe um pouco seco, e conhecer a minha biblioteca⁹⁵, o que acha? E sabe o que mais, se eu não fosse jornalista, Joãozim, eu seria que nem tu: defunto!

E assim, nosso esperançado almoço, mais uma vez, foi para as cucuias. O major se largou em coreias com o filho do seu Costa e da dona Dolores, que decidiu, por fina força, atualizar o ressuscitado. E certo de que *você não pode tirar da cabeça o que não botou dentro dela*,⁹⁶ me despeço, ainda com fome: até uma próxima!

Major João Facundo de Castro Menezes (1787-1841), vice-presidente da província do Ceará, assassinado por questões políticas, em sua própria residência, a mando da esposa do então presidente, seu superior imediato. Em 1879, a Câmara Municipal decidiu homenagear o major, conferindo seu nome à rua em que morava: a antiga Palma.

Lustosa da Costa (1938-2012), nasceu em Cajazeiras, Paraíba. Veio ainda menino a Sobral, onde, com apenas 9 anos, já assinava o seu pequeno “Diário” de repórter político e, em 1954, ingressou no *Correio da semana*. Em Fortaleza escreveu para *Unitário*, *Correio do Ceará* e colaborou no *Anuário do Ceará*, do amigo Dorian Sampaio. Em 1974, passou a morar em Brasília e escreveu para *O Estado de S. Paulo* e *Correio brasileiro*. Trabalhou na TV Ceará, na Ceará Rádio Clube, n’ **O POVO** e *Diário do Nordeste*. Publicou diversos livros, muitos sobre Sobral, e costumava dizer que *as pessoas só batiam palmas à gente morta*. Em três de outubro de 2012, nos despedimos de Lustosa da Costa, poucos dias após o lançamento da segunda edição de *Sobral do meu Tempo*¹. Seu corpo foi cremado e suas cinzas habitam o rio Acaraú, ao lado da biblioteca que recebeu, de empréstimo, ainda em vida, o seu nome. Era esposo de Verônica e pai

de Francisco José, Sara, Raquel e Carlos. Algumas de suas falas são transcrições ou adaptações de textos das famosas e visitadas colunas do Lustosão.

-
- ¹ N. do A.: Lustosa me convidou para editar alguns de seus livros, os últimos, como a segunda edição de *Sobral do Meu Tempo* (2012) – que me revelou, num almoço no restaurante do Ideal Clube, preferência do jornalista, “ser um sonho” – e *Sem Peúgas nem Borzeguins: crônicas para o entardecer* (2011).



SopÓpera

crônica poemarcelo bittencourt

5 de novembro de 2010

Nasce o poeta à luz de um dia, extraído de gomos de nuvens, forjado em flandres, coração cerzido por cantos de anjos. Vem ao mundo na cangalha de vento, ao caminhar lento de quem nada espera do desperdício das horas que se arrastam pela vida afora num sopro fresco a tremular a cortina fina da janela, a revelar a parede caiada, branca fumaça, tal qual folha sem graça de papel sem rastros de versos.

Ainda menino, sente-lhe cair ao colo a étima poesia. Descontem-se os sentimentos que afloram e afaunam a sua apatia. Como fora luz a mostrar palmo de língua a si mesma, *insaita*: a poesia não está na palavra, pois que esta é larva; a poesia é não mais que sim, é você antes de mim, é mais antipoesia que poesia e se respira no quintal, na grama verde, no sorriso da criança que comove e se rende à esperança, e, finalmente, a poesia não é a cara do poeta, mas do mundo, e o mundo uma sombra que vaga no fundo de seu olhar.

O néscio, cuja fronte suada é cingida pelos louros do ideal, opta pela vereda anárquica original, musa da loucura melódica a flutuar na monocórdica mansidão do mundo ao som profundo dos estertores de seu peito magro e punho. Mal sabe ter elegido, como destino de vida, um rele rascunho.

Ordena-se, então, com pompas de herói marginal, por meio do sonho, o poeta sem igual e, desdentão, se põe a dançar com os demônios, a rir-se e a se rir, à socapa, com eles, a lhes vender por nada a alma, a deitar em sua lama, em sua cama, a coçar-lhes as feridas às costas, a lhes provar o fel da amargura e dissabor, a transformar todo o infortúnio deste orbe em amor.

Carrega assim, vida sem fim, na aflição da alma lunar, todas as madrugadas, por travesseiros as calçadas e a própria febre como cobertor.

Colhe no ar cada palavra e a semeia com a dura doçura de esteta e palavrador, aquarelas palavras que espinham a garganta, que lhe cortam os dedos e que alfinetam o pensamento ensimesmado. O fio de ideias que lhe escapam o novelo, a embaraçar os cabelos, a enrugar-lhe a testa que, em festa, comemora seu verso engrolado.

O poeta não o sabe – há quem (lhe) diga –, mas carrega entranhado em si a dor de todos, e a ela suporta com olhos lacrimosos no decotar do peito arfante da mulher da rua, no meio-fio frio nas noites de luar, na urina que lhe escapa ainda quente à parede do bar, na volúpia da anca pública, na morte anunciada em seu olhar. E descreve sua poesia com letras da fome, sabendo que as fomes maiores vêm da agonia dos que nada tem, pois que se lhes é arrancado todos os dias pelos insaciáveis tubarões do Congresso que as mantêm.

Dói... Ah, como lhe dói a marcha vida. A ele, e somente a ele, o mundo impõe o exílio, e este, sem auxílio, pode estar aqui em meio a todos, no escárnio, no deboche de quem lhe diz: “Doido! Maluco! Abestado!”

O poeta, sim, sem enfado, sabe, mas não acredita que sabe tudo, pois tudo às suas vistas é imensidão, é indecifrável, é beleza. Ao contrário dos homens doutos que em sua vileza dizem saber tudo, pois conseguem ir e vir da esquina; e têm dinheiro para comprar a esquina, ou aquela que encosta-se a seu poste ou na feira, mas que não veem que nunca a possuirão inteira.

O poeta, deitado em seu quarto, coxas à barriga, morre todos os dias e sonha para esquecer a vida. Veem-no e o dizem preguiçoso, dorminhoco, um pastor com sobrosso de um louco, em querelas de mesa de bar: “Poetas, vagabundos a vaguear!”

Cinzas ilusões, cinzéis de emoções, antes da garganta sufocar e seu corpo, em balanço, pendular, molha para trás os cabelos. A barba negligente, pela última vez, coça. Lê mais um verso do “maldito” e adoça o último orvalhar de sua face a si estranha.

Ao poeta desconhecido, a sepultura forrada com borboletas, a sarjeta pessoal, a mesa posta em mistérios de um universo estrelado de lantejoulas, entre folhas de papel crepom luzidias e amargas balas de celofane. Quando suas palavras quedam entre as fagulhas do seu poema, diluem-se, estalam-se e viram vidro, caneta, papel e incompreensão.

Da taça que bebes, ó poeta, entornas do seu verso, em semente, a solidão.

Gentil Marcelo de Barros Bittencourt Filho, o **Marcelo Bittencourt**, era poeta e boêmio, um dos editores e colaboradores da revista *Pindaíba*. Como geralmente acontece, era um cara alegre, mas de espírito atormentado. Era alucinado pelo “maldito” José Alcides Pinto, assunto que era comum em todas as vezes, e poucas, que sentamos à mesma mesa no bar do Assis, na Gentilândia. Suicidou-se numa quarta-feira, dia 6 de outubro de 2010, deixando o Benfica, seu bairro-lar, numa noite escura sem estrelas. Ao Marcelo, meu minuto de silêncio de sonora e gritante poesia.



Velho Ano Novo

29 de dezembro de 2010

Para Zuila Nóbrega

Bate-me à porta o de 2011. O *Velho*, o de 2010, pula-me a janela, feito um amante em cinzas, sem despedidas. O *Novo* chega envolto em fraldas enrugadas de promessas de esperanças, o anúncio de vida bafejante aos olhos nunca tristes, sempre azuis, a trazer, como de costume, as mãos vazias. Já amadureci o suficiente para saber: ele nada traz que nós já não tenhamos.

Pois sim, vem ele, todo em *Menino*, e abanca-se no sofá. Olha-me terno, como a saber de tudo de mim. Sorri balançando as perninhas ligeiras e pergunta sobre o *Velho*, o que foi dele. Poderia dizer muito, entre confissões cansadas de se repetir por demãos de cal de incompreensão e certa autopiedade, mas pouco de nada lhe disse, porque a palavra falada seca a língua, trava à garganta, finca-se entre os dentes, dói ao peito resfolegante. O pensamento, coitado, mais confuso do que provador feminino em véspera de Natal, despeja as suas verdades:

– Tenho os melhores amigos do mundo, a melhor família – embora me sinta irremediavelmente só – e o módico castigo de tentar escrever escrevendo.

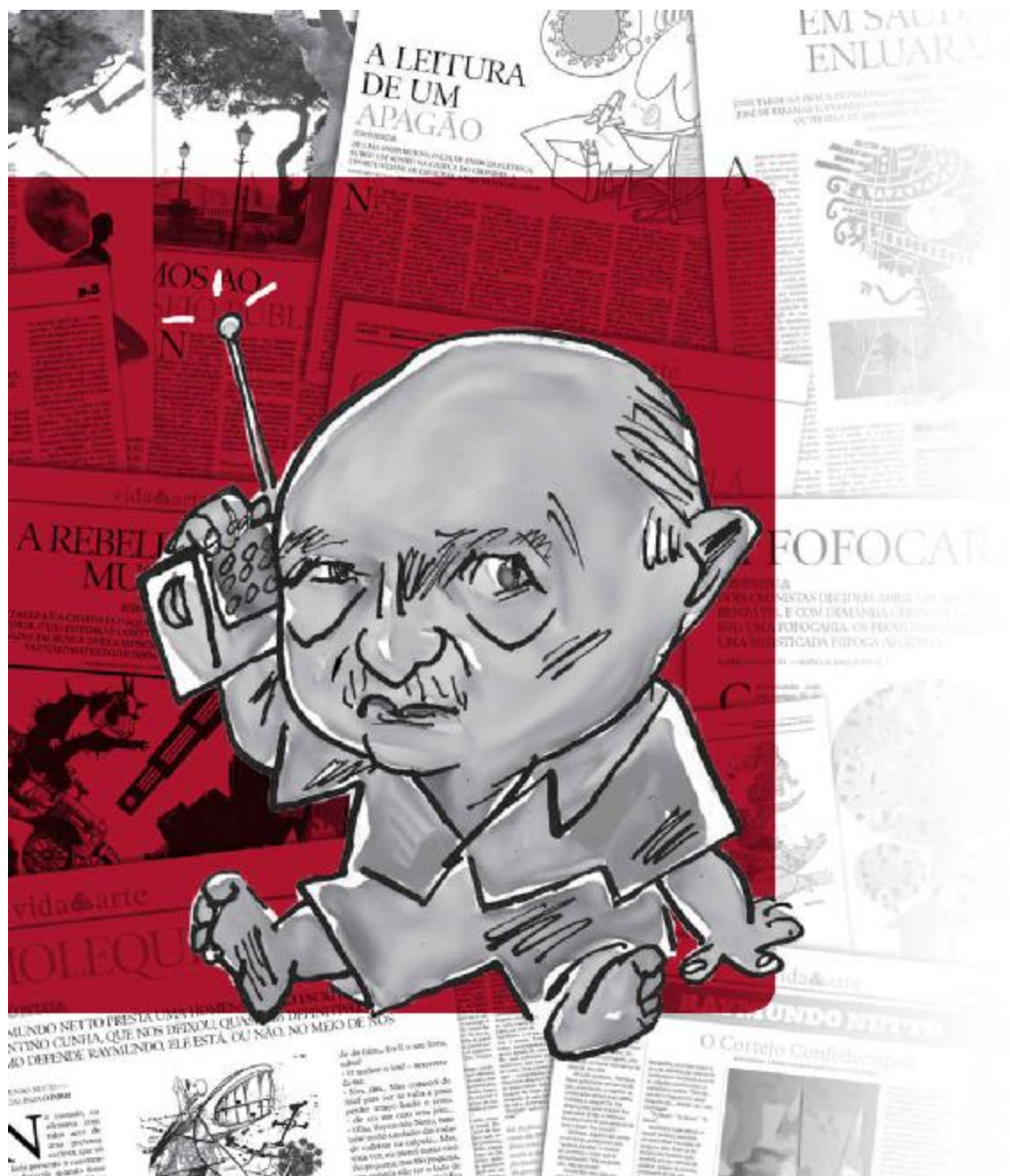
Entre palavras, a correria insensata, sempre de trabalho – mais do que mereço –, mais dos outros e pouco de mim. Mesmo assim, passei a limpo as minhas faltas, ausências, cansaços e promessas não cumpridas que puseram por terra a estima de alguns menos compreensivos. Tinha que lembrar e lhes pedir desculpas. Antes, lembrar de! Por assim dizer, lembreime de um telefonema ao escritor Moacir C. Lopes⁹⁷. Quem atendeu me disse que ele estava doente e, mesmo assim, fez questão de me falar. Na voz fraquinha e humilde, havia lido meu e-mail de solicitação de texto e “não poderia deixar de me responder”. Chamou-me de amigo, e afirmou: “tão logo melhorasse um pouquinho, tivesse a certeza, o faria com a maior alegria”. Não pôde. A

tal impiedosa lhe tomou conta de vez. Faleceu uma semana depois⁹⁸. Foi-se com o *Velho*. Não teve tempo. Lembrar de! Na semana passada, durante uma das 100 confraternizações em que fui convidado – cheguei atrasado ou faltei –, uma senhora, a dona Zuila⁹⁹, no ecoar de seus 92 anos, olhou-me nos olhos e vozeou: “A vida é breve demais... É maravilhosa, mas o que fica é sempre muito, muito pouco.” Tempo, sempre o. O *Novo* e o *Velho* brincando de revezamento, como a *pular carniça*, sem dós de seu ninguém, imagine se de mim.

Às palavras da dona Zuila, deu-se a melódia: a incompletude de vida baixou-me em cortina. A lua, toda céu, insinuava ondas no mar. Desfiando a história de *M.*, que começou na cachoeira do Riacho do Sangue, rompeu-me o coração alfinetado de saudades – não há uma única lembrança que não me doa –, o desejo de saltar no escuro, a esfolhar uma a uma das mealhas de meus dias, desfazer-me dos trilhos seguros, largar por aí o entulho às costas, desmanchar os escritos, continuar a apaixonar-me, como desde garoto, pela desconhecida que me passa na rua, mesmo quando ela nunca o fora nem jamais o será por mim. Amar, um dia – ou dois –, ganhar o mundo, perder a vida, sumir! Ora, como me lembra a princesa Isadora, das Claráguas del Noroña¹⁰⁰, na voz de Manoel de Barros: “Tenho em mim esse atraso de nascença.”

Daí que o imprevisto dessa crônica berce sem atrasos ou pudores e seja absolutamente branco, como se não existisse, nem fosse legível, como não se pudesse guardar. Que se queime, que se rasgue, que seja esquecida, que carregue do cimo distante a paz mais incômoda. Que chegue como sorriso tatuado na testa, a desconstruir espíritos, a apagar velas, a torcer orelhas, a beber-lhes da carne. Assim, verei aquele *Menino-Velho* se ir, veloz, mas marcando em definitivo a única coisa que nos pertence realmente nesta vida: o mais que imperfeito e impaciente AGORA!

P.S: vez ou outra me lembro do mundo grande.



Fortalezantiga

24 de outubro de 2011

A João Ramos

Era uma segunda-feira¹⁰¹, dia de almas e de sapateiro. Sentava num dos bancos da praça do Ferreira, o que fica em frente ao cine São Luiz, e, lançando pipocas aos pombos, nem acreditava: o governo estadual acabara de comprar da família de Luiz Severiano Ribeiro o prédio do cinema, atualmente o mais antigo inda em pé na cidade e, sem dúvida, um dos mais bonitos do país. Até trasanteontem, ameaçavam vesti-lo de manto neopentecostal ou de plantar na sua boca de cena a tribuna da comédia dos edis, dois pecados mortais. Hoje, finalmente, a esperança tocava os carrilhões deste coração malamado.

Foi quando vi surgir ali, dobrando a frustrada rua do Ouvidor cabeça-chata¹⁰², um garoto, o Narcelinho da avenida do Imperador. Estranho: vinha de bermuda e chinelinha, mas vestia um paletó de alpaca. Debaixo do braço esquerdo trazia um volume do *Tesouros da juventude*, um *Almanaque Bristol* e um exemplar da raríssima *Scena muda*, revista de cinema. Na mão direita, um radinho de pilha enamorava o ouvido. Olhou para as janelas do sobrado do *Majestic* – como se estranhasse os cúmplices lençóis alarmando amores clandestinos – e sentou-se ao meu lado, num formal boa tarde, se pondo a admirar com certo elã, a João Ramos¹⁰³, seu relóginho *Polono*, de corda, que, segundo ele, “tinha até ponteiro dos segundos”.

Não queria crer, e assim mesmo perguntei: “Narcelinho, não me diga que você veio para assistir a algum filme neste cinema?” Não deu outra. Era sim! Não tinha pressa, esperaria abrir a bilheteria: “Havia alugado até o paletó no *Cabana*, não havia? Ademais, não sou nem a Fátima Miris¹⁰⁴ para ficar de troca-troca de roupas.”

Disse também que vinha da aula de datilografia do seu Quincas, que era parede e meia com sua casa, e não tinha mesmo o que fazer. Sua irmã, a Reine¹⁰⁵, havia lhe pedido para acompanhá-la até o Patronato Nossa

Senhora Auxiliadora, pois como não tardava o dezembro, haviam começado os ensaios e preparativos para o famoso pastoril das irmãs Breves, e ela interpretava um dos papéis. “Na saída, ainda cheguei a tirar onda com o jumentinho do seu Antônio verdureiro, responsável por levar no lombo o sagrado bonequinho Jesus.”

– E cadê os seus amigos? Não tem amigos?

– Eu? Tenho ibope, sou muito popular. Aliás, tenho tantos amigos que nem conheço todos!

Entretanto, me confessou que, naquela tarde, não jogaria futebol na calçada do seu Inácio Parente, coisa que fazia para ganhar *pastel de pombo*, pois, no dia anterior, numa dessas tragédias infantis, fez um gol contra e seu time ficou bravo com ele: “Deem-me licença, amigos, que eu não tenho nada a ver com o peixe. Vou dar no pira porque vai virar o pangaio!” Contou que o time inteiro correu atrás dele, tendo que pedir socorro na barra da saia de dona Ledinha, sua mãe.

Daí, restava-lhe o cinema. Era louco por cinema, “sabia não?” Costumava sempre ir à famosa *sessão das quatro* do cine Diogo, mas agora o prédio abrigava um *shopping* – nem mais os estúdios da PRE-9. Não gostava de assistir aos filmes do cine Familiar por que o frei Teodoro, na hora daquele beijo de desentupir pia, colocava a mão na frente da lente de projeção, recebendo merecidas vaias da plateia curiosa. Seu cinema predileto, disso eu não sabia, era o cine Centro, da Tristão Gonçalves com a Duque de Caxias. “Tem dias que a fila dobra a esquina!” Num desses, lembrou, “os brotos se encantaram com o Tyrone Power, galã de *Sangue e areia*, personagem antes interpretado por Rodolfo Valentino, não dando bolas para mais nenhum de nós!” Embora chateado, compreendia, afinal de contas, também ele se enamorava com a Adelaide Chiozzo. Inclusive, já tinha comprado – escondido, é claro – um retrato dela na *Aba-Film*, ali mesmo no *Quartirão do Sucesso*. Segredou-me: “Por aqui temos muitas falsas magras, moças que só são bonitas vistas das janelas!”

Nisso, a fome lhe apertou o estômago e me sugeriu irmos ao restaurante Popular, do seu Ribeiro. Estava lotado. Narcelinho urgiu: “Você não gosta de salsichas? Vamos comprar umas ali na padaria Triunfo?”

Daí, contornamos a Barão do Rio Branco, onde, ao cruzar com o inspetor Apolinário, o garoto apressou o passo, sendo seguido de perto pelo olhar sisudo e desconfiado daquela figura de quepe vermelho, na guarda de uma pilha de tamancos.

Voltando à praça do Ferreira, ouvia-se o vozerio para os lados do Mundico: “Sai um copo de pega-pinto frapê e um sanduíche de filé!”

E, no caminho, novamente com o radinho ao ouvido e já de olho na sorveteria Odeon, pediu para sentarmos na esquina da Guilherme Rocha com a Major Facundo, a *esquina do pecado*, local onde o vento encanado levantava as saias das normalistas. Passava por ali, naquele momento, uma mocinha com solidéu à cabeça, de blusa gilda e saia godê, usando meias soquetes e sapatinho carinha de bebê. Perguntou:

– Você sabia, tio Raymundo, que a rapaziada está a fim de fazer um protesto contra as saias das aluninhas do colégio Lourenço Filho e do São João? É porque mesmo a gente assobiando para chamar redemunho, as danadas dessas saias não levantam mais é de jeito nenhum!

Narcelinho deu um sorriso maroto – “Que brotinho, hein...” – e acabou por me dizer algo que em nada me surpreendia: “Tio, afora o cinema, eu gosto mesmo é do rádio... Eu amo o rádio!”

Quando perguntei que programas costumava ouvir, respondeu-me: “Coisas que o tempo levou”, “Bazar de música” e a “Hora da Saudade”, todos da *perrenove*.^{[106](#)}

– Mas quem é que apresenta esses programas?

– O *speaker*? É o papai^{[107](#)}! Para ele, o rádio nem é mais trabalho, mas um vício!

Tinha que ir-me. Antes, sabendo de sua curiosidade pelas coisas da cidade, puxei um exemplar de meu livro para entregar-lhe. Observando a

capa, lembrou-se:

– *Cadeiras na calçada...* Você sabia que minha mãe chama a Aldeota de *cemitério dos vivos*, porque diz que por lá ninguém quer saber de pôr as cadeiras nas calçadas?

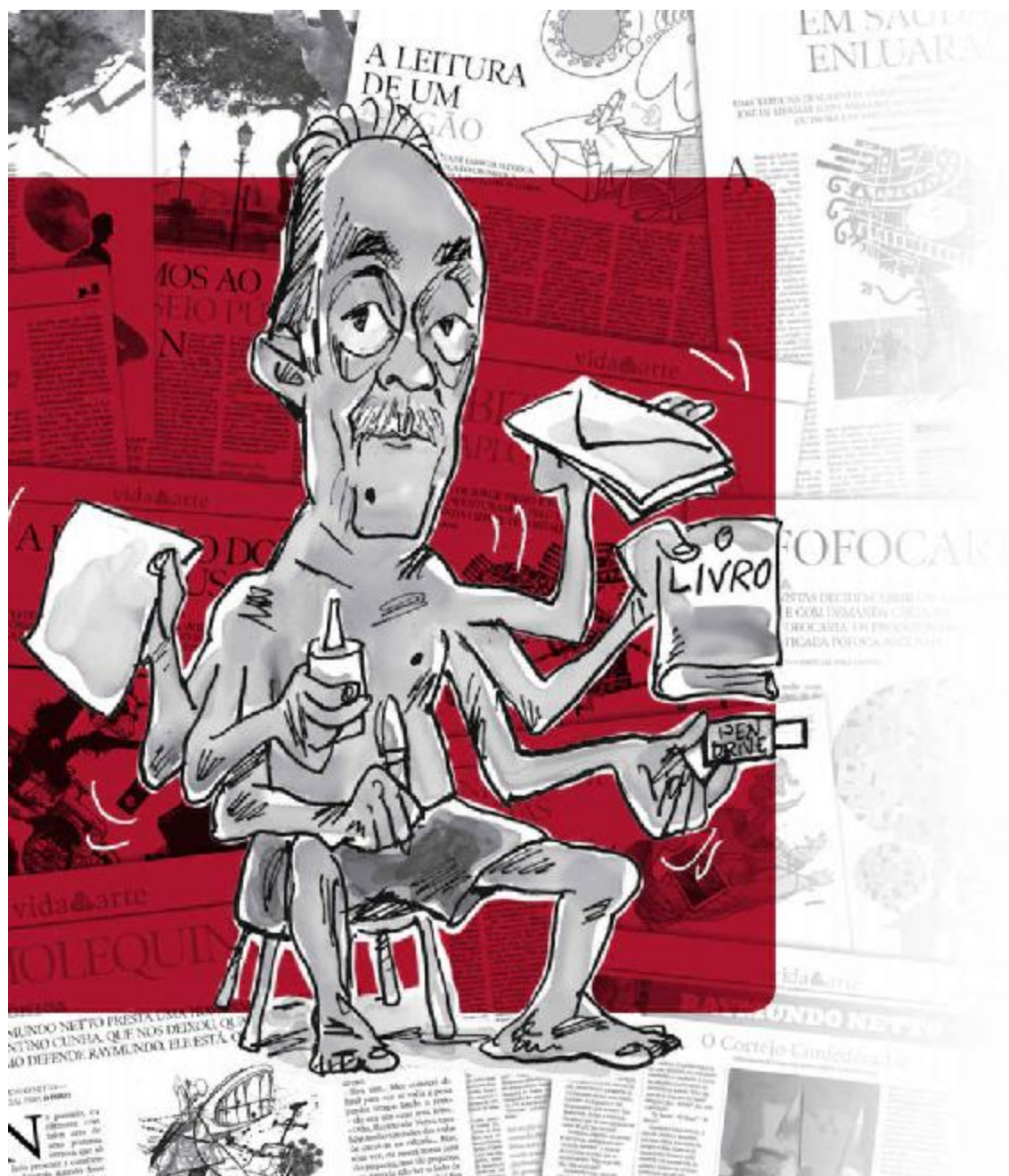
Não, eu não sabia, assim como não sabia o que fazer com Narcelinho, afinal, o menino teria que esperar muito até que o cine São Luiz retornasse as suas atividades¹⁰⁸.

Parecia não se importar. Enquanto não abrisse, ele bateria perna, encontraria outros meninos, como o Paulo, o Augusto, o Irapuan e o Blanchard¹⁰⁹, e iriam ao parque Shangai da praça José de Alencar, à Feira da Mocidade da praça do Liceu, à Festa da Imprensa no Passeio Público, passariam no *La conga* para alugar calções de banho e pulariam no mar de Iracema ou mesmo, na pior das hipóteses, ficariam naquela praça, acompanhando os casais morcegando nos bondes.

– Tio Raymundo, não tenho pressa para ir a canto nenhum, afinal, *a gente enverga, mas não quebra!* Tudo o que quis na minha vida, felizmente eu consegui. Minhas maiores paixões e amores nunca me abandonaram, assim como eu nunca as abandonei. Trabalho há anos naquilo que me dá sentido à vida, e se me perguntassem, faria tudo de novo. Só espero e torço para não ser por minha voz, no ar e ao vivo, o anúncio do fim do mundo!

Narcélio Limaverde (1931) nasceu em Fortaleza, Ceará. É radialista e jornalista, esposo de Helenira e pai de Sérgio, Adriana, Vlândia e Narcélio Filho. O *locutor dos brotinhos* atuou em diversas emissoras de rádio em Fortaleza, entre as quais, a *Ceará Rádio Clube*, **O POVO FM**, *Dragão do Mar*, *Uirapuru*, *Assunção* e *Verdes Mares*. Foi eleito, em 1986, o deputado estadual mais votado no estado, com cerca de 40 mil votos. Memorialista, é autor de *Fortaleza: histórias e estórias: memórias de uma cidade*, *Senhoras e senhores: histórias do rádio e da TV dos anos 50* e *Fortaleza antiga*. É também o primeiro apresentador de TV do estado (TV Ceará canal 2). Em 2010, em comemoração aos seus 56 anos de exercício em rádio, recebeu, como homenagem da Assembleia Legislativa do Ceará, a montagem de um painel histórico na sede da FM Assembleia 96,7 MHz (a primeira rádio de uma Assembleia Legislativa a operar em frequência modulada), na qual tem um programa diário onde, além de informações, notícias, curiosidades, utilidade pública e entrevistas, transmite o quadro “Fortaleza antiga”¹.

[1](#) N. do A.: Programa sucesso de audiência, do qual sou ouvinte cativo.



Niltocopus

26 de julho de 2013/2014

No meio de uma correria dos diabos, uma moradora faladeira do Monte Castelo veio me chamar, pois *aquele nosso novo vizinho*, o Nilto Maciel, estava preso fora de casa. Preso? Fora de casa? Como? Fui lá.

Na calçada, algumas pessoas espremiavam as oíças no muro, na tentativa de acudir aquele “senhor que morava sozinho e que só botava o nariz fora de casa para receber a correspondência e, vez por outra, pessoas.”

Aproximando-me, também ouvi a sua voz por um combogó:

– Um chaveiro. Podem me chamar um chaveiro? Estou preso aqui. Eu pago.

Conseguiram por ali o tal chaveiro. O rapaz, acostumado com as situações mais estranhas e descabidas, nem nada perguntou. Foi logo descerrando o portão, os cadeados e tudo mais que encontrasse pelo caminho. Entrei em seguida, ouvindo do dono da casa:

– Fecha. Fecha logo. Não deixa ninguém entrar!

Assim o fiz, quando, repentinamente, pasmei: lá estava o Nilto, em cuecas, no pequeno jardim. E, que horror: quase não acreditei quando vi seis braços emergindo de seu tórax magro.

– Tá olhando o quê, Netto? Em casa, eu só ando de cuecas. É pecado? Vou para o inferno por causa disso?

Passado o susto e dispensado o chaveiro, me explicou que estava na lavanderia do quintal, lavando justamente as cuecas, quando um vento inesperado lhe trancou a porta da cozinha. Correu o oitão na esperança de ter deixado a porta da frente aberta. Não deixou. Assim como também não levava o celular com ele – coisa que sempre lhe aconselhava: “Nilto, você mora só, não pode ficar longe de celular!” Daí, pedia socorro aos passantes e curiosos desconhecidos à calçada.

Postamo-nos na sala. Ele, dobrado o joelho sobre o peito, sacudia a cadeira de balanço. Na mesa ao lado, uma canequinha com a logo do *Caffé*

Portuguez. Por trás dele, ao invés da Bíblia, *A Besta Humana*, de Zola. E, sobre este, a estatueta de Nossa Senhora da Palma, padroeira da cidade natal de boa parte de suas mentiras.

Eu, sentado no sofá, bebia a reserva de Coca-Cola, fingindo não estranhar aquela sua inusitada aparência de deusa hindu. Na verdade, sempre nos perguntamos como ele conseguia fazer tanta coisa ao mesmo tempo. Estava aí o *como*!

Tranquilo, pôs-se a falar do atraso que aquela situação lhe causaria – a cada dia acordava mais cedo. Então, ali mesmo cortava folhas de papel com endereços impressos, despejava cola no envelope, guardava um livro a ser enviado para um, outro livro para outro, rabiscava alguma coisa em seu diário – hábito que trazia de menino – e separava os livros que recebia de autores de todo o país. E, quando alguns de seus membros *excedentes* se desocupavam, distraíam-se em *quedas de braços*.

Debochando de meu assombro silencioso, relatou:

– Quando criança, sonhava em ser goleiro profissional do Fortaleza, sabia?

– Sêrio, Nilto? Mas preferiu escrever, não é?

– Pensando bem, Netto, eu preferia ser vagabundo. Era meu grande sonho. Mas não consigo viver sem fazer nada. Vejo as pessoas rezando, fazendo crochê, vendo TV, passeando pelas ruas, sentadas nos bancos, sem nada a fazer, tristes. E é verdade, elas não sabem mesmo o que fazer da vida, do tempo. Tenho muita pena delas. Mas eu não sou assim. Estou sempre muito ocupado, a cabeça fervilhando de ideias para livros.

– E esses personagens, cara, você tira de onde?

– A maioria surge por acaso. Não busco nada, não corro atrás deles. Vêm num piscar de olhos. Não os cato nas ruas. Eles se entregam a mim como folhas mortas, papéis velhos, cacos de vidro, esterco. Acolho alguns. Lapido-os, lavo-os e faço deles arte literária. Outros, porém, não existem nem como ideia ou, se existem, estão bem enterrados ou perdidos nas

páginas de velhos alfarrábios. Fui procurá-los nas enciclopédias, nos dicionários, nas biografias, em compêndios de história. Teci-os com o objetivo de exibir alguns personagens históricos, não como seres superiores, extraordinários, mas tão somente como seres humanos.

Enquanto ele discorria seu falatório quase sempre mirabolante, eu folheava seus diários. Percebi o quanto Nilto era obsessivo por detalhes e números. Contava tudo. Registrava o número de contos, romances, poesias, artigos. Classificava suas colaborações em blogues e revistas de centenas de pessoas. Catalogava o que publicava em seus blogues, site e nas redes sociais. Contava o número de linhas e de páginas de cada livro: “*Vasto Abismo*: 4.680 linhas; *Carnavalha*: 3.750; *A Leste da Morte*: 3.500 linhas.” Além de criar manuais para tudo, como os de passo a passo de seu equipamento tecnológico, cadernos de registro de dados dele, da esposa, das filhas – sempre me falava delas: Fernanda, Menita, Nioche e Tusa –, telefones dos amigos, e-mailing, agenda de rotinas, relação de medicamentos, cardápio e estudos de personagens – bem parecido com *casting* teatral –, registro de e-mails enviados e recebidos, acervo de fotos e vídeos etc. Uma mente enlouquecidamente organizada!

– Tá pensando que é fácil, é? Tá pensando que é fácil? Eu já comi o pão que o diabo amassou! – bradava, olhando para o teto com ar solene. – Desculpe-me o lugar-comum, mas preciso ser bem didático, para não incorrer no pecado da inverossimilhança – depois ria, ao balançar de ombros.

Naquele momento, o carteiro gritava ao portão, empurrando livros e cartas pela goela abaixo de sua caixa de correio. Aí, para mudar de assunto, a respeito da constante pilha de livros que via no sofá – boa parte era de *tufics*, exemplares repetidos –, perguntei:

– Nilto, você precisa mesmo receber todos esses livros? E ainda escrever sobre eles? Não é melhor usar o seu tempo para concluir o seu romance, dedicar-se a novos contos e projetos?

– Herança de meu tempo de editor. Às vezes, é bom saber o que andam escrevendo. Machado e Shakespeare entenderiam. Tem uns mais difíceis de engolir. Um *saco*. Por isso, tento embromar alguns e alego falta de tempo, morte de parente próximo, incêndio em casa, paralisia nas mãos, cegueira momentânea, doença grave. Digo até que morri, mas eles não acreditam – ri. – Acho que já me consideram imortal.

– É, essa coisa de se dedicar à literatura e de ser escritor não é fácil...

– Também não é difícil. Meu primeiro livro, mirrado, de poucas páginas, capa de causar espanto, sem abas, cheio de erros tipográficos, saiu por uma gráfica de Fortaleza. Paguei a despesa, programei lançamento num bar, convidei amigos da faculdade, do trabalho e vizinhos e me tornei escritor. Simples assim. Por isso tem escritor saindo pelas paredes.

– Mas você conseguiu vários desafetos nessa coisa de resenhar livros, não foi, Niltão?

– Netto, é preciso ser franco em avaliação de arte, como em tudo na vida: nada de ludibriar os iludidos, passar mão na cabeça dos incompetentes, elogiar os medíocres. O copista ou escrevedor pode passar anos e mais anos sendo louvado em jornais, revistas, programas de televisão, blogues, por resenhistas, jornalistas, arcebispos, generais, ginecologistas, deputados, beldades do cinema e da televisão. Pode ganhar prêmios à vontade, cadeiras cativas aqui e ali. Pode ser traduzido para mil e uma línguas e ganhar milhões de dólares. Continuará medíocre para sempre, até desaparecer de vez, ao morrer, como se nunca tivesse existido, como se nunca tivesse escrito uma só página.

Levantou-se, foi à cozinha tomar seu remedinho com um gole de água. Levava a efeito, fielmente, os horários. Há tempos não bebia nem fumava e evitava sair para não esquecer de cumprir a sua rotina de tratamento. Queria viver para escrever e publicar muito. Estava numa ânsia de livros, produzindo como nunca. Na volta à sala, após concluir uma roufenha cantarolada “Dez anos”¹¹⁰ de araque, continuou:

– Os escritores daqui gostam de andar juntinhos, de mãos dadas, embora em seus sonhos matem uns aos outros. E isso, sabe por quê? Por causa do mercado literário que é como um disco voador: todo mundo diz que vê ou viu, todo mundo é doido para dar uma voltinha ao redor da galáxia, mas a vidinha cá na terra de Alencar continua tão difícil para o escritor de hoje quanto era no tempo dele.

– Pois é, Nilto, mas o escritor não precisa viver nessa fixação de publicar, de se lançar o tempo todo. É muito bom ir devagar, duvidar de si mesmo, insistir na leitura autocrítica, ouvir os colegas mais experientes, ler sempre que possível autores variados. Você tem uma carreira de muitos livros, de prêmios, conhece muita gente no Brasil, tem seu trabalho reconhecido e, sendo agora aposentado, tem a vida inteira para se dedicar ao ofício.

– E por isso eu escrevo todo dia, leio todo dia. Acordo cedo para ver o sol queimar o chão, para me ver dentro do espelho (embora me saiba feio), para esperar a visita (esperada ou inesperada) das moças de corpo e sangue expostos ao meu vampirismo de esteta. Todo dia me correspondo com meus amigos, que são centenas. Não falarei deles, porque eles falam de mim a toda hora e estão quase toda noite em minha casa, a fuçar meus livros raros, a me pedir prefácios e resenhas, a me fotografar e filmar, a fazer perguntas enigmáticas. Mas, como santo de casa não faz milagre, nenhum deles me chama de grande escritor, contista fabuloso, romancista de primeira linha, essas coisas que diz todo leitor sabido.

Difícil não rir diante da indireta no queixo. Mudei de assunto, lembrando de uma viagem nossa para evento em Limoeiro¹¹¹, na qual foi surpreendido com homenagem – não confessava, mas adorava as homenagens:

– E quando iremos viajar novamente, Nilto? Não sente falta de sair um pouco da cidade?

– Nunca me interessei muito por conhecer as cidades. Prefiro ficar em casa, a escrever, mexer e remexer nos meus textos. Como não bebo mais, não me sinto à vontade em ambientes festivos. Mas sabe do que eu gosto mesmo? É de pensar. Por isso eu vivo penso, torto. Dizem que quem muito pensa fica torto. Fiquei torto muito cedo. Ou nasci assim. De vez em quando me dá uma reina de pato doido e saio por aí, para ver o mundo, as pessoas. Mas volto logo para casa com saudade de mim.

– Tem algum novo plano em vista?

– Não só um. Infinitos. Inclusive de dominar o mundo, ficar riquíssimo, cercado pelas mulheres mais bonitas do Planeta e de publicar *bestsellers*. Mas vou precisar de sua ajuda, por que eu não entendo nada de editais, nem de projetos, nem de prestação de contas e não sei contar piadas – e largou uma estrondosa e comprida risada de mentirinha – aha-ha -ha-ha-a-ha... –, enquanto as mãos corriam pelos teclado do computador, à boca da impressora e empurrando um *pen-drive* teimoso: – Acode-me, são Webston¹¹²!

– E você precisa mesmo disso tudo, Nilto? Não está bem como está?

– Olha, não sou um homem realizado. Se me realizar, terei chegado ao topo do Everest, à beira do abismo, ao fim da picada. Certamente Camões sonhava outros lusíadas; Dante, outros paraísos; Shakespeare, novos otelos. Não, não sou satisfeito comigo, nem com o mundo. Tudo está para ser feito, realizado. Mesmo assim, hoje acordo satisfeitíssimo porque alcancei minha alforria mental, libertei-me das muralhas de Jericó, da moral puritana, das crenças infantis de paraísos perdidos.

Levantou-se novamente e me pediu para acompanhá-lo à cozinha. Abriu a porta da geladeira, ofereceu-me uma coisa ou outra e de novo mais Coca-Cola. Afastava os pratos e talheres sujos, que guardava lá dentro – para evitar as baratas –, e me falou das últimas visitas, dos últimos telefonemas. Criticava, elogiava, perguntava se havia lido o livro tal ou aqueloutro recém-lançado. Insistia, por pura molecagem, em perguntar se eu queria que

ele escrevesse elogios ao meu livro que, por sinal, não gostou. “Mas de jeito nenhum!”, respondi. Daí, me contava as histórias mais absurdas de resenhas e prefácios pedidos por encomenda.

Fomos ao quarto do quintal, onde a manivela de um antigo mimeógrafo pedia *intercâmbio*¹¹³:

– É isso, Nettó, deixemos a vida alheia para lá. Cuido eu da minha, cuida você da sua. E por falar em minha vida, você sabe que me tornei quase um animal doméstico. Uma espécie de cão sem dono, trancafiado numa casinha de madeira, quase sempre com a coleira atada à argola do muro. Minha missão, porém, não é rosar e afugentar ladrões ou intrusos. É escrever meu epitáfio, dia e noite, num escreve e apaga sem fim, no chão, no muro, na baba, no céu, na cabeça. Afinal, meu caríssimo amigo, sou marginal da literatura, um escritor de poemas, contos e romances. Há muito deixei de sonhar com glórias e famas. Tudo isso é passageiro. O que é bom fica, permanece. Sem precisar de muletas, fanfarras, galardões ou medalhas.

Nilto Maciel (1945-2014) nasceu em Baturité, Ceará. Foi um dos fundadores da revista *O saco*, em 1976. Morou durante muito tempo em Brasília, retornando ao Ceará em 2002. Editou a revista *Literatura: revista do escritor brasileiro*, de 1992 a 2008. Premiado autor de livros de poesias, contos, romances, novelas e ensaios, como *Tempos de mula preta*, *Punhalzinho cravado de ódio*, *A última noite de Helena*, *Os luzeiros do mundo*; *Luz vermelha que se azula*, *Pescoço de girafa na poeira*, *Guerreiros de Monte-Mor*, *Como me tornei imortal: crônicas da vida literária* e *Vasto abismo*, entre outros. Participou de diversas antologias e organizou, com Glauco Mattoso, em 1977, *Queda de braço: uma antologia do conto marginal*. Mantinha alguns blogues, como o *Literatura sem fronteiras*. As falas de Nilto, na crônica, foram extraídas e adaptadas de entrevistas, e-mails e da obra do autor.

Notas

- [1](#) Clotilde é o nome da filha de Rachel, homenagem à mãe Clotilde Franklin de Queiroz. A menina faleceu com pouco tempo de vida e Rachel não teve mais filhos.
- [2](#) Referência à estátua do general Tibúrcio, que fica quase ao lado da estátua da Rachel, em um panteão na praça dos Leões, sendo a do general a primeira erigida em Fortaleza, em 1880.
- [3](#) O Assis da Gentilândia.
- [4](#) Angela Gutiérrez, professora da Universidade Federal do Ceará, membro da Academia Cearense de Letras e autora de diversos livros, entre os quais *O mundo de Flora*. Na época, uma das responsáveis pela Casa de José de Alencar, ao lado da profa. Vera Lúcia Albuquerque de Moraes.
- [5](#) O gabinete da Prefeitura de Fortaleza voltou a ocupar o Paço Municipal (Palácio do Bispo), no Centro, em 2010, durante a gestão de Luizianne Lins.
- [6](#) Com a construção da nova sede, em 2000, o prédio antigo foi demolido.
- [7](#) Referência à estátua de d. Pedro II, localizada na praça Caio Prado, mais conhecida por praça da Sé, diante da Catedral Metropolitana de Fortaleza, desde 1913. Tinha a seu lado o antigo prédio do Fórum Clóvis Beviláqua.
- [8](#) Trocadilho entre os “Magalhães”: Gonçalves de Magalhães, poeta protegido do imperador d. Pedro II e opositor intelectual de Alencar; e Juraci Magalhães, prefeito de Fortaleza quando da implantação da estátua de Iracema na lagoa de Messejana, em 2004.
- [9](#) A luneta mágica faz parte de uma das crônicas de *Ao Correr da Pena*. Dizia o autor que a relíquia, comprada por uma bagatela no “estabelecimento óptico do Reis, à Rua do Hospício n.º 71”, quando colocada nos olhos, o permitia ler na boca das pessoas, “em letras encarnadas”, o que elas realmente pensavam dele.
- [10](#) N. do A.: Coisa que era feita naquele tempo (2007) e que nós, o Poder Público e a nossa omissão, continuamos a permitir que façam nos dias atuais.
- [11](#) Metrofor: Metrô de Fortaleza, quase uma lenda na cidade, projeto cujo plano inicial e estudos datam da década de 80, do século XX.
- [12](#) Na época, o autor se referia à demolição da estação de Parangaba, dada como certa de acontecer para permitir a passagem dos trilhos do metrô, coisa que, felizmente, devido à contestação e ação popular, não aconteceu. A estação, numa operação engenhosa e arriscada foi “rebaixada”, resultando num cenário esquisito, é verdade, mas se revelando, mesmo assim, como legítimo símbolo de resistência de nosso patrimônio, como poucos, no Ceará.
- [13](#) Quintino Cunha recebeu pelas mãos de d. Manuel II (1889-1932), rei de Portugal, essa medalha, quando em viagem à Europa, como reconhecimento de seu talento poético.

Entretanto, diante das más finanças, contam, Quintino teve de vendê-la.

[14](#) A jornalista Regina Ribeiro, atual editora das Edições Demócrito Rocha.

[15](#) Gregor Samsa é personagem de *A metamorfose*, de Franz Kafka.

[16](#) Último verso do “Soneto 88” de Camões.

[17](#) Eduardo Campos, Artur Eduardo Benevides, Mozart Soriano Aderaldo, Otacílio Colares, Caetano Ximenes Aragão, Sânzio de Azevedo, Pedro Paulo Montenegro e Angela Gutiérrez.

[18](#) N. do A.: A crônica para Eduardo Campos não fez parte da linha das *Crônicas absurdas de segunda*. Foi uma solicitação da editoria do caderno “Vida & Arte” para compor uma série de depoimentos e textos sobre o autor falecido. O relato se deu como lembrança de dias anteriores ao lançamento de meu primeiro livro (2005), momento no qual, excetuando o Ribamar Lopes, pessoalmente eu não conhecia mais ninguém do cenário literário cearense. A inserção desse texto na obra, justifica-se pela lembrança do seu nome e desse momento que muito me significou há 10 anos.

[19](#) N. do A.: “O Teatro Transcendental Cearense” foi escrito com objetivo de homenagear o grupo Comédia Cearense, liderado por Haroldo Serra, que completou, em setembro de 2007, 50 anos de atuação. Por um motivo do qual não recorro, esse texto não foi publicado. Corrigimos a falha, seja ela qual for, incluindo-a neste livro.

[20](#) Trecho de *O demônio familiar*, de Alencar.

[21](#) Carlos Câmara (1881-1939) nasceu em Fortaleza, Ceará. Fundador do Grêmio Dramático Familiar (1918) e um dos fundadores da Associação Cearense de Imprensa (ACI), foi também jornalista e advogado. As suas peças estão na lista das mais populares e irreverentes da história do teatro no Ceará. *O casamento de Peraldiana*, *A bailarina*, *Zé Fidélis*, *Pecados da mocidade* e *Os coriscos* são algumas delas. Nas noites sem luar, diante da escuridão que tomava a praça do Ferreira, alguns estudantes, boêmios e artistas costumavam arriscar o banho no cacimbão público. No meio deles, o moço Carlos.

[22](#) O Passeio Público, antigamente, era dividido em três *avenidas*: a Caio Prado (a que restou e era destinada à elite), Carapinima (para a classe média) e a Mororó (para operários e prostitutas).

[23](#) Adriano Espínola (1952) nasceu em Fortaleza, Ceará. Poeta, contista e ensaísta, autor de *Beira-Sol*, *Fala*, *Favela*, *Táxi* e *Malindrânia*, lançou a primeira edição de seu *O lote clandestino*, na época, mimeografada.

[24](#) A Feira do Sebo, promovida pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, com o apoio da Associação Brasileira de Bibliófilos (ABBi) e do Centro Cultural Adolfo Caminha (CCAA), acontecia mensalmente e tinha por objetivo levar o livro, a leitura e a literatura até as praças do estado – além de Fortaleza, aconteceu em Juazeiro do Norte e Aracati – por meio da democratização e comercialização de livros/folhetos de cordéis e de programação que incluía palestras, apresentações artísticas, exibições de filmes, bate-papo com escritores, exposições de livros e cordéis e homenagens a personalidades literárias. Teve apenas 6 edições.

[25](#) Texto baseado em *Um conto de Natal*, de Charles Boz Dickens (1812-1870), no qual Ebenezer Scrooge nos é apresentado como um velho avaro, egoísta e solitário que detesta o período natalino. Uma noite, recebe a visita sequencial de três fantasmas – do passado, do presente e do

futuro – que irão fazê-lo refletir sobre a sua vida, descobrindo os motivos de sua amargura e tentando evitar seu futuro trágico.

- [26](#) N. do A.: As torres de concreto, assim como os viadutos, anexos de *shopping* e outras obras de não-natureza continuam crescendo impunemente em torno do manguezal do Cocó, já repleto de caranguejos suicidas, além dos “samurais” – que mergulham as fuças, se as têm, em gás lacrimogênio.
- [27](#) Julio Cortázar (1914-1984), escritor argentino, autor de *O jogo da amarelinha*, entre outros.
- [28](#) Lucineide Souto (1945), poeta, contista e pesquisadora, natural de Crateús, Ceará, havia lançado, em 2004, pela coleção Terra da Luz, seu livro de contos *Chame os meninos*, no Mercado dos Pinhões.
- [29](#) Nome artístico do poeta, cordelista e pesquisador quixadaense Antônio Carlos da Silva (1966), membro da Academia Brasileira de Cordel e da Sociedade dos Amigos de Rodolfo Teófilo (Sociarte).
- [30](#) Trecho de “A Valsa”, de Ribamar Lopes para *Quinze casos contados*.
- [31](#) Adaptação para os versos de Firmino Teixeira do Amaral.
- [32](#) Movimento Proparque: organização voluntária, não governamental, sem vínculo partidário ou ideológico, de conservação e qualificação do parque ecológico Rio Branco em Fortaleza, responsável por diversos projetos culturais, ambientais, de cidadania e qualidade de vida. Na sua coordenação: o jornalista Ademir Costa e Luiza Vaz.
- [33](#) Prefixo da *Rádio Educadora Jaguaribana*, na qual Jorge Pieiro, adolescente, mantinha, ao lado de amigos, um programa dominical.
- [34](#) *Eu* foi, durante algum tempo nas folhas de **O POVO**, o protagonista das crônicas de Pieiro.
- [35](#) *Jorlan Pinguim*: **Jorge Alan Pinheiro Guimarães**.
- [36](#) Anões de pele laranja e cabelos verdes, ajudantes de industrial Willy Wonka, personagens de Roald Dahl (1916-1990) no conto “Charlie e a fábrica de chocolate”, adaptado depois para cinema.
- [37](#) N. do A.: Na realidade, essas crônicas sempre me trouxeram respostas, sim, e as melhores possíveis, pois me apresentaram familiares, amigos, conhecidos, pessoas que faziam parte do universo do *personagem-autor* escolhido. Recebi e-mails e/ou telefonemas de, então, desconhecidos, presentes, obras raras, revelações antes abafadas pela aparente inutilidade da informação. Não posso deixar de dizer o quanto sou grato a cada uma dessas pessoas que a literatura me trouxe de presente.
- [38](#) Apelido pelo qual Milton Dias chamava a amiga e escritora Alba Frota (1906-1967), morta no acidente que também vitimou Castelo Branco, o ex-presidente da República.
- [39](#) Referência ao padre Adelir de Carli, sacerdote ativista dos Direitos Humanos. Em 20 de abril de 2008, decidiu fazer um voo, a partir do Paraná, amarrado por balões a gás hélio. As condições climáticas fizeram com que perdesse a rota. Seu único guia era apenas um aparelho de GPS. Em seu último contato, por celular, com a equipe que deveria monitorá-lo, pedia ajuda na utilização do GPS. Porém, a bateria do celular estava descarregando e ficou perdido. Foram feitas várias buscas e nada. Em 3 de julho daquele ano, um corpo foi encontrado no litoral do

Rio de Janeiro. O Instituto Médico Legal, após exames de DNA, confirmou ser aquele corpo o do padre desaparecido.

- [40](#) De fato, naquele período, os jornais da cidade estavam repletos desses acontecimentos quase simultâneos: a mudança climática, uma noite de relâmpagos e escandalosos trovões, misteriosos tremores de terra em Sobral, uma peste de gatos e de dengue na cidade, a descoberta de ossadas durante a restauração da igreja de Nossa Senhora do Rosário, a demolição das casas da rua Justiniano de Serpa, a morte do poeta por atropelamento e, logo em seguida, um apagão em Santana do Acaraú, cidade natal do escritor.
- [41](#) Ateneu São Bernardo: escola em Russas onde estudou Carvalho.
- [42](#) *O bicho-homem*, música de Raimundo Fagner sobre o poema de Francisco Carvalho.
- [43](#) N. do A.: A nutricionista Taciana Carvalho, filha de nosso querido poeta, chegou a apresentar esta crônica a ele, quando publicada em **O POVO**. Generoso, enviou-me, por meio de Taciana (uma atual amiga), vários títulos de sua lavra, devidamente e inesquecivelmente autografados.
- [44](#) Aparecida Cordeiro, Valdir Nóbrega, as irmãs Ângela e Adriana Nóbrega, Inês Pinheiro, Maria Helena Pinheiro, Aída Matos Montenegro, Ingrid Schwamborn, Tércia Montenegro, Glauco Sobreira e Pedro Salgueiro.
- [45](#) Gregório de Matos (1636-1696), Augusto dos Anjos (1884-1914), Clarice Lispector (1920-1977) e Gonçalves Dias (1823-1864), personagens de, respectivamente, *Boca do inferno*, *A última quimera*, *Clarice e Dias & Dias*, títulos de autoria de Ana Miranda.
- [46](#) Personagem de *Lig e o gato de rabo complicado*, infantil de Ana Miranda, companheiro de Lig, um menino que tem a mania de usar palavras escritas ao contrário, como o miado de seu gato, por exemplo.
- [47](#) *Dias & Dias* foi uma das obras elencadas pelo Vestibular da Universidade Federal do Ceará (UFC).
- [48](#) Marlui Miranda (1949) nasceu em Fortaleza, Ceará. É cantora, compositora, pesquisadora da cultura indígena brasileira e intérprete de sua música, com um original e raro acervo de shows e discografia. É irmã da Ana.
- [49](#) Audifax Rios nasceu em Licânia, antiga denominação de Santana do Acaraú. No texto, a descrição da capa do livro de Ciro Colares, ilustrada, na época, por Audifax.
- [50](#) Membros Oficiais da **Academia do Beco**: Dedé de Castro, Sales Andrade, Audifax Rios, José Domingos Alcântara, César Coelho, Rogaciano Leite Filho, Raimundo Araújo, Estrigas, Carvalho Nogueira, Gervásio de Paula, Morais Né, Narcélio Limaverde, José Augusto Lopes, Blanchard Girão, Pedro Mallmann, Luís Sérgio Santos, Lustosa da Costa (que também tem no peito outro beco), Juarez Temóteo, Carlos Paiva, carteiro Francisco, lixeiro José, Ciro Colares e Airton Monte.
- [51](#) José Edmundo de Castro (1921), o Dedé de Castro, jornalista natural de Itapipoca, faleceu em 9 de fevereiro de 2015, aos 93 anos.
- [52](#) Dimas Macedo (1956), poeta, membro da Academia Cearense de Letras, nascido em Lavras da Mangabeira.
- [53](#) Juarez Leitão (1948) é cearense de Novo Oriente. Historiador, poeta e cronista, membro da Academia Cearense de Letras.

- [54](#) Fome Zero: programa do governo federal brasileiro, criado em 2003, para o enfrentamento da fome e promoção da garantia da segurança alimentar.
- [55](#) Personagens, tipos populares da memória do cotidiano da cidade de Fortaleza.
- [56](#) Espécie de concurso público que visa à democratização dos recursos do Fundo Estadual de Cultura (FEC), para o fomento de bens, produtos e serviços culturais nas várias regiões do estado do Ceará, recebendo e selecionando projetos e ações nos diversos segmentos culturais e linguagens artísticas.
- [57](#) *Sereia de Ouro*, na verdade. Troféu oferecido pelo Sistema Verdes Mares de Comunicação a personalidades cearenses de diversos segmentos.
- [58](#) Pessoa Anta (1787 - 1825) nasceu em Granja, Ceará. Comerciante e pecuarista, foi um dos membros da Confederação do Equador, executado em Fortaleza com os demais integrantes no Passeio Público. Claro que a menção ao seu nome foi um trocadilho, mais uma graça de Augusto Pontes.
- [59](#) N. do A.: O referido processo, em 2015, atinge seus 17 anos, um rapagão incompetente, irresponsável e sem futuro.
- [60](#) *Podres poderes*, música de Caetano Veloso.
- [61](#) Referência à desobrigação do diploma para o exercício do ofício de jornalista.
- [62](#) Oswald Barroso (1947), premiado poeta, jornalista, pesquisador, folclorista, roteirista e redator de TV e cinema e teatrólogo. Foi colaborador, repórter de cultura e articulista no jornal **O POVO**. Participou do Grupo Independente de Teatro Amador (Grita), da Companhia Boca Rica de Teatro, além de diversos projetos culturais de relevância no estado do Ceará. Tem livros publicados em gêneros distintos, e contribui em antologias. É filho do poeta Antônio Girão Barroso e de Alba Cavalcante Barroso.
- [63](#) Ary Sherlock (1930), nascido em Sobral, Ceará, é ator de cinema, teatro e TV.
- [64](#) Membros da Coordenação do Patrimônio Histórico e Artístico da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará.
- [65](#) Poeta de Meia-Tigela, codinome de Alves Aquino (1974), nasceu em Fortaleza, Ceará. É escritor e editor da revista *Mutirão*.
- [66](#) Grupos culturais convidados para participar do cortejo.
- [67](#) Ana Triste (1789-1874): como passou a ser chamada a viúva de Tristão de Alencar Araripe (1789-1825), revolucionário da Revolução Pernambucana (1817) e da Confederação do Equador (1824), brutalmente assassinado pelas tropas imperiais.
- [68](#) Ponto de Cultura: Programa do governo federal, por meio do Ministério da Cultura (programa Cultura Viva), que promove o estímulo às iniciativas culturais da sociedade civil já existentes, por meio da consecução de convênios celebrados após a realização de chamada pública.
- [69](#) N. do A.: O prefeito da cidade, alguns diziam “dono” dela, tamanho o tempo em que estava no poder, tinha como símbolo pessoal, inclusive de campanha, uma vela acesa. Mandou construir em alvenaria uma vela gigante na entrada e na saída da cidade. A vela da saída de Granja estava com a sua *chama*, que era de metal, caída no chão, sinal de que a cidade estava às escuras, perceptível pela insatisfação e desânimo de seus moradores. Essa crônica, ao ser

publicada, tomou conta de diversos blogues granjenses e, contaram-me, foi pregada na porta de órgãos da prefeitura e em locais visíveis da cidade, como protesto.

- 70** N. do A.: escrevi esta crônica a partir de uma primeira visita à Granja Castelo, residência-mor da dona Lúcia, que me recebeu, apresentou-me seu jardim e suas aves coloridas, além de oferecer os famosos doces da casa. Contou-me histórias de família, alguns relatos surpreendentes da construção do jornal **O POVO**, e, como de costume, enalteceu a figura daquele pai inesquecível e singular. A crônica, ao ser publicada, rendeu um telefonema afetivo, farto de uma doçura filial invejável. Desde então, vez ou outra, anunciavam-me ao telefone: “Dona Lúcia vai falar com você.” E ela, leitora exigente do jornal que viu nascer, comentava o texto e assegurava: “Estou recortando as suas crônicas e guardando, viu?”
- 71** Adísia Sá (1929) nasceu em Cariré, Ceará. Jornalista, radialista, escritora e professora, foi uma das fundadoras do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC). Trabalhou em diversos jornais cearenses, entre eles, em **O POVO**, onde, em 1994, assumiu o cargo de *Ombudsman*. Tem livros publicados nas áreas de jornalismo, filosofia e literatura.
- 72** Lúcia Dummar (1917-2013), segunda filha de Demócrito Rocha e Creuza do Carmo Rocha. Apenas após a morte do pai – não saía de seu lado, quando enfermo – casou-se com João Dummar, comerciante e pioneiro da radiodifusão no Ceará. É a mãe de Demócrito Dummar, Lúcia Maria, João Dummar Filho, Albanisa Lúcia, Lúcia Helena e Carmen Lúcia.
- 73** A revista/suplemento *Maracajá*, publicada pelo jornal **O POVO**, em 1929, foi o veículo que apresentou ao Brasil o que havia de modernismo no Ceará, promovendo e divulgando seus principais cultores.
- 74** Demócrito Rocha era um grande admirador do Esperanto, a língua inventada mais popular do mundo, criada por Ludwig Zamenhof (1859-1917)
- 75** A Ceará Rádio Clube, PRE-9, é a pioneira na radiodifusão no Ceará.
- 76** Quatro ases e um curinga, grupo vocal e instrumental originalmente formado pelos irmãos Evenor (1915-2002), José (1921-2005) e Permínio (1919) Pontes de Medeiros, André Batista Vieira, o *Melé*, e Esdras Falcão, o *Pijuca*, antes se denominava *Bando cearense*. Após uma apresentação na Ceará Rádio Clube, Demócrito Rocha os aconselhou a mudar o nome para *Quatro ases e um melé*. Ao chegar ao Rio de Janeiro, César Ladeira, diretor da rádio Mayrink Veiga, contratou o grupo para tocar em horário nobre em sua emissora, solicitando, porém, que adotassem o nome *Quatro ases e um curinga*, pois o termo *melé* não era bem conhecido dos cariocas. Depois, com indicação de João Dummar, marido de Lúcia Dummar, conseguiram contrato na rádio Tupi e, posteriormente, na rádio Nacional. Gravaram pela Odeon e RCA Victor, atuaram no badalado *Cassino Copacabana* e participaram de seis filmes de cinema. O grupo se tornou um dos maiores sucessos musicais da Era de Ouro do Rádio. Em 20 anos de carreira, gravaram 100 discos em 78rpm.
- 77** Creuza do Carmo Rocha (1897-1974), esposa de Demócrito Rocha e mãe de Albanisa e Lúcia. Foi diretora-presidente do jornal **O POVO** de 1968 a 1974.
- 78** Denominação que Demócrito Rocha dava à sua pistola. Depois do episódio da tocaia e agressão por policiais, não mais saía de casa sem ela.
- 79** N. do A.: alter-ego inventado pelo Poeta de Meia-Tigela para sobreviver nesse plano terreno.

- [80](#) Ana Miranda (1951).
- [81](#) Tércia Montenegro (1976).
- [82](#) Sânzio de Azevedo (1938).
- [83](#) Pedro Salgueiro.
- [84](#) N. do A.: Não sei, realmente, onde estávamos que deixamos estragar tudo!
- [85](#) Nilto Maciel (1945-2014), nascido em Baturité, Ceará, um dos criadores da revista *O saco*, editor da *Literatura: revista do escritor brasileiro*, e autor de diversas obras, entre contos, ensaios, poemas, romances e novelas; Pedro Salgueiro (1964), nascido em Tamboril, Ceará, é contista e cronista, autor de *Valores do inimigo* e *Inimigos*, entre outros; Poeta de Meia-Tigela (1974) nasceu em Fortaleza, Ceará, autor de *Memorial de Bárbara de Alencar & outros poemas* e do *Concerto n.º INico em mim maior para palavra e orquestra*; Carlos Roberto Vazconcelos (1967) nasceu em Tianguá, Ceará. É mediador do projeto *Bazar das letras do Sesc*, membro do grupo Abraço literário e autor do livro de contos *Mundo dos vivos* e do romance *Os dias roubados*; Carlos Nóbrega (1964) nasceu em Fortaleza, Ceará. Poeta, é autor de *Outros poemas*, *Breviário* e *Árvore de manivelas*, entre outros; e Astolfo Lima Sandy (1952) nasceu em Sobral, Ceará. Autor de *Mão de martelo e outros contos* e do romance *Exuberante pós-nada: itinerário ilógico da razão*.
- [86](#) Frase de Augusto Pontes.
- [87](#) Raymundo Netto, na época, coordenador da Políticas de Livro e Acervos da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, foi o curador responsável pela programação desta edição da Bienal, que voltou-se principalmente para a leitura e para as crianças, em busca de autores “afetivos”, criando espaços para o segmento dos quadrinhos e para a participação dos autores, lançamentos e coletivos literários cearenses.
- [88](#) Ary Bezerra Leite é um dos maiores especialistas brasileiros em história do cinema. Foi redator e diretor artístico das emissoras rádio Iracema e Uirapuru, assessor na rádio Assunção, redator de cinema do *Gazeta de notícias* e colaborador do jornal **O POVO**. Foi diretor do Cineclube de Fortaleza e fundador do Cineclube EPAP (Rio de Janeiro). Autor de *Fortaleza e a era do cinema*, *História da energia no Ceará*, *Memória do cinema: os ambulantes no Brasil* e *A tela prateada*.
- [89](#) Monteiro Lobato.
- [90](#) N. do A.: Digo “crônica nº 1” para o jornal **O POVO**, pois a primeira crônica que escrevi se chama “Chuvantiga”, publicada na mesma coluna apenas em 26 de janeiro de 2011.
- [91](#) O autor residia, na época, na avenida dos Expedicionários.
- [92](#) De autoria de Heitor Villa-Lobos, a série *Bachianas Brasileiras* é formada por nove composições.
- [93](#) O grupo Oboé tinha um centro cultural no bairro Aldeota, onde eram realizados lançamentos de livros e outros eventos de natureza cultural.
- [94](#) Na época, Luís Inácio Lula da Silva.
- [95](#) *Biblioteca Pública Lustosa da Costa*, em Sobral. Homenagem feita ao colunista, escritor, grande propagador e defensor da cidade.
- [96](#) Frase que Lustosa costumava repetir com frequência, atribuindo-a à mãe, dona Dolores.

- [97](#) Moacir Costa Lopes (1927-2010) nasceu em Quixadá, Ceará. Autor dos romances *Maria de cada porto*, *Chão de mínimos amantes*, *A ostra e o vento* – que Walter Lima Jr., em 1997, transpôs em filme, cuja canção-tema era de Chico Buarque de Holanda –, *O almirante negro*, entre outros, além de contos, novelas e ensaios. Algumas de suas obras são traduzidas e estudadas em diversos países.
- [98](#) N. do A.: tive a felicidade de, naquele ano, convidá-lo para participar da programação da Bienal Internacional do Livro do Ceará, na qual fez questão de participar em diversos momentos, mesmo quando não era o convidado principal. Ativo, simples e carismático, nem sabia, mas estava se despedindo de seu chão. Todo marinheiro sabe o que isso quer dizer. Ao lado de Pedro Salgueiro, Tércia Montenegro, Jesus Irajacy, Glauco Sobreira e Nerilson Moreira, coeditores da revista *Para mamíferos*, e da pesquisadora Susana Frutuoso, conseguimos homenageá-lo com a publicação no periódico, lançado na Bienal, de uma entrevista, de uma breve biobibliografia e de encarte especial. Sentiu-se radiante e orgulhoso, pois não se via reconhecido em sua terra, como a maior parte dos autores se sentem diante da afamada *indiferença conterrânea*, quase uma tradição por aqui.
- [99](#) Zuila Nóbrega.
- [100](#) N. do A.: Epíteto de minha amiga, confidente e incentivadora Julianne Larens.
- [101](#) 24 de outubro de 2011, data da solenidade de compra do cine São Luiz pela Secretaria da Cultura do Estado do Ceará.
- [102](#) Trecho da rua Guilherme Rocha, entre a Major Facundo e a Barão do Rio Branco.
- [103](#) João Ramos, radioator e diretor do radioteatro, na época, um dos nomes mais importantes do rádio, pelo sucesso, principalmente entre as mulheres, como intérprete em novelas (feitas ao vivo) em que se destacava, algumas delas escritas por Eduardo Campos ou Oduvaldo Viana, além de clássicos, como *O conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas.
- [104](#) Fátima Miris, a “rainha do transformismo”, atração de inauguração do Cine-Theatro *Majestic Palace* (em 14 de julho de 1917).
- [105](#) Reine também declamou no programa de rádio de grande audiência, o “Hora Infantil”, da PRE-9, apresentado por José Cláudio de Oliveira, sendo elogiada inclusive por Genésio Arruda (ator, cantor, compositor, cineasta e radialista, considerado um dos precursores do cinema nacional – ator de “Acabaramse os otários”, de Luiz de Barros, em 1929, primeiro filme sonorizado brasileiro – e da música sertaneja, nascido em 1899 e falecido em 1967. Fonte: *Dicionário Cravo Albim da Música Popular Brasileira*).
- [106](#) A PRE-9 (ou perrenove), a *Ceará Rádio Clube*, a primeira emissora de rádio do Ceará (1934), inaugurada por João Dummar, pioneiro na radiodifusão cearense, também a primeira emissora em que Narcélio Limaverde, em 1º de fevereiro de 1954, ingressou.
- [107](#) José Limaverde foi locutor (*speaker*) pioneiro da radiofonia no Ceará, apresentando alguns de seus maiores programas da PRE-9, a *Ceará Rádio Clube*, que, durante muito tempo, foi a única estação de rádio na cidade.
- [108](#) O que aconteceu em 22 de dezembro de 2014, com badalada reinauguração e exibição do filme *Anastácia*, o mesmo exibido em sua inauguração em 1958.
- [109](#) Paulo Limaverde (irmão de Narcélio), Augusto Borges, Irapuan Lima e Blanchard Girão.

- [110](#) *Dez anos*, de Rafael Hernández, versão de Lourival Faissal, sucesso de Emilinha Borba (conhecida como “garota grau dez”).
- [111](#) Jornada das Letras e I Feira do Livro de Limoeiro do Norte (2011)
- [112](#) Webston Moura nasceu em Morada Nova, mas reside em Russas. Poeta e blogueiro, autor de *Encontros Imprecisos: insinuações poéticas*, era o fiel “consultor técnico” de Nilto Maciel, coeditor do blogue *Literatura sem Fronteiras*.
- [113](#) Nilto Maciel criou o informativo *Intercâmbio*, impresso em mimeógrafo, distribuído pelo autor para escritores residentes em diversos estados brasileiros.

“esse sujeito branquelo, alto e desengonçado, com esvoaçante cabeleira branca, calças quase sempre de cores pouco convencionais, camisetas igualmente com estampas aberrantes, oclinhos de John Lennon a dar realce ao rosto estranho de nariz longo e olhos esbugalhados.”

Um Dândi Pós-Moderno

Difícil alguém não ter ainda avistado pelas ruas de nossa loirinha desmiolada pelo sol esse sujeito branquelo, alto e desengonçado, com esvoaçante cabeleira branca, calças quase sempre de cores pouco convencionais, camisetas igualmente com estampas aberrantes, *oclinhos* de John Lennon a dar realce ao rosto estranho de nariz longo e olhos esbugalhados. Não raro alguém o confunde com um excêntrico estrangeiro, um desses predadores que invadem nossa Fortaleza Voadora durante o ano inteiro atrás de nossos sol, sal e putas. Impunemente, o indiscreto caminhante palmilha rua a rua de nossa provinciana metrópole, bairro após bairro, distribuindo sorrisos e conversando com todos, de singelas donas de casas que varrem calçadas a belas e incautas moças namoradeiras; nosso don juan de subúrbio parece estar em mil lugares ao mesmo tempo.

Eu mesmo conheci esse singular personagem faz 10 anos, quando ia com meu amigo Sânzio de Azevedo para uma festa do livro em Aracati: mal nos sentamos no apertado transporte, quando apareceu – com seu sorriso cativante e a inseparável máquina fotográfica a tiracolo, já se apresentando como escritor recém-publicado – aquele que se tornaria um de meus melhores amigos dos últimos tempos: em poucos minutos o cabeludo resumiu sua vida inteirinha, falou do seu passado de aluno do Colégio Militar de Fortaleza, fisioterapeuta com clínica montada, quadrinista premiado, militante ecológico, também contou dos seus projetos presentes e futuros, deu opinião abalizada sobre dúzia e meia de assuntos, de música popular brasileira a culinária, de política a futebol, isso tudo sem parar um

instante sequer, levantar-se, tirar fotos, perguntar alguma coisa ao motorista e, pasmem, até fazer amizade com o restante dos passageiros do lotação.

Daquele dia em diante nos tornamos amigos de convivência quase diária, além de dividirmos há 8 anos uma coluna alternada e quinzenal no jornal **O POVO**: aprendemos o novo ofício de cronistas na marra, eu – um casmurro ermitão que mal fala e que quase não sai de casa – tive (e tenho ainda) sérias dificuldades; já ele – conversador nato e andarilho de primeira linha, desses que ficam a vontade em qualquer local e com variadas classes sociais dialoga sem assombros – se sentiu em casa. Um dândi a flunar pela cidade, a colher assuntos com sua sensibilidade fina, sua simpatia ambulante, seu sorriso cativante e seus gestos largos. Em pouco tempo estava senhor da situação, zanzando de ônibus com José de Alencar, batendo papo com Milton Dias e, acreditem, sentado na praça dos Leões com Rachel de Queiroz; enfim: costurando o presente e o passado de maneira leve e criativa – mas não se enganem com a espontaneidade do andarilho de óculos redondos e calças listradas, por trás dele se encontra um leitor voraz, um pesquisador cuidadoso e dedicado, amante dos nossos clássicos alencarinos – deles sabe quase tudo, e o que ainda não aprendeu descobre em demoradas ligações para o grande Sânzio de Azevedo, sempre tão disponível a todos que o procuram.

Ao talento literário soma-se uma vocação danada para editar livros, trabalho que faz com um amor só comparável ao que tem pelas duas filhas gêmeas, pelas quais demonstra um comovente amor paternal, orgulhoso e dedicado, desses que lhe marejam os olhos e lhe tremem a fala só de recordá-las.

Todos os que convivem com Raymundo Netto são unânimes em exigir dele uma maior dedicação à literatura: que escreva logo a esperada continuação da sua novela *Cadeiras na calçada* (que faz agora mesmo dez anos de publicação), que lance uma segunda edição do seu inquietante (e premiado) livro de contos *Os Acangapebas*, que, enfim, deixe um tempinho

em sua apertada agenda de trabalho para burilar seus novos textos. E quando cobramos, quase exigimos, ele apenas ri, mas como ele ri de quase tudo e de todos, ficamos na esperança de que não massacre com trabalhos vãos o seu excepcional talento literário.

Felizes já ficamos ao sabermos que, para comemorar os 10 anos de sua estreia em livro e os 8 anos de escritas jornalísticas, ele organizou uma coletânea de suas crônicas d' **O POVO** – especificamente aquelas que tratam de temas literários –, a que deu o sugestivo (e ambíguo) título de *Crônicas absurdas de segunda*.

A esse amigo raro, incansável editor, pai amoroso, escritor com talentos vários, desejamos que lhe venham mais décadas e décadas de crônicas, novelas, contos, quadrinhos, filhos e amores – mas que não deixe nunca de flunar por aí, chafurdando ruas, criando caminhos pelas nossas irregulares calçadas, que não deixe jamais de colocar suas velhas cadeiras nelas, que continue povoando brancas páginas com seus insólitos (e tão nossos) personagens e, principalmente, não deixe de nos brindar a todos – os muitos amigos e até os raríssimos inimigos – com sua presença marcante, criativa, amorosa e terna.

Pedro Salgueiro

Biografia



Foto: Helton Oliveira

Raymundo Netto nasceu em Fortaleza, Ceará, em 29 de junho de 1967.

Estreou na literatura com o romance *Um conto no passado: cadeiras na calçada*, ganhador do I Edital de Incentivo às Artes da Secretaria da Cultura do Estado do Ceará (Secult), sendo lançado em 12 de julho de 2005, na livraria Oboé, com apresentação da historiadora Ivone Cordeiro Barbosa.

Em 2006, ingressou no Conselho Editorial do *CAOS portátil: um almanaque de contos*.

Convidado, desde abril de 2007, publica crônicas no caderno “Vida & Arte” do jornal **O POVO**.

Em 2008, ingressou na Secretaria da Cultura do Estado, onde coordenou, organizou, pesquisou e editou cerca de 100 títulos, sendo a maioria obras esgotadas de autores cearenses de relevância histórica, artística e literária.

Em 2007, a coletânea de contos *Os acangapebas* foi contemplada pelo II Edital de Incentivo à Literatura da Funcet (atual Secretaria de Cultura de Fortaleza). Mais tarde, em 2011, a obra receberia o Prêmio Osmundo Pontes de Literatura da Academia Cearense de Letras, sendo lançado em 30 de maio de 2012, em solenidade na Câmara Municipal de Fortaleza, quando o autor recebeu a Medalha Boticário Ferreira em reconhecimento pelos serviços prestados à cultura na cidade de Fortaleza.

Em 2009, lançou seu blogue *AlmanaCULTURA*, de divulgação de autores, obras e projetos de literatura e artes, compôs o Conselho Editorial da revista *Para mamíferos* e foi um dos fundadores do Fórum de Literatura, Livro e Leitura do Estado do Ceará.

Em 2010, pela Secult, publicou *Cronologia comentada de Juvenal Galeno*, foi membro do Conselho Curador da *IX Bienal Internacional do Livro do Ceará* e redator e elaborador do *I Prêmio Literário Para Autor(a) Cearense da Secult*, que contemplou 110 publicações e incluiu, entre outros, o prêmio Luiz Sá, destinado exclusivamente, pela primeira vez no Ceará, para o segmento quadrinhos.

Em 2011, redigiu o projeto e coordenou a “A Terra da Luz na Claridade”, a *I Feira do Livro do Ceará em Cabo Verde*, África. Passou a integrar, também em 2011, o Conselho da Câmara Cearense do Livro (CCL).

Em 2012, publicou *Centro: “coração” malamado*, pela coleção Pajeú da Secretaria de Cultura de Fortaleza e tornou-se membro da Associação dos Amigos do Museu do Ceará.

É autor dos infantojuvenis: *A bola da vez* (2008), *A casa de todos e de ninguém* (2009), *Os tributos e a cidade* (2011), *A galera se liga em cidadania!* (2014) e *Boto cinza cor de chuva* (2014), todos pelas Edições Demócrito Rocha (EDR).

Atualmente, é editor adjunto das Edições Demócrito Rocha.

Contato com o autor: raymundo.netto@gmail.com

AlmanaCULTURA: raymundo-netto.blogspot.com

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, José de. **Ao correr da pena**. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1955.
- ALMADA, Zenilo. **O bonde e outras recordações**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005.
- AQUINO, Alves de (O Poeta de Meia-Tigela). **Memorial Bárbara de Alencar & outros poemas**. 2 ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.
- AZEVEDO, Otacílio de. **Fortaleza descalça**. 3ed. Coleção Nossa Cultura. Fortaleza: Secult, 2012.
- AZEVEDO, Sânzio de. **Literatura cearense**. Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1976.
- AZEVEDO, Sânzio de. **O modernismo na poesia cearense: primeiros tempos**. 2ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2012.
- AZEVEDO, Sânzio de. **Breve história da Padaria Espiritual**. Fortaleza: Edições UFC, 2011.
- BARREIRA, Dolor. **História do Ceará: história da literatura cearense**. Coleção Instituto do Ceará. Fortaleza: Editora Instituto do Ceará, 1948.
- BARRETO, Lívio. **Dolentes**. 3 ed. Coleção Nossa Cultura. Fortaleza: Secult, 2010.
- BRUNO, Artur e FARIAS, Airton. **Fortaleza: uma breve história**. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2012.
- CALS, Maurício. **O centro histórico de Fortaleza: ensaio fotográfico**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2002.
- CAMPOS, Moreira. **Dizem que os cães veem coisas**. 3 ed. Coleção Saber Nordeste. São Paulo: Maltese, 1995.
- CAMPOS, Moreira. **O puxador de terço**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.
- CAPELO FILHO, José e SARMIENTO, Lidia. **Guia arquitetônico: Fortaleza - Centro**. Fortaleza: Oficina de Projetos, 2006.
- CARVALHO, Francisco. **Memórias do espantalho: poemas escolhidos**. Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, 2004.
- CUNHA, Plautus. **Anekdotes do Quintino**. 20 ed. Fortaleza: editora Angelo Accetti, 1970.

COTOCO, Ramos. **Cantares bohêmios**. Coleção Outras Histórias. Fortaleza: Museu do Ceará/Secult, 2006.

DIAS, Milton. **Relembraças**. 2 ed. Fortaleza: Edições UFC, 2000.

DIAS, Milton. **Cartas sem resposta**. Fortaleza: Edições UFC, 1974.

DIAS, Milton. **Entre a boca da noite e a madrugada**. Fortaleza: Edições UFC, 2007.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. 6ª ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

FONTENELLE, Juca. **Viçosalianas**. Fortaleza: Inesp/Assembleia Legislativa do Ceará, 2002.

JOB, Daniel Carneiro. **Praça do Ferreira: o inédito, o sério, o pitoresco**. 2ª ed. Fortaleza: Funcet/Prefeitura de Fortaleza, 1992.

LIMAVERDE, Narcélio. **Fortaleza antiga**. 2 ed. Fortaleza: Inesp/Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, 2011.

LOPES, Ribamar. **Quinze casos contados**. Fortaleza: Nação Cariri/Livraria Gabriel, 1985.

LUZ, Murilo. **Estórias de caserna**. Fortaleza, 2001.

MACIEL, Nílto. **Quintal dos dias**. Porto Alegre: editora Bestiário, 2013.

MENEZES, Raimundo de. **Coisas que o tempo levou**. Coleção Clássicos Cearenses. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2006.

NOBRE, G.S. **Introdução à história do jornalismo cearense**. Coleção estudos cearenses nº 5. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974.

NOGUEIRA, João. **Fortaleza velha**. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2013.

PIEIRO, Jorge. **Bolha de Osso**. Edição do Caos. Fortaleza: Letra & Música/Imprece, 2007.

PIEIRO, Jorge. **Fragmentos do Panaplo**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1989.

PIEIRO, Jorge. **Caos portátil**. Fortaleza: Letra & Música, 1999.

PINTO, José Alcides. **Trilogia da maldição**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza belle époque: reforma urbana e controle social (1860-1930)**. 5 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2014.

RAYMUNDO NETTO. **Centro: o “coração” malamado**. Coleção Pajeú. Fortaleza: SecultFor, 2013.

RIOS, Audifax (org.) **Ciro, o beco e o circo**. Brasília: Conhecimento Editora, 2008.

SALGUEIRO, Pedro (org.) **“O cravo roxo do diabo”**: o conto fantástico no Ceará. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2011.

SALGUEIRO, Pedro. **Dos valores do inimigo**. Fortaleza: Edições UFC, 2005.

SOUZA, Simone de (org.) **Uma nova história do Ceará**. 4 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.

STUDART, Guilherme. **Dicionário biobibliográfico cearense**. Ed. Fs. Coleção Nossa Cultura. Fortaleza: Secult, 2012.

TAVEIRA, João Carlos. **A arquitetura verbal de Nilton Maciel**. Fortaleza: Impreço, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Coleção Debates. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.



Crônicas Absurdas de Segunda

é, em sua maioria, uma seleção de textos publicados, entre 2007 e 2010, no caderno "Vida & Arte" do jornal **O POVO**. Neles, o autor visita e apresenta a cidade, a reconhece e a provoca por meio da fala (e dos sentimentos) de seus escritores, principalmente os cronistas, contemporâneos ou não, que encontra em bancos de praça, nos ônibus, em parques, nas casas mutiladas, cemitérios ou em meio a desastres e hecatombes de proporções aparentemente absurdas.

